



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS**  
**Especialização: Ensino de Educação Moral e Religiosa Católica**

**ELISABETE MARIA MORGADO LOPES**

## **Deus, Fonte de todo o amor.**

**Uma Reflexão a propósito da Unidade Letiva 1 do 8ºano “O Amor Humano”**

**Relatório Final sob orientação de:**

**Doutor Alexandre Coutinho Lopes de Brito Palma**

**Mestre Juan Francisco Garcia Ambrosio**

**Lisboa**  
**2020**

## **As Sem Razões do Amor**

Eu te amo porque te amo.

Não precisas ser amante,  
e nem sempre sabes sê-lo.

Eu te amo porque te amo.

Amor é estado de graça  
e com amor não se paga.

Amor é dado de graça,  
é semeado no vento,  
na cachoeira, no eclipse.  
Amor foge a dicionários  
e a regulamentos vários.

(...)

Carlos Drummond de Andrade, in *Corpo*

## **Resumo**

Ao longo deste Relatório final faz-se uma análise crítica sobre a Unidade Letiva 1 “O Amor Humano” do 8 ano de escolaridade do Programa de Educação Moral e Religiosa Católica.

Quando se fala de amor, tema recorrente, por ser inerente à existência humana, na maior parte dos casos, fala-se com o sentido de amor romântico/erótico. É também essa a abordagem da Unidade Letiva “O Amor Humano”.

A disciplina de EMRC deveria dar uma visão mais ampla e profunda do amor. O amor humano, também, tem a ver com o afeto, a amizade e a caridade. Além disso, sendo a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, esta deveria dar a visão cristã do amor. Há uma estreita ligação, para os cristãos, entre o amor divino e o amor humano. Esta visão seria uma forma de dar a conhecer a perspetiva cristã do amor e de dar a possibilidade dos alunos percecionarem o dom que é o amor.

Nesse sentido, além da base teológica e pedagógica que fundamentam esta visão, é apresentado um modelo de uma possível reestruturação desta unidade letiva e um plano de aula que foi experienciado durante a Prática de Ensino Supervisionada.

**Palavras-chave:** Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), Deus, Trindade, Amor,

Afeto, Amizade, Caridade

## **Abstract**

During this abstract a critical analysis will be made about the learning unit 1 “Human Love” taken from the School Curriculum of Catholic Religious and Moral Education, concerning year 8.

Love, a recurrent topic, due to the fact that it is inherent in the human existence, is, in the majority of cases, used in a romantic / erotic sense. This is also the approach of love in the learning unit “Human Love”.

The school subject, Catholic Religious and Moral Education, should give us a broader and deeper approach of love. Human love is also related to affection, friendship and charity. Moreover, the subject of Catholic Religious and Moral Education should present a Christian view of love. For the Christians there is a narrow bond between divine love and human love. This view would be a way to raise awareness of the Christian perspective on love and a way to give students the opportunity to perceive the gift which is love.

In this sense, besides, a theological and pedagogical basis which ground that view, a template of a possible restructure of this learning unit and a lesson plan which has been experienced during a supervised learning practise are shown.

**Keywords:** Catholic Religious and Moral Education (EMRC), God, Trinity, Love,

Affection, Friendship, Charity

## Résumé

Tout au long de ce compte rendu final il y a une analyse critique de l'Unité Lective1 «L'Amour Humain» de la 8<sup>ème</sup> année de scolarité du programme de l'Enseignement Moral et Religieux Catholique.

Quand on parle d'amour, sujet récurrent, pour être inhérent à l'existence humaine, dans la plupart des cas, on parle dans le sens d'amour romantique/érotique. C'est aussi cet abordage qui est présent dans l'Unité Lective « L'Amour Humain ».

La discipline d'Enseignement Moral et Religieux Catholique (EMRC) devrait donner une vision plus élargie et profonde de l'amour. L'amour humain a, aussi, un rapport avec l'affection, l'amitié et la charité. En plus, en étant la discipline d'Enseignement Moral et Religieux Catholique, celle-ci, devrait donner une vision chrétienne de l'amour. Il y a une étroite liaison, pour les Chrétiens, entre l'amour divin et l'amour humain. Donner cette vision serait une manière de faire connaître la perspective chrétienne de l'amour et de donner la possibilité, aux élèves, de comprendre le don qu'est l'amour.

Ainsi, au-delà de la base théologique et pédagogique qui soutiennent cette vision, il est présenté un modèle d'une possible reformulation de cette unité lective et un plan de cours qui a été expérimenté pendant la Pratique d'Enseignement Supervisionée.

**Mots-clés:** Enseignement Moral et Religieux Catholique (EMRC), Dieu, Trinité, Amour, Affection, Amitié, Charité.

## **Agradecimento**

Embora as palavras fiquem sempre aquém quando se fala de emoções, elas continuam a ser uma forma de manifestar agradecimentos e reconhecimento.

Agradeço à minha família os valores e o amor com que me educaram e que me ajudaram a ser o que sou.

Agradeço a Deus os dons que me deu para conseguir chegar até aqui, nomeadamente, a coragem e as forças com que me foi brindando ao longo deste caminho.

Por último, agradeço a todos os meus professores que me ajudaram a fazer este percurso académico. Uma palavra de apreço ao professor cooperante António Eusébio, mas sobretudo um profundo agradecimento aos meus orientadores Alexandre Palma e Juan Ambrosio pelo profissionalismo e dedicação com que me orientaram.

## ÍNDICE

GLOSSÁRIO DE ABREVIATURAS .....	7
INTRODUÇÃO .....	8
CAPÍTULO I- A Caminhada na Prática de Ensino Supervisionada .....	11
1. Caracterização da Escola.....	11
2. Caraterização da Turma .....	15
3. Unidade Letiva 1 do 8º ano “O Amor Humano” .....	17
3.1. Reflexão crítica à unidade .....	17
3.2. Lecionação da UL1.....	22
3.3. Conclusões da UL1 – O Amor Humano.....	60
CAPÍTULO II- O Amor.....	63
1. Os quatro tipos de amor .....	63
1.1. <i>Storge</i> – afeição .....	64
1.2. <i>Philia</i> – amizade .....	65
1.3. <i>Éros</i> – amor-romântico.....	67
1.4. <i>Ágape</i> –caridade.....	70
1.5. Os quatro tipos de amor e a sua ligação .....	72
2. O Amor humano reflexo do amor divino.....	77
2.1. Relação entre as pessoas da Trindade .....	77
2.2. Relação entre o ser humano e Deus – Trindade .....	81
2.3. O novo mandamento de Jesus Cristo.....	86
CAPÍTULO III - Reorganização da UL1 do 8ºano .....	97
1. Proposta de reorganização da UL1: "O Amor Humano" .....	97
2. O amor, um caminho para a espiritualidade.....	108
3. Educar para o amor, um percurso para a esperança .....	119
4. Considerações finais sobre a Reestruturação da Unidade Letiva 1 “ O Amor Humano”.....	127
CONCLUSÃO .....	128
BIBLIOGRAFIA.....	132

## GLOSSÁRIO DE ABREVIATURAS

- ADN – Ácido Desoxirribonucleico  
CIC – Catecismo da Igreja Católica  
Cf. – Confronte  
CV – *Caritas in Veritate*  
EB – Ensino Básico  
EFA – Educação e Formação de Adultos  
EMRC – Educação Moral e Religiosa Católica  
EUA – Estados Unidos da América  
Gal – Carta de São Paulo aos Gálatas  
Gn – Génesis  
JI – Jardim de Infância  
Jo – Evangelho de São João  
Lc – Evangelho de São Lucas  
Mc – Evangelho de São Marcos  
Mt – Evangelho de São Mateus  
Pr – Provérbios  
Rm – Carta de São Paulo aos Romanos  
SASE – Serviço de Ação Social Escolar  
Sl – Salmos  
SNEC – Secretariado Nacional de Educação Cristã  
UL – Unidade Letiva  
1 Jo – Primeira Epístola de São João  
1 Cor – Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios

## INTRODUÇÃO

Ser-se professor é, sem dúvida, das profissões mais marcantes. Ao longo dos tempos, mudam-se as perspectivas que se tem do(s) professor(es) mudam-se os métodos de ensino, mas, na sua essência, a função do professor mantém-se: fazer vir ao de cima o diamante bruto que há em cada aluno, fazendo com que este possa brilhar mais, polindo-o. No fundo, a tarefa de um professor é ajudar os alunos a crescerem plenamente nas suas várias dimensões para que tenhamos futuros adultos e cidadãos responsáveis, determinados, esperançosos e alegres.

Para os alunos, não é menos importante, a forma como o professor lidará com eles, poderá determinar o seu futuro. O professor, sobretudo em certos casos, é o elo de ligação com um mundo a que se quer aspirar. Muitos são os casos de alunos que afirma(ra)m que a sua vida dependeu de um dos seus professores. Um dos casos de maior destaque, será o caso do escritor Albert Camus que oriundo de uma família modesta e órfão de pai, conseguiu prosseguir os estudos graças ao seu professor da primária que acreditou nele e que o ajudou. Quando Camus ganhou o prémio Nobel da literatura em 1957, uma das primeiras pessoas que recordou foi esse seu professor. Assim, ele escreve-lhe uma carta em homenagem, onde afirma: “Sem o professor, sem essa mão afetuosa que estendeu à pequena e pobre criança que eu era, sem o ensino que me deu e o vosso exemplo, nada de tudo isto teria sido possível.”<sup>1</sup>

Ao professor é pedido que saiba os conteúdos científicos que vai transmitir, que tenha a curiosidade em aprender cada vez mais, que consiga transpor a curiosidade nos seus alunos e que saiba pedagogicamente lidar com os discentes. Como refere Maurice Tardif: o professor ideal “deve conhecer sua matéria, sua disciplina e seu programa, além de possuir certos conhecimentos relativos às ciências da educação e à pedagogia e desenvolver um saber prático baseado em sua experiência quotidiana com os alunos.”<sup>2</sup>

O professor de EMRC tem uma tarefa acrescida, deve dar um bom testemunho da sua fé na sua vivência diária. Deve ser coerente nas suas ações com aquilo que a disciplina veicula nas aulas de EMRC. Além disso, o professor de EMRC deve ser um porto de alegria, de

---

<sup>1</sup> CAMUS, Albert, "Lettre à son instituteur", in <https://ici.radio-canada.ca/premiere/emissions/plus-on-est-de-fous-plus-on-lit/segments/chronique/37428/albert-camus-nobel> (visto em 08-01-2018).

<sup>2</sup> TARDIF, Maurice, *Saberes docentes e formação profissional*, Vozes, Petrópolis, 2002, p. 39.

abrigo, de esperança, mesmo em momentos difíceis. Deve ser um professor que se sinta entusiasmado por saber que Deus está com ele e transmitir esse entusiasmo. Essa alegria e fé serão determinantes para que desenvolva um bom trabalho.

Enquanto professora de EMRC, o meu objetivo é criar um ambiente de bem-estar, onde os alunos possam apreender com alegria e entusiasmo os conteúdos programáticos e abordar dúvidas que os possam assolar, com a finalidade de ajudar ao crescimento pleno destes futuros adultos. Pretendo ainda que haja momentos de reflexão, tão importante para que os alunos adquiram opinião crítica, numa sociedade que age mais do que pensa. Assim, pretendo utilizar estratégias de aprendizagem que motivem os alunos e que os faça pensar, questionar, mas também que lhes tragam algumas respostas.

Outra das tarefas que um professor deve fazer e que pretendo fazer é o de refletir sobre a sua ação: sobre os conteúdos a lecionar, os lecionados, as estratégias usadas ou a usar. Essa consciencialização do que se fez e do que se deve fazer para melhorar é determinante para o sucesso do ensino das disciplinas, mas também da “qualidade” do professor.

Ao longo deste relatório, refletirei sobre o meu trabalho desenvolvido na Prática de Ensino Supervisionada, mais especificamente a Unidade Letiva 1 “O Amor Humano” do 8ºano.

Esta unidade letiva centra-se numa visão antropológica do amor, dando destaque à afetividade, sexualidade e fecundidade humanas. Aprofundo estas temáticas na reflexão da Unidade Letiva, onde apresento o que considero positivo como conteúdos e o que considero que está menos bem ou o que falta. Essa reflexão continua também na forma como as aulas foram planeadas e nas suas respetivas reflexões.

De referir que por se tratar de uma unidade letiva inserida na Prática de Ensino Supervisionada é relevante que se faça uma caracterização da escola e da turma para que se possa ter uma melhor perceção do contexto onde a prática de aula se desenvolveu. Esta parte antecede a análise da Unidade Letiva 1.

Por considerar que a Unidade Letiva “O Amor Humano” não abrange todas as noções de amor, farei, no segundo capítulo do meu relatório, que é o âmago do relatório, uma alusão aos vários tipos de amor. Trata-se de um estudo essencial para que se possa abordar a dimensão do amor numa visão mais ampla, sobretudo quando se está na disciplina de EMRC. Para quem é crente, o amor vem de Deus e dirige-se a Ele. Ao não ser mencionado essa particularidade como conteúdo numa unidade que fala do amor humano, está-se, de algum modo, a desvalorizar e a dignificar pouco o amor. O ser humano foi feito à imagem de Deus.

Deus-Trinitário é um ser de relação, tal como o Homem. Desse modo, faço referência ao amor humano como sendo reflexo do amor divino.

Todos estes passos ajudar-me-ão a fundamentar a minha perspetiva que a Unidade Letiva “O Amor Humano” deveria conter um conteúdo que fizesse a ligação entre o amor de Deus e o do Homem e não se deveria limitar, apenas a falar do amor romântico, quando há outras manifestações de amor. Esse é o terceiro capítulo do meu relatório. Faço uma proposta de conteúdos para a Unidade Letiva 1 onde também vem uma planificação de uma aula com essa sugestão de conteúdos. Mais do que a teoria é importante, sobretudo na educação, que haja exemplos práticos da exequibilidade de certas ideias.

Além disso, o amor pode ser um veículo para o desenvolvimento da dimensão espiritual do indivíduo, sendo, também, por isso, pertinente debruçar-me sobre importância da dimensão espiritual para o crescimento pleno do indivíduo.

Todo o ser humano tem a capacidade de amar, mas considero importante que se realce alguma da pedagogia que se pode usar, para que essa capacidade se desenvolva no educando e para que cresça com esperança. Tratando-se de temáticas complexas, deve-se ter uma metodologia própria e adequada, para que se possa responder da forma mais séria e verdadeira, mas ao mesmo tempo, acessível aos alunos. Naturalmente, não se trará respostas a tudo, mas os professores devem ajudar a que os alunos possam fazer o seu percurso ao conhecimento. Como afirma Jorge Bergoglio: “Educar será, então, muito mais que oferecer conhecimentos: será ajudar a que as nossas crianças e jovens possam valorizá-los e contemplá-los, possam torná-los carne.”<sup>3</sup>

E é também nesse sentido que este relatório foi construído: ajudar a que se possa ter novas perspetivas de como abordar a Unidade Letiva “O Amor Humano” para que, conseqüentemente, os nossos alunos possam ter uma outra visão do amor.

---

<sup>3</sup> BERGOGLIO, Jorge Mario, *Educar para uma esperança ativa*, Paulinas, Prior Velho, 2015, p. 48.

# CAPÍTULO I- A Caminhada na Prática de Ensino Supervisionada

## 1. Caracterização da Escola

### Enquadramento

A Escola onde a Prática de Ensino Supervisionada decorreu pertence ao Agrupamento de Escolas D. Dinis, Leiria. Trata-se da Escola Básica de 2º e 3º Ciclos D. Dinis, sede do Agrupamento situada na Rua Dr. João Soares, Leiria.

Serve a população predominantemente da área urbana de Leiria, abrangendo também a localidade de Barosa. Ao seu redor estão situados o Liceu e o Instituto Politécnico de Leiria.

O agrupamento em que a escola se encontra inserida foi formado a 13 de junho de 2003. Fazem parte desse agrupamento os Jardins de Infância (JI) de Barosa, Capuchos e Guimarães; as Escolas do Primeiro Ciclo do Ensino Básico (EB1) Amarela, Arrabalde, Branca, Capuchos e Guimarães e de Barosa. Todos estes estabelecimentos escolares localizam-se na freguesia de Leiria, à exceção da EB1 de Barosa que pertence à freguesia que lhe dá nome.



A Escola Básica de 2º e 3º Ciclos D. Dinis foi criada a 9 de setembro de 1968, sendo à época denominada por Escola Preparatória D. Dinis e tendo as suas instalações noutra local diferente ao que hoje se encontra, mais precisamente no edifício do antigo Lyceu Rodrigues Lobo.

A Escola passou para as atuais instalações no ano letivo de 1984/1985. A escola é uma réplica de outras escolas do mesmo género e da mesma altura, visível na disposição e localização dos vários blocos. Certamente que à época se aproveitou a mesmo desenho/mapa para realizar mais do que uma escola.

Esta escola tem uma vasta área, perfazendo um total de 30 448 m<sup>2</sup>, em que 4 915,62 m<sup>2</sup> são compostos por área coberta. A escola é constituída por seis blocos, três são destinados a salas de aula (A, B e C). Um pré-fabricado com uma sala de aula, sala de estudo e



reprografia, um Pavilhão Gimnodesportivo ainda um Polivalente. Este último comporta a Direção, Centro de Telefones, o SASE, Sala de Informática, Salas de Professores, Gabinete de Diretores de Turma, Sala de

Receção dos Encarregados de Educação, Gabinete de Psicologia, Sala de música, Cozinha, Bar/Buffer, Refeitório e um amplo espaço de convívio. No primeiro andar, encontra-se a Biblioteca/Centro de Recursos.

O Polivalente costuma ter música ambiente com videoclips no intervalo. Trata-se de uma forma de cativar os alunos a deslocarem-se ao Polivalente. É um ambiente animado com músicas que os alunos apreciem e que, muitas vezes, até dançam as coreografias das músicas que vão passando. Quem tem a tarefa de passar os videoclips é uma professora de música da escola. Além disso, este espaço costuma ter exposições relativas às várias atividades dos clubes que existem na escola e nos quais os alunos têm à sua disposição. Estes clubes vão desde o desporto escolar até às artes.

Desses Clubes e Projetos importantes para enriquecimento curricular, pode-se destacar os seguintes: Clube Europa, Ciências Experimentais, Eficiência Energética, Robótica, Programação, Teatro ou ainda o Clube de Língua Gestual Portuguesa. Este último clube que faria todo o sentido em qualquer escola, no intuito da inserção de crianças com necessidades especiais e também com o objetivo de alargar os conhecimentos linguísticos e de comunicação de toda a comunidade escolar, faz ainda mais sentido neste estabelecimento, por no agrupamento existir uma Unidade de Educação Bilingue a alunos surdos. Assim, evidencia-se que a Escola tem a preocupação e age para que seja uma escola inclusiva.

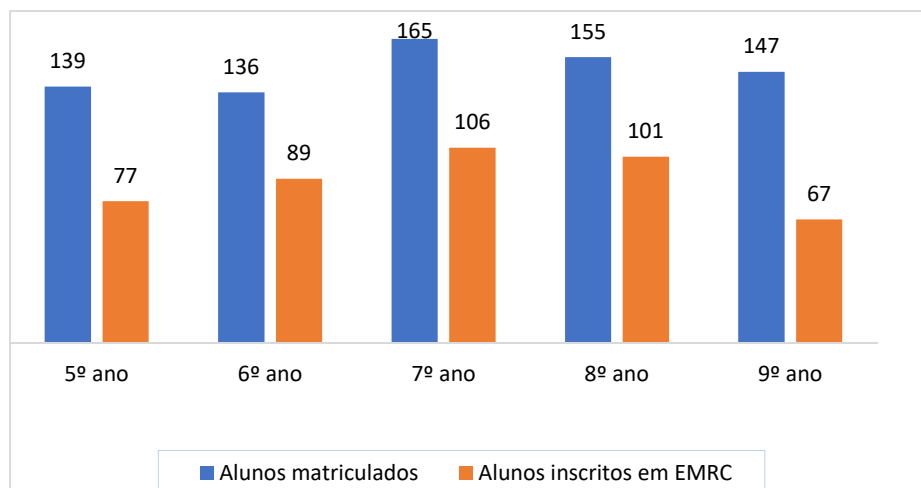
É ainda no Polivalente que os alunos e a restante comunidade escolar podem, muitas vezes, assistir a uma sessão de cinema integrado no Plano Nacional de Cinema, dinamizado pelo professor cooperante do Núcleo da Prática de Ensino Supervisionada e que tem tido muita adesão, nomeadamente na passagem do filme *ET* no dia 10 de novembro de 2017, pelas 21horas.

### **População Escolar**

Tendo como base os dados estatísticos no presente ano, frequentaram neste ano letivo 742 alunos, distribuídos pelo 2º Ciclo e 3º Ciclo. Destes alunos um pouco mais de

metade estavam inscritos em EMRC como o quadro1 apresenta de forma mais detalhada

Quadro 1



Funcionam ainda 5 turmas de Educação e Formação de Adultos (EFA) numa parceria com o Estabelecimento Prisional de Leiria.

### Contexto Educativo

É de salientar que a Escola-Sede tem um ambiente que prima pela amabilidade, respeito, responsabilidade e afincamento pelo que se faz. Isso está patente tanto na classe docente, mas também nos funcionários que zelam pelo bom funcionamento da escola. Isso torna-se particularmente visível na forma como se entra na escola, pela funcionária da portaria, como pelos funcionários dos vários blocos e também pela forma como os funcionários do *buffet*, cantina e cozinha se organizam. A cantina, por exemplo, prima por um ambiente bastante sereno sem grandes tropelias nem barulho excessivo, algo que costuma ser tão característico em muitas cantinas escolares.

A escola é frequentada por uma maioria de alunos de um estatuto socioeconómico médio-alto. Assim a maioria não beneficia de nenhum tipo de auxílio económico.

Grande parte dos Encarregados de Educação possui como habilitações académicas ou o ensino secundário ou o ensino superior. Esses dados superam de forma significativa as médias nacionais sobre a formação académica dos pais. Este traço não deixa de ser relevante, pois sabe-se o quanto é importante que os pais estejam presentes e envolvidos na escola e no processo de aprendizagem dos seus educandos. Quanto maior é a formação académica dos

pais, maior é a noção da importância da escola e, por isso, colaboram de forma mais estreita com a escola na aprendizagem dos seus filhos.<sup>4</sup>

Essa preocupação com o desenvolvimento nas diversas potencialidades dos alunos, não existe apenas por parte dos pais, ela é também preocupação dos professores e da Direção, evidenciada na existência de Quadro de Valores e de Quadro de Excelência, como existe em tantas escolas do nosso país. Todavia este agrupamento ainda tem outros quadros como o Quadro de Mérito Artístico, Desportivo, Científico e Cultural. Deste modo, os alunos com maior destreza nalguma destas áreas poderão ser contemplados com esta distinção. Trata-se, sem dúvida, de uma forma de motivar os alunos para desenvolverem as suas aprendizagens e aprimorarem as suas capacidades.

Na escola existem alunos de diversas nacionalidades, só no ensino básico a percentagem é de 9,8%. Para que a inserção ao nível da língua seja o melhor possível, a escola disponibiliza Português para Falantes de Outras Línguas. Sabe-se que aprender uma Segunda Língua não é uma tarefa fácil. Como salienta Richard Arends: “A competência para comunicar em qualquer língua consiste em conhecer mais do que a sua fonética (pronúncia), morfologia (formação de palavras), sintaxe (gramática) e léxico (vocabulário).”<sup>5</sup> Além disso, o facto de não se ser fluente numa língua dificulta toda a aprendizagem escolar. Como faz ainda referência Richard Arends: “Estima-se que os falantes de outras línguas [...] necessitam de dois anos para obter competências básicas de comunicação, mas cerca de cinco a sete anos para desenvolverem uma certa perícia em linguagem académica.”<sup>6</sup> Nesse sentido, é relevante que a escola tenha a preocupação de dispor aos seus alunos estrangeiros, aulas de Português Língua Estrangeira e que estes possam usufruir das aulas o mais cedo possível para que possam colmatar as suas dificuldades e também possam melhor se ambientarem. Por serem das mais diversas nacionalidades, muitos desses alunos têm uma cultura diferente e consequentemente, em muitos casos, também uma religião diferente da Católica. Existem cinco alunos Muçulmanos. Quanto aos Cristãos, há alunos Ortodoxos da Igreja Grega e Russa e alunos Evangélicos.

É de destacar que todas estas comunidades convivem de forma harmoniosa na escola. Não se trata de um dado insignificante, sobretudo porque quanto melhor for o ambiente, maior a possibilidade de haver sucesso escolar.

---

<sup>4</sup> Cf. DAVIES, Don; MARQUES, Ramiro; SILVA, Pedro, *Os Professores e as Famílias: a colaboração possível*, Livros Horizonte, Lisboa, 1997.

<sup>5</sup> ARENDS, Richard I, *Aprender a Ensinar*, Mc Graw Hill, Lisboa, 2008, p. 73.

<sup>6</sup> *Ibidem*.

A Escola do 2º e 3º Ciclos D. Dinis é, assim, uma escola com um ambiente humanamente saudável que se preocupa com os seus alunos. Trata-se de um local onde os alunos têm a possibilidade de crescer enquanto pessoas tanto a nível de conhecimentos, mas também a nível de valores e atitudes para que se tornem futuros cidadãos responsáveis e com objetivos de vida.

## 2. Caracterização da Turma

A turma que me foi atribuída para a prática pedagógica supervisionada foi uma turma de 8º ano. É importante referir que esta turma do oitavo ano era composta por alunos de duas turmas diferentes, a turma do oitavo D e a turma do oitavo F. Na turma do oitavo D, tínhamos oito alunos, sete raparigas e um rapaz, com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos de idade. No que concerne à turma do oitavo F, estavam inscritos à disciplina de EMRC oito alunos, seis destes eram raparigas e dois eram rapazes, com idades compreendidas entre os onze e os doze anos de idade.

Apesar de se tratar de duas turmas, não havia diferenças significativas entre elas. Pelo contrário, eram duas turmas semelhantes nos interesses, comportamento e na sua maturidade. Entre os alunos destas duas turmas, que na disciplina de EMRC estavam juntas, havia um bom relacionamento. Não se notava distinção de atitudes entre os alunos que eram da mesma turma e os outros que só têm uma disciplina, a de EMRC, em comum. Por se tratar de duas turmas que agiam de forma coesa e por serem uma única turma na disciplina de EMRC, a caracterização foi feita tendo em conta essa realidade, ou seja, como sendo uma única turma.

As idades dos pais iam desde os 36 anos até aos 62, e das mães dos 32 aos 62 anos. As habilitações dos pais e das mães iam desde o quarto ano de escolaridade até à licenciatura. Os encarregados de educação eram, na sua grande maioria, as mães.

O número de elementos do agregado familiar ia desde os dois até aos quatro elementos. No que se refere a irmãos, a maior parte tinha apenas um irmão. Havendo também alguns casos, embora em menor número, em que o agregado familiar era composto por um único filho.

A maior parte dos alunos referiu, nas fichas individuais de apresentação, que estudava em casa, sozinho e que sentia apoio em casa. Os pais demonstravam interesse pelas

aprendizagens dos seus filhos, existindo diálogo, segundo essas mesmas fichas de apresentação, sobre assuntos escolares, diariamente, em casa. Este interesse e acompanhamento dos pais, refletia-se no sucesso escolar da turma, existindo apenas dois alunos com duas retenções e um terceiro com uma retenção.

As disciplinas favoritas eram muito variadas: História, Inglês, Francês, Espanhol, Ciências Naturais, Matemática, Tecnologias de Informação e Comunicação, Educação Visual, Educação Física, Formação Cívica, Português e Educação Moral e Religiosa Católica. Como disciplinas com mais dificuldades os alunos referiam a Matemática, a História, o Português, a Educação Física, o Inglês, a Geografia e a Físico-Química. A dificuldade a essas disciplinas resultava, segundo os alunos, da timidez em colocar dúvidas, falta de estudo e de trabalho, distração e baixa autoestima<sup>7</sup>.

Interessante destacar as características apreciadas pelos alunos acerca dos professores, a saber: ser divertido, simpático, explicar bem, gentil, comunicativo, dedicado, ter paciência, voz audível, respeitador, sincero, atencioso, expressivo, inteligente e trabalhador.

A maioria dos alunos tomava todas as refeições em casa, em família. Havia, todavia, alguns discentes que almoçavam na escola. Estes dados evidenciavam que se tratava de alunos em que tinham uma boa estrutura familiar que os acompanha. Infelizmente, sabe-se que na maior parte das famílias com maiores dificuldades económicas, muitas vezes, as crianças não tomam o pequeno-almoço. Como refere Richard Arends: “Muitas (crianças oriundas de famílias pobres) sofrem de má nutrição e pouca saúde, e com frequência vão para a escola sem pequeno-almoço, ...”<sup>8</sup> O facto de os alunos fazerem as refeições em casa, devia-se também por viverem perto da escola, bem visível no tempo que os alunos demoravam no percurso escolar. Quase a totalidade dos alunos demorava entre quinze a trinta minutos no percurso casa-escola, não necessitando de apanhar transporte escolar. Havia ainda dois alunos que viviam numa instituição, apesar de terem omitido esse facto no questionário inicial feito pela Diretora de Turma. Tratava-se de uma turma sem grandes dificuldades económicas, existindo apenas dois alunos com escalão B.

Relativamente à profissão que os alunos queriam seguir, havia um grupo que não sabia. Dos alunos que já tinham alguma ideia definida a esse respeito, sobressaíam as

---

<sup>7</sup> Estes dados foram recolhidos nas fichas de apresentação individual de cada aluno, facultadas pelo Professor Cooperante.

<sup>8</sup> ARENDS, Richard I, *Aprender a Ensinar*, p. 79.

seguintes profissões: veterinário, fisioterapeuta, designer, arquiteto, artista plástico, futebolista e a área da restauração,

Estava-se perante uma turma com algum conhecimento geral, alunos educados e com formação cristã, visível nas suas tomadas de posição sobre questões éticas e sociais. Havia alguns alunos, mais do sexo masculino, tímidos e que não gostavam tanto de se expor. E, por outro lado, havia alguns elementos do sexo feminino, sobretudo duas alunas, que não punham sempre em prática todas as regras de sala de aula. Eram mais agitadas e gostavam de se destacar, nem que isso colocasse em causa o desenrolar da aula. Os alunos, entre si, sempre se sentiram à-vontade e isso ajudou o desenrolar das aulas, quando todos alunos, efetivamente, deixavam isso acontecer, pois havia alguns jovens, como já foi referido, que por diversos motivos se sentiam carentes e precisavam de chamar a atenção. Todavia aí encontra-se o desafio do professor. Dar atenção a esses alunos, sem descorar a restante turma, o que nem sempre foi fácil. Acresce o facto da disciplina ser lecionada nas pontas da carga horária, neste caso, hora de almoço, o que acabou por fazer com que os alunos andassem mais agitados, por estarem com apetite. Isso mesmo chegou a ser verbalizado pelos discentes. De referir ainda que na disciplina de EMRC, a maioria dos alunos, apesar de mostrarem interesse e gostarem da disciplina, não possuíam manual. Apenas um tinha livro. Apesar destes contratemplos, a turma, no geral, foi simpática e como revelava interesse por EMRC, foi possível a realização de atividades interessantes onde os alunos participavam com entusiasmo.

### 3. Unidade Letiva 1 do 8º ano “O Amor Humano”

#### 3.1. Reflexão crítica à unidade

No oitavo ano, a Unidade Letiva 1 é “O Amor Humano”. Trata-se de uma temática central da existência humana.

O amor é o que dá sentido à existência e à continuidade do Homem. Como vem referido na *Familiaris Consortio* nº11: “O amor é a fundamental e originária vocação do ser humano.”<sup>9</sup> Nesse sentido é pertinente que se faça alusão a esta temática nas aulas de EMRC e no 8ºano, quando de um modo geral, os alunos têm entre treze e catorze anos, ou seja, uma idade em que os adolescentes estão mais despertos para essa temática. Além disso, numa época em que se vive numa sociedade em que se fale muito em amor, mas que o seu conceito

---

<sup>9</sup>PAPA JOAO PAULO II, *Exortação Apostólica Familiaris Consortio*, 11, São Paulo, Lisboa, 1994.

se encontra, tantas vezes, deturpado, é importante abordar esta temática não só em casa, com a família, mas também na escola.

O amor é inerente à vivência humana, sendo, por isso, um dos temas mais retratados na arte em geral. Essa temática vem como um dos conteúdos do programa de EMRC desta unidade letiva. Realça-se, nesse conteúdo, como o ser humano é capaz de tratar o tema do amor de forma artística. Na verdade, os alunos já terão visto quadros, filmes, escutado alguma música ou lido alguma literatura em que o tema seja o amor, mas é provável que nunca tenham refletido sobre a importância do amor para a arte e da arte no amor. Também é importante que os discentes possam verificar que a disciplina de EMRC não é uma disciplina estanque. Pelo contrário, trata-se de uma disciplina que se relaciona com muitas outras áreas de conhecimento e, conseqüentemente, com a vida. Trata-se, deste modo, de um conteúdo que evidencia transdisciplinaridade, em que o professor pode fazer atividades com outras disciplinas curriculares, como as disciplinas de Música, História ou Português. Assim, é pertinente que haja esse conteúdo de forma a alargar os conhecimentos culturais dos discentes. Para o professor, caso consiga fazer alguma atividade transdisciplinar, também será interessante, para que consiga evidenciar à comunidade escolar o quanto a disciplina de EMRC é transdisciplinar nos conteúdos, podendo, até, vir a motivar novos alunos pela disciplina. Além disso, será uma forma do professor de EMRC mostrar a sua presença e colaborar com os outros docentes, criando assim uma melhor inserção na comunidade escolar, algo fundamental.

Compreender efetivamente o que é o amor é um desafio. Não se ama por obrigação, trata-se, pelo contrário, de um dom que nos diferencia enquanto seres humanos. Nessa dinâmica, o corpo tem um papel fundamental, pois é através dos gestos, atos e palavras que se evidencia o amor que se tem por alguém. Como refere Roberta Vinerba:

“O amor é um sentimento que passa através do corpo; assim como nós não podemos conhecer nada a não ser a partir dos sentidos, de igual modo também não podemos comunicar a não ser através da linguagem do corpo.”<sup>10</sup>

Assim, faz todo o sentido que se aborde a sexualidade na temática do Amor Humano. Como afirma o Conselho Pontifício para a Família:

---

<sup>10</sup> VINERBA, Roberta, *Se isto é amor...ABC da afetividade e da sexualidade*, Paulinas, Prior Velho, 2009, pp. 74-75.

“Enquanto modalidade de se relacionar e se abrir aos outros, a sexualidade tem como fim intrínseco o amor, mais precisamente o amor como doação e acolhimento, como dar e receber. A relação entre um homem e uma mulher é uma relação de amor: «A sexualidade deve ser orientada, elevada e integrada pelo amor, que é o único a torná-la verdadeiramente humana.»”<sup>11</sup>

Ainda é mais relevante abordar essa temática numa altura em que os jovens têm as mudanças próprias da puberdade, não só a nível físico, mas também na parte emocional.

É, também, importante que os jovens tenham a noção que no amor é indissociável a dignidade por si e pelo outrem. Como afirma ainda Roberta Vinerba: “num casal, os dois têm a mesma dignidade e que cada um deles deve ter consciência da riqueza humana, tanto sua como do outro. Esta convicção gera a estima, que é uma componente indispensável da relação de amor.”<sup>12</sup> É nesse âmbito que vai a meta Q “Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana” através do objetivo 1 “Reconhecer a sexualidade, a fecundidade e o amor humano como essenciais à realização da pessoa.”<sup>13</sup>

Uma das metas desta unidade é a meta O “amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo” em que o objetivo 5 é “desenvolver uma atitude responsável perante a sexualidade”<sup>14</sup> e nesse âmbito é importante fazer com que o discente perceba que a sexualidade abarca a totalidade da pessoa. Como destaca o Conselho Pontifício para a Família:

“O ser humano, com efeito, é chamado ao amor como espírito encarnado, isto é, alma e corpo na unidade da pessoa. O amor humano abarca também o corpo e o corpo exprime também o amor espiritual. A sexualidade, portanto, não é qualquer coisa de puramente biológico, mas refere-se antes ao núcleo íntimo da pessoa.”<sup>15</sup>

Roberta Vinerba, no mesmo sentido, afirma:

---

<sup>11</sup> CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA, *Sexualidade Humana: Verdade e Significado. Orientações Educativas em Família*, 11, Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa, 1996.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 246.

<sup>13</sup> SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Fundação SNEC, Moscavide, 2014, p. 86.

<sup>14</sup> *Ibidem*.

<sup>15</sup> CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA, *Sexualidade Humana: Verdade e Significado. Orientações Educativas em Família*, 3.

“É claro que a pessoa não se pode decompor em partes. (...) Por níveis de sexualidade, entendo dimensões do homem e da mulher, que dizem respeito à realidade biológica, à realidade psíquica e à realidade espiritual que, interligadas, constituem a pessoa humana como uma unidade perfeita.”<sup>16</sup>

É por isso fundamental que o discente tenha isso bem presente, até para evitar possíveis enganos e sofrimentos. Como declara Christine Ponsard: “Quer queiramos quer não, o dom dos corpos na relação sexual implica toda a pessoa. Eu não posso cortar-me aos bocados: não há o meu corpo, por um lado, e, por outro, o meu coração.”<sup>17</sup> É, por isso, muito positivo que o programa tenha essa preocupação. Os conteúdos estão bem articulados com o objetivo e a meta.

No seguimento dessa temática, os conteúdos tratam o planeamento familiar e os métodos anticoncepcionais. Estes conteúdos estão articulados com o objetivo 2:

“Relacionar os dados das ciências sobre o planeamento familiar com a interpretação cristã da realidade e da pessoa humana” e com a meta M “Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.”<sup>18</sup> É fundamental que os jovens tenham uma noção ética e moral da sexualidade e também dos métodos anticoncepcionais e o objetivo acima mencionado vai nesse sentido. Ainda nesse âmbito estão relacionados os conteúdos da paternidade e maternidade responsáveis, conteúdos essenciais para um amadurecimento da noção de responsabilidade e da importância de cada pessoa na construção de uma família. Mais uma vez, estes conteúdos podem ter transdisciplinaridade com Ciências Naturais ou Formação Cívica, caso exista esta última disciplina, pois depende dos Agrupamentos.

Nesta Unidade Letiva, também, se aborda a visão cristã do amor e da fecundidade, apoiando-se em passagens bíblicas. A fecundidade e os filhos são uma bênção e dádiva de Deus, onde se reflete que o amor é a base sustentada de uma família feliz. Os filhos são prova desse amor mútuo que gera vida por vontade de Deus. Como vem referido no Catecismo da Igreja Católica:

---

<sup>16</sup> VINERBA, Roberta, *Se isto é amor...ABC da afectividade e da sexualidade*, p. 51.

<sup>17</sup> PONSARD, Christine, *A fé em família*, Paulinas, Prior Velho, 2007, p. 170.

<sup>18</sup> *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 2014, p. 86.

“ A fecundidade é um dom, um fim do matrimônio, porque o amor conjugal tende a ser fecundo. O filho não vem de fora acrescentar-se ao amor mútuo dos esposos; surge no próprio âmago dessa doação mútua, da qual é fruto e realização.”<sup>19</sup>

É dado ao ser humano a possibilidade de participar no poder criador de Deus. Trata-se de uma prova de um amor maior de Deus para conosco. Como vem destacado no Catecismo da Igreja:

“Chamados a dar a vida, os esposos participam do poder criador e da paternidade de Deus. Os cônjuges sabem que, no ofício de transmitir a vida e de educar – o qual deve ser considerado como missão própria deles – são cooperadores do amor de Deus criador.”<sup>20</sup>

Como em todas as unidades letivas, nesta também há um conteúdo centrado em passagens bíblicas. É essencial que se tenha essa visão bíblica, porque não está só associado à religião, mas é algo que também faz parte da nossa cultura, fundamental para que se tenha uma melhor percepção da realidade que nos envolve e para conhecermo-nos melhor. Como refere Tolentino de Mendonça:

“A Bíblia representa uma espécie de “atlas iconográfico”, “estaleiro de símbolos” ou “imenso dicionário”, como Claudel lhe chamou. É um reservatório de histórias, um armário cheio de personagens, um teatro do natural e do sobrenatural, um fascinante laboratório de linguagens. Desconhecer a Bíblia não é apenas uma carência do ponto de vista religioso, mas é também uma forma de iliteracia cultural, pois significa perder de vista uma parte decisiva do horizonte onde historicamente nos inscrevemos. Compreender a Bíblia é compreender-se...”<sup>21</sup>

Assim, é importante que haja esse conteúdo de carácter bíblico nas aulas de EMRC.

Nesta unidade letiva há ainda conteúdos relacionados com a responsabilidade, respeito pelo corpo, fidelidade e doação no amor e na sexualidade. Estes conteúdos servem o objetivo 5 “Desenvolver uma atitude responsável perante a sexualidade”<sup>22</sup> “para que se possa atingir a meta O “Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.”<sup>23</sup> É

---

<sup>19</sup> CIC, 2366.

<sup>20</sup> CIC, 2367.

<sup>21</sup> MENDONÇA, José Tolentino, “Mediação cultural: um novo contexto para a transmissão religiosa?”, *Communio*, 4 (2006), p. 437.

<sup>22</sup> *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 2014, p. 86.

<sup>23</sup> *Ibidem*.

indispensável que esses conteúdos sejam tratados para que numa sociedade do descartável, do superficial e do material se possa recentrar a importância das pessoas, do amor e onde haja respeito por si próprio e pelo outro.

Sendo o “Amor Humano” o tema da Unidade Letiva em estudo e indo ao encontro do interesse de muitos jovens, considero pertinente que se pudesse relacionar esse amor com um amor maior, o de Deus e explicar que Deus é amor. O primeiro ato de amor terá sido o da criação do Homem por Deus. Esse amor terá sido o precursor de todo o amor humano. Tendo isso em perspectiva, a unidade letiva fica com uma dimensão maior e uma visão mais completa do que é o amor e da sua ligação com o divino. Deste modo, responde-se a muitas das dúvidas que surgem nos discentes.

Naturalmente que dúvidas a respeito do amor e do mistério de Deus não se esgotarão. Como afirma Alexandre Palma: “Deus não é definível. Sob nenhuma forma e em nenhuma circunstância.”<sup>24</sup> Tal como Deus, o amor também não é explicável. Por mais que se reflita e se escreva sobre ambos os temas, haverá sempre dúvidas. Mas abordar essa temática em sala de aula poderá ajudar a que os alunos reflitam sobre a grandeza do amor e que possam de, algum modo, obter algumas respostas. Além disso, será também uma forma do amor ser ainda mais valorizado.

### 3.2. Lecionação da UL1

Na estruturação da planificação anual do 8ºano, foi decidido dar seis aulas de quarenta e cinco minutos para a unidade Letiva “ Amor Humano”.

Quanto à avaliação, considerou-se que seria mais exequível, tendo em conta o público-alvo, jovens que já passaram por vários professores de EMRC e que não tiveram outro tipo de avaliação em EMRC, que fizessem uma ficha diagnóstica e uma ficha de avaliação por período. Numa altura em que já estão no quarto ano de EMRC, não faria sentido, por mais interessante que fosse, pedir um portefólio ou um trabalho de grupo, porque iria fazer com que tivessem de disponibilizar mais tempo à disciplina e que pudessem vir a desmotivar, sobretudo porque em comparação com os colegas da turma que não têm EMRC, teriam mais trabalho.

Ao longo da preparação desta unidade letiva, tive a preocupação de que os discentes percebessem como o amor é um motor essencial e determinante do viver e como este mesmo

---

<sup>24</sup> PALMA, Alexandre, *A Trindade é um mistério, mas podemos falar nisso*, Paulinas, Prior Velho, 2014, p. 129.

amor pode fazer mudar o mundo, mesmo que não se consiga definir ao certo aquilo que ele é. Assim, preparei as atividades ao longo da unidade, para que os discentes pudessem chegar a essa noção de forma autónoma e concreta.

Achei, também, importante que a ordem dos conteúdos da unidade fosse alterada, ou seja, após os conteúdos associados ao objetivo 1 e à meta Q, achei pertinente que se abordasse como conteúdos “a importância da fidelidade e da doação no amor e na sexualidade” e “o respeito pelo corpo, os sentimentos próprios e dos outros”. Estes conteúdos estavam intimamente ligados aos conteúdos do objetivo 1, pois o amor não pode ser fecundo se não houver fidelidade e doação no amor e conseqüentemente, na sexualidade. No mesmo sentido, o respeito pelo corpo seja o seu ou do outro, é também uma prova de amor por si e pelo outro. Além disso, sequencialmente fazia, no meu ponto de vista, mais sentido.

Ainda no que concerne à planificação desta unidade letiva, fiz outra alteração sequencial. Achei pertinente que se abordasse, primeiro, a importância da paternidade e maternidade responsáveis e só depois, se tratasse da noção de planeamento familiar e dos métodos anticoncepcionais e as suas limitações éticas. Saliento que não selecionei como conteúdo “o respeito do Estado pelas decisões do casal” para ser trabalhado em aula, já que o tempo é limitado e que, no meu prisma, não é um conteúdo tão essencial em relação aos restantes conteúdos e também tendo em conta os alunos que tinha.

Além disso, antes da lecionação dos conteúdos relacionados com o objetivo 4, achei relevante abordar o tema da banalização do sexo e a importância de se agir com responsabilidade, conteúdos que vão ao encontro do objetivo 5. Relacionada com este conjunto de conteúdos e após a lecionação da primeira aula da unidade letiva, achei que deveria dar particular atenção à violência no namoro. Pela participação dos discentes percebi que era um tema que os envolvia, preocupava e que, alguns pelos comentários, já teriam vivenciado ou conhecido alguém nessas circunstâncias. Além disso, sendo um tema atual dos meios de comunicação e perante estudos que afirmam que um em cada quatro adolescentes acha normal que haja violência no namoro,<sup>25</sup> fazia todo o sentido que esta temática fosse abordada.

Ao sequenciar deste modo, deixei para o fim o conteúdo que incide no objetivo 4: “Descobrir a mensagem cristã sobre o amor e a fecundidade, reconhecendo as suas implicações na prática da vida quotidiana.” Considerei que acabaria a unidade de uma forma

---

<sup>25</sup> Cf. MARTINS, Juliana, “Um em cada quatro jovens acredita que a violência no namoro é normal”, *Público*, (2 de junho de 2015), in <https://www.publico.pt/2015/06/02/sociedade/noticia/os-jovens-conhecem-a-linha-que-separa-amor-de-violencia-1697673> (visto em 10-12-2017).

mais harmoniosa, dando a conhecer a mensagem e culturas bíblicas e mais em relação com os conteúdos que tinha determinado para a última aula.

Tal como fiz referência na reflexão crítica à unidade, considero relevante que se fizesse uma alusão ao amor divino como fonte de todo o amor humano. Por essa razão, na lecionação da minha unidade, dediquei uma aula à relação do mistério de Deus com o amor humano. Para isso, adaptei o programa aos conteúdos que me propus lecionar. Nesse sentido, acrescentei um conteúdo ao programa para que este pudesse estar mais em sintonia com o que tencionava estudar e relacionando-o com o objetivo 4 “Descobrir a mensagem cristã sobre o amor e a fecundidade, reconhecendo as suas implicações na prática da vida quotidiana” e a meta F “Conhecer a mensagem e culturas bíblicas.”

A nível sequencial, coloquei essa aula como súpula da unidade. Tinha mais lógica esta aula situar-se no fim. Dava uma maior unidade à temática e dava uma noção mais abrangente do amor.

Todas as alterações que fiz na planificação da minha unidade e que fiz referência estão esquematizadas no quadro seguinte. Há dois quadros. O primeiro é uma sistematização como vem no programa de EMRC. O segundo demonstra de que modo abordei a Unidade Letiva 1: “O Amor Humano.”

### Quadros Sistemáticos sobre a lecionação da UL1

**Nota:** as diferenças entre os dois quadros estão sublinhadas.

Metas	Objetivos	Conteúdos
<b>Q.</b> Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	<b>1.</b> Reconhecer a sexualidade, a fecundidade e o amor humano como essenciais à realização da pessoa.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Amor e fecundidade humana:               <ul style="list-style-type: none"> <li>-Fecundidade é sinal e fruto do amor, todo o amor é fecundo e criativo;</li> <li>-O amor abre a família à relação</li> <li>-A fecundidade sexual é um bem social de:                   <ul style="list-style-type: none"> <li>-Realização pessoal;</li> <li>-Sobrevivência da espécie</li> <li>-Participação na construção da sociedade.</li> </ul> </li> </ul> </li> </ul>
<b>M.</b> Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.	<b>2.</b> Relacionar os dados das ciências sobre o planeamento familiar com a interpretação cristã da realidade e da pessoa humana.	<p>Noções de planeamento familiar</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Os métodos anticoncecionais:               <ul style="list-style-type: none"> <li>-Sua eficácia;</li> <li>-Suas vantagens e desvantagens;</li> <li>-Suas limitações éticas.</li> </ul> </li> </ul>
<b>H.</b> Articular uma perspetiva sobre as principais propostas doutrinárias da Igreja Católica.	<b>3.</b> Organizar um universo de valores fundado na perspetiva cristã e na liberdade responsável de cada pessoa.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A paternidade e a maternidade responsáveis.</li> <li>• A proposta da Igreja católica sobre o controlo da natalidade, uma perspetiva ética que defende o bem da pessoa:               <ul style="list-style-type: none"> <li>- O respeito pela vida humana;</li> <li>-A abertura à vida;</li> <li>-A aprendizagem do controlo do desejo sexual, para que o ato sexual não seja um egoísmo a dois;</li> <li>- A vivência da plenitude do ato sexual: união, relação pessoal e procriação;</li> <li>- O discernimento responsável do casal.</li> </ul> </li> </ul>
<b>F.</b> Conhecer a mensagem e culturas bíblicas.	<b>4.</b> Descobrir a mensagem cristã sobre o amor e a fecundidade, reconhecendo as suas implicações na prática da vida quotidiana.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A fecundidade como bênção de Deus: Sl 127 (126), 3-5;</li> <li>• Os filhos como dádivas de Deus: Sl 128 (127), 3.</li> <li>• A aceitação da vontade de Deus e o amor edificam a família universal: Mc 3, 31-35.</li> </ul>
<b>O.</b> Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	<b>5.</b> Desenvolver uma atitude responsável perante a sexualidade.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ser responsável, antecipando as consequências dos próprios atos.</li> <li>• O respeito pelo corpo, os sentimentos próprios e os dos outros.</li> <li>• A importância da fidelidade e da doação no amor e na sexualidade.</li> <li>• Podemos sempre adotar uma atitude mais responsável, mesmo quando anteriormente agimos sem uma boa reflexão.</li> </ul>

**Quadro sistemático de como surge no programa a Unidade Letiva 1 “O Amor Humano”**

Metas	Objetivos	Conteúdos
<b>Q.</b> Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	<b>1.</b> Reconhecer a sexualidade, a fecundidade e o amor humano como essenciais à realização da pessoa.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Amor e fecundidade humana: <ul style="list-style-type: none"> <li>-Fecundidade é sinal e fruto do amor, todo o amor é fecundo e criativo;</li> <li>-O amor abre a família à relação</li> <li>-A fecundidade sexual é um bem social de: <ul style="list-style-type: none"> <li>-Realização pessoal;</li> <li>-Sobrevivência da espécie</li> <li>-Participação na construção da sociedade.</li> </ul> </li> </ul> </li> </ul>
<b>O.</b> Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	<b>5.</b> Desenvolver uma atitude responsável perante a sexualidade.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O respeito pelo corpo, os sentimentos próprios e os dos outros.</li> <li>• A importância da fidelidade e da doação no amor e na sexualidade.</li> </ul>
<b>H.</b> Articular uma perspectiva sobre as principais propostas doutrinárias da Igreja Católica.	<b>3.</b> Organizar um universo de valores fundado na perspectiva cristã e na liberdade responsável de cada pessoa.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A paternidade e a maternidade responsáveis.</li> <li>• A proposta da Igreja católica sobre o controlo da natalidade, uma perspectiva ética que defende o bem da pessoa: <ul style="list-style-type: none"> <li>- O respeito pela vida humana;</li> <li>-A abertura à vida;</li> <li>-A aprendizagem do controlo do desejo sexual, para que o ato sexual não seja um egoísmo a dois;</li> <li>- A vivência da plenitude do ato sexual: união, relação pessoal e procriação;</li> <li>- O discernimento responsável do casal.</li> </ul> </li> </ul>
<b>M.</b> Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.	<b>2.</b> Relacionar os dados das ciências sobre o planeamento familiar com a interpretação cristã da realidade e da pessoa humana.	<p>Noções de planeamento familiar</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Os métodos anticoncecionais: <ul style="list-style-type: none"> <li>-Sua eficácia;</li> <li>-Suas vantagens e desvantagens;</li> <li>-Suas limitações éticas.</li> </ul> </li> </ul>
<b>O.</b> Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo	<b>5.</b> Desenvolver uma atitude responsável perante a sexualidade.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ser responsável, antecipando as consequências dos próprios atos.</li> <li>• O respeito pelo corpo, os sentimentos próprios e os dos outros.</li> <li>• A importância da fidelidade e da doação no amor e na sexualidade.</li> <li>• Podemos sempre adotar uma atitude mais responsável, mesmo quando anteriormente agimos sem uma boa reflexão.</li> </ul>
<b>F.</b> Conhecer a mensagem e culturas bíblicas.	<b>4.</b> Descobrir a mensagem cristã sobre o amor e a fecundidade, reconhecendo as suas implicações na prática da vida quotidiana.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O amor como bênção de Deus: <ul style="list-style-type: none"> <li>1 Jo 4, 8</li> <li>1 Jo 4, 12</li> <li>1 Jo 4, 16</li> </ul> </li> </ul>


Quadro sistemático do modo como a Unidade Letiva 1 “O Amor Humano” foi adaptada

Devo salientar que, a dada altura, a planificação que tinha delineado foi um pouco alterada, por motivos de incumprimento da planificação de uma das aulas. A aula sobre os métodos anticoncecionais prolongou-se mais do que esperava. Perante isto, e para manter o mesmo número de aulas, achei pertinente concluir esse conteúdo programático na aula seguinte. Vendo o que me faltava dar, e contrabalançando o que seria mesmo importante tratar, achei que poderia não lecionar os conteúdos programáticos associados ao objetivo 4. Sendo o objetivo essencialmente de dar a conhecer a mensagem cristã sobre o amor baseada nas passagens bíblicas e sendo esse objetivo muito similar com o objetivo que criei para que se pudesse abordar a relação do amor de Deus com o amor humano, achei que este conteúdo já estaria de alguma forma contemplado, ainda que não totalmente.

Durante a lecionação das aulas, os alunos evidenciaram interesse e apesar de alguma agitação; sobretudo no início de algumas aulas e também no aproximar do fim da aula, para que pudessem ir almoçar; os alunos participaram nas atividades com entusiasmo e tiveram um comportamento adequado.

Adotei, como estratégias de gestão de sala de aula, a empatia, para que os alunos estivessem na aula com gosto e sentissem bem-estar. Quanto às medidas de transmissão dos conteúdos, escolhi atividades em que os alunos colaborassem com interesse e que fossem, tanto quanto possível, atividades mais de ordem prática, onde os alunos pudessem compreender melhor a teoria dos conteúdos programáticos por detrás de cada atividade.



METAS	Objetivos	Conteúdos	Estratégias de ensino-aprendizagem	Materiais		Avaliação formativa
Q- Reconhecer à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana	I- Reconhecer a sexualidade, a fecundidade e o amor humano como essenciais à realização da pessoa.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Amor e fecundidade humana:               <ul style="list-style-type: none"> <li>-Fecundidade é sinal e fruto do amor, todo o amor é fecundo e criativo;</li> <li>-O amor abre a família à relação</li> <li>-A fecundidade sexual é um bem social de:                   <ul style="list-style-type: none"> <li>-Realização pessoal;</li> <li>-Sobrevivência da espécie</li> <li>-Participação na construção da sociedade.</li> </ul> </li> </ul> </li> </ul>	Acolhimento aos alunos. Registo do sumário da aula.	Quadro Caneta Caderno	3m	Observação direta -comportamento
			<b>Ficha de Diagnóstico</b> -explicitação da ficha -realização da ficha de diagnóstico.	Ficha de diagnóstico	13m	
			<b>Chuva de palavras</b> - chuva de palavras sobre o que lhes diz a palavra “amor”.	Quadro Caneta	4m	
			<b>Leitura do poema “Amor é fogo que arde sem se ver” de Luís de Camões:</b> -Análise do poema -Mensagem do poema	<i>Datashow</i> Computador <i>Pen</i>	5m	Observação direta -comportamento - interesse -participação
			<b>Leitura da página 9 do manual</b> -interpretação da mensagem dos textos lidos -relação com o poema “Amor é fogo que arde sem se ver”	Manual Computador, <i>Pen</i> <i>Datashow</i>	8m	
<b>Análise da imagem do manual de introdução à unidade</b> -interpretação das imagens -relação das imagens com o tema da unidade	Manual	6m				
<b>Visualização do vídeo “Pra que serve o amor”</b> <a href="https://www.youtube.com/watch?v=bFXQOGJn_gE">https://www.youtube.com/watch?v=bFXQOGJn_gE</a> -realce de uma palavra ou frase do vídeo por escrito -diálogo sobre a mensagem	<i>Datashow</i> Computador <i>Pen</i> Caderno	6m				

**Sumário:** Realização de uma ficha de exercícios diagnóstica.  
Chuva de palavras sobre o Amor.  
Visualização do vídeo “Pra que serve o amor”.

**Proposta de síntese: O amor é a força poderosa do ser humano. O amor faz sentir o Homem mais feliz.**

### **Anexo 1: Ficha Diagnóstica**

Cada aluno terá de evidenciar os seus conhecimentos sobre alguns conteúdos já lecionados em EMRC e outros que serão lecionados este ano. Esta ficha sendo a primeira atividade realizada com as professoras estagiárias, terá também um cariz lúdico, para que os alunos criem laços e uma relação com as professoras e acedam melhor à tarefa. Na aula seguinte, será entregue um brinde de participação e um brinde ao vencedor do questionário.

### **Anexo2: Poema “Amor é fogo que arde sem se ver”**

≈

Os alunos após a leitura do poema em suporte digital, para poupar papel, ou lido em suporte papel pela professora, na eventualidade de haver um problema informático ou de eletricidade, deverão perceber que o poema fala do amor e do quanto é difícil de o definir, indo posteriormente ao encontro do que é dito no manual no mesmo sentido.

### **Anexo 3: Vídeo “Pra que serve o amor”**

Os alunos durante a visualização deverão estar atentos a uma palavra ou frase que lhes toque. Nesse sentido, a professora passará o vídeo duas vezes, uma para se inteirar da mensagem no geral e apreciarem o vídeo e a música e outra para lhes ajudar a retirarem a frase mais importante do vídeo para eles, orientados pelo professor. Os alunos deverão chegar à conclusão que o amor é a origem da alegria e da fecundação.

**Anexos da lição nº4**

Elisabete Lopes

No dia 10 de outubro de 2017, pelas 12:40, iniciei a lecionação da primeira aula da U L1: O Amor Humano.

A aula decorreu normalmente sem grandes incidências. O momento mais tenso foi durante a entrega da ficha de exercícios de diagnóstico. Os alunos manifestaram oralmente o seu desagrado, com o argumento que se tratava de uma disciplina opcional e que se soubessem que tinham fichas, não se teriam inscrito. Com alguma serenidade, consegui acalmar os ânimos, sobretudo, quando disse que a ficha mais completa seria premiada e sublinhando que era importante a colaboração dos alunos na realização da ficha, por esta fazer parte do estágio. Todos os alunos realizaram a ficha, embora alguns tivessem demorado mais do que os dez minutos dados inicialmente. Após terem sido cedidos mais alguns minutos a três alunos, acabei por recolher as fichas.

O resto da aula decorreu de forma normal, os alunos foram participando, ainda que, algumas vezes, insistisse mais, para conseguirem chegar às conclusões que queria.

Os alunos gostaram do poema “O Amor é fogo que arde sem se ver” de Luís de Camões e a relação que foi feita entre o poema e os textos do manual. De salientar a pertinência da interdisciplinaridade com a disciplina de Português com a leitura e breve análise do poema de Luís de Camões “Amor é fogo que arde sem se ver”, o que fez com a curiosidade dessa atividade impelisse uma aluna, enquanto o poema era projetado, de procurar o poema no livro de Português.

A atividade em que os alunos mostraram mais facilidade em concretizar foi a análise da imagem da capa introdutória da unidade letiva. Os alunos compreenderam rapidamente que as imagens transmitiam alegria, felicidade, pelos risos das personagens. Concluindo que o amor era fonte de alegria; que o amor era universal; que havia vários tipos de amor e que o amor gerava vida.

Por fim, passei o vídeo “Pra que serve o amor” em que os alunos retiraram a ideia que apesar das contradições, altos e baixos, o amor é essencial na vida. Os discentes conseguiram captar com facilidade a mensagem. O vídeo era de fácil entendimento e criava empatia.

A primeira aula é sempre uma aula fundamental. Para quem possa pensar que a primeira aula, é apenas a primeira de muitas, ou uma aula menor em que não se dá ou se dá poucos conteúdos programáticos, trata-se de um pensamento errôneo.

É na primeira aula que o professor conhece os seus alunos e estes o seu professor. O primeiro impacto é sempre marcante. Daí ser fundamental que se faça um

bom uso, dessa primeira aula, e que a mesma seja, também, fruto de reflexão e de planificação por parte do professor.

É importante que o professor faça uma recepção agradável aos seus alunos. Palavras como “Bom-Dia” “Benvindo” são pequenas coisas que fazem muito e marcam a diferença. Criar um bom ambiente na sala de aula é determinante para que os alunos se sintam bem e que, desse modo, possam adquirir novos e/ou alargar os seus conhecimentos. Um professor deve realçar o entusiasmo que tem pelo seu trabalho, como salienta Rolland Viau: “O professor deve inspirar os seus alunos mostrando-lhes um grande interesse pela sua disciplina e pela aprendizagem.”<sup>26</sup> Um docente que demonstre que tem entusiasmo e amor pelo que faz e pela disciplina que ensina, mais facilmente motivará e despertará a curiosidade dos seus alunos, o que se evidenciará nas suas aprendizagens. Esse entusiasmo demonstra-se ao longo do ano, mas ganha uma maior amplitude na primeira aula, já que os alunos, nesse dia, estão mais atentos na tentativa de descobrirem como é o professor que está diante deles.

É também, desde a primeira aula, importante que o professor demonstre respeito pelos seus alunos, para que também, ele possa mais, facilmente, ser respeitado. O exemplo é tudo. Se o professor demonstrar entusiasmo, poderá ter alunos entusiasmados, se for educado, proporcionará, com maior probabilidade, que os discentes ajam com educação.

A primeira impressão influenciará o desenrolar das aprendizagens e da relação professor-aluno. É por isso importante que o professor se debruce com afinco na preparação da sua primeira aula. O docente deverá ter em conta como se apresentará, como apresentará a disciplina e os conteúdos programáticos a serem tratados ao longo do ano, bem como os alunos se apresentarão, se oralmente e por escrito, se só oralmente, se em grupo. Richard Prigent afirma que “é a partir das primeiras impressões que um estudante toma a iniciativa de se aplicar.”<sup>27</sup> Esta decisão, por parte dos alunos, é na maior parte dos casos, uma decisão inconsciente.

Por isso, é essencial que o professor tome a devida atenção da forma como faz uso da primeira aula. Foi por saber tudo isto que a aula foi preparada com todo o cuidado, para que a primeira aula pudesse motivar os alunos para os conteúdos

---

<sup>26</sup> VIAU, Rolland, *La motivation à apprendre en milieu scolaire*, Les Éditions du Nouveau Pédagogique inc. (ERPI), Saint-Laurent, 2009, p. 151.

<sup>27</sup> PRÉGENT, Richard, *La préparation d'un cours*, Les Éditions de l'École Polytechnique de Montréal, Montréal, 1990, p. 167.

programáticos que iriam ser tratados ao longo da unidade. Na minha opinião, esses objetivos foram conseguidos.

Tratando-se da primeira aula e da primeira desta unidade letiva era importante que as atividades os cativassem e envolvessem. O questionar sobre o que a palavra “amor” fez-lhes ver que se tratava de uma palavra muito abrangente e de difícil definição. Como salientou uma aluna na aula “é mais fácil sentir do que verbalizar.” Na mesma linha de raciocínio encontra-se o poema “Amor é fogo que arde sem se ver” que evidencia que a dificuldade de definir o que é o amor é intemporal, mas que a sua vivência perdura além dos tempos e que é fundamental para a existência humana. O vídeo “Pra que serve o amor” mostra que apesar de todas as contrariedades, o ser humano é mais feliz quando ama, porque a sua vida ganha sentido. Como escreveu João Paulo II na sua Primeira Encíclica:

“O homem não pode viver sem amor. Ele permanece, para si próprio, um ser incompreensível, a sua vida é destituída de sentido, se não lhe for revelado o amor, se ele não se encontra com o amor. Se o não experimenta e o não torna algo seu, se ele não participa vivamente.”<sup>28</sup>

O objetivo desta primeira aula, pela forma como a turma foi interagindo, foi totalmente alcançado. Os alunos terão percebido que o amor faz com que o ser humano se sinta mais realizado e feliz.

---

<sup>28</sup> PAPA JOAO PAULO II, Carta Encíclica *Redemptor hominis*, Cidade do Vaticano, LEV, 1979, nº10.




Nível: 8ºano

Unidade Letiva: O Amor Humano

Lição: 5 (aula 2 da UL)

Data: 17-10-2017

Ano Letivo: 2017/18

METAS	Objetivos	Conteúdos	Estratégias de ensino-aprendizagem	Materiais		Avaliação formativa
Q- Reconhecer à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana	2- Reconhecer a sexualidade, a fecundidade e o amor humano como essenciais à realização da pessoa.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Amor e fecundidade humana:               <ul style="list-style-type: none"> <li>-Fecundidade é sinal e fruto do amor, todo o amor é fecundo e criativo;</li> <li>-O amor abre a família à relação</li> <li>-A fecundidade sexual é um bem social de:                   <ul style="list-style-type: none"> <li>-Realização pessoal;</li> <li>-Sobrevivência da espécie</li> <li>-Participação na construção da sociedade.</li> </ul> </li> </ul> </li> </ul>	<p>Acolhimento aos alunos. Registo do sumário da aula. Resumo da mensagem do vídeo da última aula.</p> <p><b>Análise de imagens do manual pag.10 e 11</b> -verificação o quanto o amor é criativo através da arte (pinturas, literatura, arquitetura, escultura, música, provérbios).</p> <p><b>Leitura de um excerto da página 12</b> -informações retiradas do texto</p> <p><b>Dominó de provérbios</b> -realização de um dominó de provérbios sobre a temática do amor. -copiar para o caderno os provérbios ou frases sobre o amor retirados dos dominós.</p> <p><b>Experiência do pão</b></p> <p>Etapas da experiência: 1-Olhar para as migalhas 2-Descrever as migalhas 3-Amassar as migalhas 4-Unir as migalhas 5-leitura dos textos da pag.17 e 18 do manual para ajudar nas conclusões 6-Conclusões retiradas da experiência (escrever as conclusões no caderno)</p> <p>Entrega dos testes diagnósticos corrigidos e dos prémios pelo teste diagnóstico.</p>	<p>Quadro Caneta Caderno</p> <p>Manual</p> <p>Quadro, Cartazes Caneta Caderno</p> <p>Pão de trigo e pão de centeio</p> <p>Manual</p> <p>Quadro Caneta Caderno</p> <p>Ficha de diagnóstico Mini-chocolates</p>	<p>8m</p> <p>7m</p> <p>3m</p> <p>10m</p> <p>13m</p> <p>4m</p>	<p>Observação direta -comportamento</p> <p>Observação direta -comportamento - interesse -participação</p> <p>Observação direta -comportamento - interesse -participação</p>
O-Amadurecer a sua responsabilidade e perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	5- Desenvolver uma atitude responsável perante a sexualidade.	<ul style="list-style-type: none"> <li>O respeito pelo corpo, os sentimentos próprios e os dos outros.</li> <li>A importância da fidelidade e da doação no amor e na sexualidade.</li> </ul>				

**Sumário:** O amor na arte e na cultura a partir de exemplos do livro.  
Dominó dos provérbios.  
A fecundidade humana – experiência do pão.<sup>29</sup>  
Entrega da ficha de exercícios diagnóstica.

**Proposta de síntese: O amor é o fermento de muita da criação artística e é o ingrediente principal das relações humanas.**

#### **Anexo 4: Dominó de provérbios**

Cada aluno terá uma ou mais peças/palavras que terá de fazer corresponder no quadro a um provérbio ou citação famosa sobre o amor. Será uma forma prática de (re) conhecerem provérbios ou frases famosas sobre o amor e de evidenciarem como o amor se encontra presente na cultura.

**Anexos da lição nº5**  
Elisabete Lopes

---

<sup>29</sup> A professora, após fazer a ressalva da importância do pão e do quanto este alimento é precioso e que por isso não deve ser “maltratado”, entregará dois pequenos pedaços de miolo de pão a cada aluno. O interesse da experiência é ressaltar o quanto o amor unifica as pessoas e as relações, não deixando/não devendo deixar a individualidade de cada pessoa. Os alunos deverão ainda concluir que o ingrediente principal das relações é o amor com a metáfora do pão e do fermento.

No dia 17 de outubro de 2017 pelas 12:40, iniciei a lecionação da segunda aula da U.L.1: O Amor Humano.

A aula decorreu sem grandes complicações. É de referir que houve uma aluna que pediu para assistir à aula e que no fim, por ter gostado da mesma, pediu para se inscrever na disciplina. Trata-se de um bom indicador de como a aula foi ao encontro dos alunos, pois ninguém se “sacrifica” para ir a uma disciplina de opção, se esta não lhe interessar.

A planificação da aula foi cumprida. Fiz a relação com a aula anterior através de uma frase que resumisse o vídeo da última aula e, conseqüentemente, a aula. De seguida, com o manual, abordei, o quanto o amor é criativo. Salienta-se que me deparei com a falta do livro da disciplina por parte dos discentes. Mesmo aqueles que tinham o livro não o levaram, apesar de ter pedido para que o trouxessem, na aula anterior. Tentei colmatar a falta do manual por parte dos discentes com o meu livro, passando de lugar a lugar, consoante as leituras em voz alta eram feitas pelos alunos. Deste modo, algumas imagens de obras de arte que se encontram no manual não foram apreciadas pelos alunos como poderiam ter sido e conseqüentemente, o acompanhamento da aula, poderia ter sido, nesses momentos, mais bem aproveitado.

Seguidamente, os alunos fizeram um dominó de provérbios relacionados com o amor. Cada aluno tinha uma peça e teria de juntar formando o provérbio certo. A dificuldade residia em saber qual a peça fazia parte de determinada frase. No fim, os alunos passaram os provérbios para o caderno. Os alunos gostaram da atividade, porque participaram com bastante entusiasmo.

Posteriormente, os alunos fizeram a experiência do pão. Observaram dois pedaços de miolo de pão, um de trigo e outro de centeio e ligaram o miolo dos dois tipos. A ideia era fazer com que percebessem que o elemento essencial de uma relação é o amor. Tal como o fermento é o elemento do pão que o faz crescer e fazer com que haja pão, no dia seguinte, através desse pedaço de massa; o amor faz com que a relação cresça e que haja descendência. Os alunos acharam interessante a atividade e perceberam a relação. No fim da atividade, os alunos escreveram as conclusões da experiência e a relação do pão com o amor no caderno diário.

No fim da aula, entreguei as fichas de diagnóstico que tinham realizado na aula anterior e, tal como combinado, ofereci um prémio aos dois melhores exercícios de diagnóstico e ofereci, aos restantes, prémios de participação. Os prémios eram

chocolates, de maior ou de menor dimensão consoante se tratavam dos primeiros premiados ou dos de participação. Os alunos lembravam-se perfeitamente que haveria prémios para os melhores e questionaram, logo no início da aula, sobre as fichas e os prémios. É fundamental que o professor cumpra o que combinou com os seus alunos, porque faz com que haja, por parte dos alunos, respeito e confiança, porque a palavra dada é efetivamente cumprida. Assim, foi importante cumprir com o combinado e entregar as fichas diagnósticas vistas e os devidos prémios.

Considerei importante que houvesse uma atividade mais manual e concreta para falar no amor e no quanto ele faz parte do ser humano. Por isso, a atividade do pão, inventada por mim, tinha todos os elementos para que pudesse ser compreendida de forma mais lúdica e criativa, visto que também se tinha abordado nessa aula, a criatividade que o amor provocava nas artes. Destaquei que pedi para unirem o miolo de trigo e o de centeio para que os alunos vissem que o amor não “apagava” a essência de cada um e que verificassem que o amor produz frutos.

Nas aulas, não é raro existir uma componente mais lúdica nalgumas atividades, sobretudo nos primeiros anos de ensino, ou seja, mais no primeiro e segundo ciclos. Considero ser importante que haja, nas aulas, atividades com uma dimensão mais lúdica, pois são uma ótima forma dos discentes terem aprendizagens. São também uma excelente forma de preparar as crianças para a vida, pois ela está repleta de problemas e de dificuldades em que é necessário arranjar formas dos solucionar ou de tentar solucioná-los. Os jogos exigem dos participantes a capacidade de abstração e de desenvolver o raciocínio. Os jogos proporcionam motivação e quando se está motivado, aprende-se mais e melhor. Como Évelyne Vauthier afirma: “o jogo motiva o aluno, facilita a sua concentração, o seu uso da memória.”<sup>30</sup>

É importante, todavia, que os jogos sejam adaptados às idades do destinatário. O professor deverá ter em conta para que o mesmo não seja demasiado fácil ou difícil para os seus alunos, tendo em conta que as crianças ainda se estão, mentalmente, a desenvolver. Além disso, é importante que o professor tenha tudo bem delineado, a fim que saiba bem os objetivos que pretende que os alunos atinjam para que “as coisas não fiquem no ar”.

Os jogos desenvolvem ainda várias dimensões da aprendizagem, não só as racionais, mas também as sociais, pois jogar implica, quase sempre, ganhar e perder. E

---

<sup>30</sup> VAUTHIER, Évelyne, “ Le jeu en classe ”, *Cahiers Pédagogiques*, 448, (décembre 2006), p. 15.

saber perder é uma competência importante. Esse tipo de atividade implica também que se saiba jogar com os outros, o que ajudará a saber viver com os outros, respeitando as suas diferenças e semelhanças.

Não menos relevante é que os jogos, ao serem usados, em contexto de sala de aula, centram a aula no aluno. Ele é que passa a ter um papel ativo. Como salienta Évelyne Vauthier: “Graças ao jogo, o aluno é ativo.”<sup>31</sup> O professor limitar-se-á a ser um árbitro, controlando as regras, o tempo e verificando quem ganha.

Nesta aula de EMRC, achei pertinente que o aluno trabalhasse a sua memória sobre conteúdos que sabe, neste caso, provérbios. Fazê-lo através de um dominó faz com que os alunos tenham uma maior motivação e estímulo em conseguirem completar os provérbios. Além disso, faz com que os alunos sejam o elemento central das suas aprendizagens e que aprendam com alegria e entusiasmo.

Relativamente à atividade do pão, como forma dos alunos compreenderem o amor, é de destacar que a escolha do elemento a ser trabalhado não surgiu por mero acaso. Desde sempre o pão teve uma grande carga simbólica tanto no Antigo como no Novo Testamento. O pão centra em si, tudo o que é alimentos, ele é o ícone da alimentação. Como salienta Petre Semen: “Ele era ao mesmo tempo o ícone da alimentação no geral.”<sup>32</sup> O alimento de base era o pão, que poderia substituir a falta de qualquer outro alimento. Faltando, o Homem passaria fome. Sendo um bem tão essencial, a sua existência foi sendo considerada uma graça divina, bem presente no Salmo 104 (103) 14-15:

“<sup>14</sup>Fazes germinar a erva para o gado// e as plantas úteis para o homem,//para que da terra possa tirar o seu alimento://<sup>15</sup> o vinho, que alegra o coração do homem,//o azeite, que lhe faz brilhar o rosto,//e o pão, que lhe robustece as forças.

O pão era fundamental para que se conseguisse ter energia física para continuar a trabalhar. Em suma para se poder viver. Ora outro elemento que “robustece as forças” anímicas é o amor. Ele pode fazer a diferença para que se viva com um brilho no rosto e uma maior esperança. Além disso, também ele é um dom de Deus. É ainda de destacar que o que faz crescer o pão é o fermento e o que faz com que uma relação cresça,

---


<sup>31</sup> *Ibidem*.

<sup>32</sup> SEMEN, Petre, *La Signification du pain et du vin dans les livres de l'ancien testament*, Facultatea de Teologie Ortodoxa, Iasi, 2002, p. 112.

harmoniosamente, é o amor. Os dois ingredientes encontram-se no âmago e, só, com esse ingrediente é que pode haver pão do dia seguinte e continuidade numa relação sã.

Os alunos, através desta atividade mais manual, perceberam a relação entre o pão e o amor e perceberam que o amor é o elemento essencial numa relação humana.



METAS	Objetivos	Conteúdos	Estratégias de ensino-aprendizagem	Materiais	 5m	Avaliação formativa
H-Articular uma perspetiva sobre as principais propostas doutrinárias da Igreja Católica.	3. Organizar um universo de valores fundado na perspetiva cristã e na liberdade responsável de cada pessoa.	<ul style="list-style-type: none"> <li>A paternidade e a maternidade responsáveis.</li> <li>A proposta da Igreja católica sobre o controlo da natalidade, uma perspetiva ética que defende o bem da pessoa:               <ul style="list-style-type: none"> <li>O respeito pela vida humana;</li> <li>A abertura à vida;</li> <li>A aprendizagem do controlo do desejo sexual, para que o ato sexual não seja um egoísmo a dois;</li> <li>A vivência da plenitude do ato sexual: união, relação pessoal e procriação;</li> <li>O discernimento responsável do casal.</li> </ul> </li> </ul>	<p>Acolhimento aos alunos. Registo do sumário da aula. Brevíssima explicação sobre a ficha diagnóstica (já entregue.) Breve resumo da experiência do pão da aula anterior.</p> <p><b>Diálogo sobre a maternidade e paternidade responsáveis</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-perceber que o amor é fonte de vida.</li> <li>-ter noção que gerar um filho é um dom e uma responsabilidade.</li> <li>-criar um ambiente de amor para receber um filho.</li> <li>-explicar o que é o planeamento familiar.</li> </ul>	<p>Quadro Caneta Caderno</p> <p>Quadro Caneta Caderno</p>	5m	Observação direta -comportamento
M – Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.	2. Relacionar os dados das ciências sobre o planeamento familiar com a interpretação cristã da realidade e da pessoa humana.	<p>Noção de planeamento familiar</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Os métodos anticoncecionais:               <ul style="list-style-type: none"> <li>-Sua eficácia;</li> <li>-Suas vantagens e desvantagens;</li> <li>-Suas limitações éticas.</li> </ul> </li> <li>Ser responsável, antecipando as consequências dos próprios atos.</li> <li>O respeito pelo corpo, os sentimentos próprios e os dos outros.</li> <li>A importância da fidelidade e da doação no amor e na sexualidade.</li> <li>Podemos sempre adotar uma atitude mais responsável, mesmo quando anteriormente agimos sem uma boa reflexão.</li> </ul>	<p><b>PowerPoint sobre métodos contraceptivos</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-explicação sobre os diversos métodos contraceptivos.</li> <li>-diálogo sobre a temática.</li> <li>-análise de uma imagem para concluir os contraceptivos.</li> </ul>	<p>PowerPoint Datashow Computador</p>	15m	Observação direta -comportamento - interesse -participação
O-Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	5. Desenvolver uma atitude responsável perante a sexualidade.		<p><b>Visualização do vídeo:</b> “Avó das Havaianas” <a href="https://www.youtube.com/watch?time_continue=30&amp;v=u9G5NHkhsFI">https://www.youtube.com/watch?time_continue=30&amp;v=u9G5NHkhsFI</a></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-resumo do vídeo</li> <li>-mensagem do vídeo</li> <li>-opinião crítica do tema do vídeo</li> <li>-argumentação oral e escrito sobre a temática/ conclusões do vídeo</li> </ul>	<p>Datashow Computador</p>	1m 9m	

**Sumário:** Análise de um PowerPoint sobre os métodos contraceptivos.  
Visualização do vídeo: “Avó das Havaianas”.

**Proposta de síntese: A sexualidade deve ser vivida como consequência de um amor verdadeiro do amor e inserido num projeto de vida.**

**Anexo 5: PowerPoint sobre os contraceptivos**

Apresentação de um PowerPoint a abordar os métodos contraceptivos.

**Anexo 6: Vídeo “Avó das Havaianas”**

A professora passará este vídeo com o intuito de se falar sobre a banalização do sexo.

**Anexos da lição nº6**  
Elisabete Lopes

No dia 24 de outubro de 2017 pelas 12:40, iniciou-se a leção da terceira aula da U.L.1: O Amor Humano.

A aula, apesar de não se poder dizer que correu mal, não correu como estava delineado.

Após ter ditado o sumário a uma aluna que o escreveu no quadro, foi feito um breve resumo da aula anterior, para que os alunos percebessem a sequência da planificação. A tática usada foi levar os alunos a referirem o que se tinha dado e, deste modo, também perceber se tinham, efetivamente, compreendido o que se tinha abordado na aula anterior.

Após isto, passei um PowerPoint sobre os métodos contraceptivos. A esse propósito houve uma aluna que questionou sobre o que é que os contraceptivos tinham a ver com a religião. Referi que o amor e a sexualidade fazem parte do Homem e que este tinha sido criado à imagem e semelhança de Deus, logo tudo estava relacionado com religião.

Após este comentário, os slides foram lidos em voz alta, de forma alternada, por vários alunos. Fui, também, repetindo algumas partes dessas mesmas leituras para tentar explicar uma ou outra coisa que achasse mais importante e também para que todos pudessem ouvir, o que alguns tinham lido numa voz menos audível.

A meio dessa apresentação e no seguimento de um slide, uma aluna afirmou que o aborto era também uma forma de contraceção. Perante isto, parei a leitura dos slides e expliquei a diferença que existia no aborto, em que já há uma gravidez e os contraceptivos que evitam uma gravidez. Após alguma confusão e dificuldade iniciais, a explicação acabou por ser compreendida pelos alunos. Mas logo uma outra aluna falou sobre “as barrigas de aluguer” citando o nome dos bebés de um caso publicamente conhecido. Embora a temática se tivesse desviado do essencial, que era a contraceção, considerei que seria importante fazer os alunos refletirem sobre esta questão uns minutos. Expliquei no que consistia e nalguns problemas éticos e morais que essa questão levantava. Abordei ainda o facto da pessoa que teve uma gestação de nove meses e que criou uma ligação com o feto ser “desligada” do crescimento daquela criança. De início, os alunos, ou pelo menos alguns, não estavam a compreender a problemática do que se estava a dizer. Achavam a gravidez de substituição algo trivial, o que fez com que voltasse a explicar. Após as problemáticas levantadas por mim, reparei que os alunos, após alguma agitação e entusiasmo iniciais quando falaram neste assunto, tinham ficado menos agitados e também menos faladores. Em suma, os alunos,

na minha perceção, ficaram a refletir um pouco sobre algo que, à partida, tinha sido tratado com alguma banalidade.

Voltei à leitura do PowerPoint por parte dos alunos, mas por pouco tempo, porque logo a seguir tocou, não se conseguindo cumprir o proposto.

Considerei que a aula não tinha corrido como tinha planeado e como queria, não conseguindo fazer as várias atividades delineadas. Todavia referi que não poderia ter deixado alguns temas em aberto, sem uma reflexão mais profunda. Além disso, o facto de os alunos terem demonstrado alguma desilusão com o fim da aula, ao ouvirem o toque, evidenciava que estavam a gostar da aula, pelo menos, da explicação que lhes foi dada sobre alguns temas levantados por eles.

Em relação à terceira aula, aquilo que mais sobressai foi o incumprimento da planificação.

Embora, se à partida, se diga que a planificação da aula não foi cumprida, o que à primeira vista é algo negativo, poderá nem sempre o ser efetivamente.

Tenho a perceção que poderia ter demorado menos no resumo dos conteúdos dados e que até poderia ter ignorado os comentários sobre temáticas um tanto limítrofes. Todavia, não sei se seria pedagogicamente o mais adequado, sobretudo em relação aos comentários dos alunos.

A aula fugiu ao planeado devido a questões e dúvidas da atualidade e, quantas vezes, esse tipo de aulas gera bons frutos?!

As questões e comentários levantados foram uma ótima forma de dar conteúdos éticos e morais.

Primeiro, a ideia que o aborto é um meio de contraceção. Na verdade, trata-se de uma ideia errada, mas sabe-se que, infelizmente, muitas vezes é quase visto dessa forma, como o último recurso para não se ter um bebé e nesse sentido, quase parece que não houve gravidez. Além disso, mesmo no mundo da ciência, questões como desde quando se pode considerar que há vida numa gestação, são temas de resposta ambígua, consoante as convicções e teorias. Além disso, a aluna não questionou, estava convicta que se tratava de um método contracetivo e se a aula serviu para elucidar esse ponto já foi profícua.

O outro assunto não é menos problemático. O facto de uma figura conhecida ter recorrido, mais uma vez, a “uma barriga solidária”, passa a ser um tema da esfera pública. Além disso, por ser uma figura de destaque que ganha prémios, faz com que a visão que se tenha da maior parte dos seus atos sejam vistos como normais e até bem-

vistos. Há a ideia, sobretudo para os jovens, mas não só, que se esta pessoa famosa fez, é porque se pode fazer. Não há mal. E foi nesse sentido que achei que deveria fazer uma reflexão sobre esse assunto. A reflexão e debate não partiram do abstrato, partiram de factos concretos levantados pelos alunos. Um dos conteúdos da aula era os problemas éticos dos métodos anticoncepcionais, mas que, nesta questão, se alargou à ética dos métodos de procriação e embora não estivesse planeado, considero que foi importante ter abordado esse assunto.

Realço sobretudo que, no início, os alunos abordaram o tema com ligeireza, a mesma ligeireza com que o tema foi tratado na comunicação social, pelo menos na maioria. Mas após alguns comentários meus e algumas questões, os alunos começaram a pensar mais sobre o assunto, como, provavelmente, nunca o tinham feito. Na aula, gerou-se um clima de silêncio e olhares pensativos. Naturalmente que não foi dada uma resposta sobre a temática, mas levantou-se questões e mostrou-se outras perspetivas sobre o assunto. Considero, por isso que foi uma aula relevante.

Richard Arends salienta: “a planificação pode ter efeitos negativos imprevistos, por exemplo, pode limitar a aprendizagem de iniciativa pessoal dos alunos e tornar os professores insensíveis às ideias dos alunos.”<sup>33</sup> O que o autor quer realçar é que se o professor ficar demasiado focado no cumprimento da planificação pode fazer com que dúvidas ou comentários importantes, efetuados pelos discentes, não sejam valorizados. Isto além de ser limitativo, por não responder às questões dos alunos, leva a uma progressiva desmotivação, porque aquela aula, na verdade, nada ou pouco lhes diz. É por isso, importante tentar inserir, tanto quanto possível, as questões dos alunos durante as aulas. E, nesse sentido, a aula teve os seus pontos positivos.

---

<sup>33</sup> ARENDS, Richard I, *Aprender a Ensinar*, p. 67.



Nível:8ºano


Unidade Letiva: O Amor Humano

Lição: 6 (aula 4 da UL)

Data: 31-10-2017

Ano Letivo: 2017/18

44

METAS	Objetivos	Conteúdos	Estratégias de ensino-aprendizagem	Materiais	 Avaliação formativa	
H-Articular uma perspetiva sobre as principais propostas doutrinárias da Igreja Católica.	3. Organizar um universo de valores fundado na perspetiva cristã e na liberdade responsável de cada pessoa.	<ul style="list-style-type: none"> <li>A paternidade e a maternidade responsáveis.</li> <li>A proposta da Igreja católica sobre o controlo da natalidade, uma perspetiva ética que defende o bem da pessoa:               <ul style="list-style-type: none"> <li>O respeito pela vida humana;</li> <li>A abertura à vida;</li> <li>A aprendizagem do controlo do desejo sexual, para que o ato sexual não seja um egoísmo a dois;</li> <li>A vivência da plenitude do ato sexual: união, relação pessoal e procriação;</li> <li>O discernimento responsável do casal.</li> </ul> </li> </ul>	<p>Acolhimento dos alunos, registo do sumário da aula.</p> <p><b>Resumo da aula anterior através de uma breve história</b> - as conclusões da história resumem os conteúdos estudados.</p> <p><b>Diálogo e análise de um PowerPoint</b> - os métodos contraceptivos. - análise de uma imagem para concluir a temática dos contraceptivos.</p>	<p>Quadro Caneta Caderno</p> <p>PowerPoint Datashow Computador</p>	<p>3m 7m 8m</p>	<p>Observação direta -comportamento</p> <p>-interesse -participação</p>
M-Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.	2. Relacionar os dados das ciências sobre o planeamento familiar com a interpretação cristã da realidade e da pessoa humana.	<p>Noções de planeamento familiar</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Os métodos anticoncecionais:               <ul style="list-style-type: none"> <li>- sua eficácia</li> <li>- suas vantagens e desvantagens;</li> <li>- limitações éticas</li> </ul> </li> </ul>	<p><b>Visionamento de vídeo</b> “Avó das Havaianas” <a href="https://www.youtube.com/watch?time_continue=30&amp;v=u9G5NHkhsFI">https://www.youtube.com/watch?time_continue=30&amp;v=u9G5NHkhsFI</a></p> <p>- Diálogo sobre a história do vídeo - Debate sobre a mensagem do vídeo - partilha das respostas</p>	<p>Datashow Computador</p>	<p>1m</p>	<p>Observação direta</p>
O-Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	5. Desenvolver uma atitude responsável perante a sexualidade.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ser responsável, antecipando as consequências dos próprios atos.</li> <li>O respeito pelo corpo, os sentimentos próprios e os dos outros.</li> <li>A importância da fidelidade e da doação no amor e na sexualidade.</li> <li>Podemos sempre adotar uma atitude mais responsável, mesmo quando anteriormente agimos sem uma boa reflexão.</li> </ul>	<p><b>Realização de uma carta expositiva/argumentativa:</b> - a partir do vídeo realizar uma carta argumentativa criticando o filme publicitário.</p>	<p>Quadro Caderno Caneta</p>	<p>15m 11m</p>	<p>-comportamento - interesse -participação</p> <p>-criatividade</p>

**Proposta de síntese: O respeito pelo corpo é uma prova de amor -próprio e de amor pelo outro.**

**Sumário:** Conclusão da análise do PowerPoint sobre os métodos contraceptivos.  
Visualização do vídeo: “Avó das Havaianas.”

Elisabete Lopes

No dia 31 de outubro de 2017 pelas 12:40, iniciou-se a leção da quarta aula da U.L.1: O Amor Humano.

A aula decorreu de forma normal, sem grandes imprevistos. Após ter ditado o sumário e uma aluna ter escrito no quadro para todos escreverem no caderno diário, contei uma brevíssima história. Com esta atividade tinha como objetivo que os alunos conseguissem relembrar os conteúdos dados na aula anterior. O intuito era que percebessem que o namoro serve para conhecer o outro e que ter um filho era uma decisão que deveria ser planeada e que seria importante que o casal se conhecesse antes de serem pais. Os alunos conseguiram perceber o que estava errado na história e facilmente o pronunciaram.

Seguidamente, concluí a atividade iniciada na aula anterior. Prossegui com a continuação da leitura e análise do PowerPoint sobre os métodos contraceptivos. Os alunos foram bastante recetivos e mostraram interesse nos conteúdos apresentados.

No fim desta atividade, deixei duas alunas participarem na aula, após terem solicitado, com casos familiares sobre a temática em questão. Os dois casos relatados demonstravam o amor das mães para com os seus filhos, preferindo pôr as suas vidas em perigo para serem mães, ignorando alguns avisos médicos.

Prossegui a aula com a passagem de um vídeo publicitário a umas havaianas. Tratava-se de um diálogo entre uma avó e uma neta em que a avó incentivava a neta a sexo sem amor. Ou seja, o tema era tratado com banalidade. O objetivo deste vídeo era que provocasse alguma reação nos alunos, mas as reações excederam as expectativas. Os alunos acharam que a avó não era uma boa avó, pois dava maus conselhos. Ia estimulando esse diálogo com comentários que quase defendiam a postura da avó. Mas os alunos não se desviaram das suas ideias que iam ao encontro dos conteúdos lecionados nas últimas aulas. Para eles, o sexo deveria estar inserido numa relação de amor e após um conhecimento mais maduro.

Após esse debate, sugeri aos alunos que imaginassem que escreviam à empresa das havaianas com argumentos a criticar negativamente a publicidade. Uma aluna foi escrevendo, no quadro, os argumentos dados pelos colegas. De salientar que houve alunos que não passaram os argumentos para o caderno. O facto de estar quase a tocar e ser sobretudo hora do almoço fez com que os alunos já estivessem mais dispersos. Os alunos ouviram um toque de saída de outra escola e conseguiram enganar-me referindo que se tratava da campanha da escola D. Dinis. Assim, os alunos realizaram a

atividade, mas mais de uma forma oral. Alguns alunos não ficaram com o devido registo escrito. Esse foi o momento menos positivo da aula.

Esta aula, além de ter feito os alunos refletirem e exporem as suas ideias, mostrou que os conteúdos transmitidos nas aulas anteriores tinham sido assimilados. Tudo isto conseguindo-se o cumprimento da planificação. Os alunos colaboraram muito bem, evidenciaram interesse pela história inicial, pelo fim da análise do PowerPoint e pelo vídeo. A história inicial introduziu o tema e meteu ambiente de aula para iniciar a mesma. Os alunos mostraram lembrar-se dos conteúdos vistos em aulas anteriores. O objetivo da visualização do filme foi atingido: criticar o sexo sem amor. A estratégia resultou também pela forma como fui orientando o debate, com algum humor e provocação, estimulando os alunos a se manifestarem contra o que tinham visto e ouvido. De salientar ainda o facto de alguns alunos terem tido vontade de partilhar histórias pessoais sobre a temática, tratada em aula, o que evidencia que os alunos, além do interesse, estavam à-vontade para abordar factos particulares, mesmo se a turma da disciplina é composta por duas turmas.

O uso audiovisual é uma das ferramentas que o professor pode usar nas suas aulas. Trata-se de uma estratégia aliciante, já que nos encontramos numa época em que se faz muito o uso das tecnologias (às vezes, em demasia) e desde que o professor tenha bem delineado os objetivos que quer abordar e/ou consolidar, pode ser uma boa estratégia de sala de aula.

Como diz o ditado: “Uma imagem vale mais do que mil palavras”, isto porque há situações que, por muito que sejam descritas, não criam o mesmo impacto que a imagem.

Em relação à aula, poderia ter relatado a história sem a existência de imagens/filme e, caso a tecnologia falhasse, poderia ser um dos recursos, mas o impacto, dificilmente, seria tão forte. Sobretudo porque o vídeo em questão tinha como finalidade criar um embate. Todo o cenário evidencia isso. Desde o tipo de restaurante, à postura e vestuário da avó, passando pelo modo de conversar.

Todavia, se este tipo de estratégia pode ser aliciante e interessante, tem de se ter o cuidado de preparar tudo muito bem antes da aula. Primeiro, verificar sempre se se trata de um vídeo adequado, se demora muito, se o som e a imagem são bons. Depois, ter o cuidado de retirá-lo da Internet, caso seja o caso, para uma *pen* ou outro tipo de suporte que possa dar um pouco mais de garantia que se irá conseguir fazer uso dessa estratégia, em sala de aula. Por último, é importante ter sempre, sobretudo nestes casos,

uma estratégia de remediação, caso, naquele momento, as tecnologias estejam avariadas ou haja alguma falha. Isto para que não se fique com a aula “estragada” e para que não se fique a olhar uns para os outros, como no conto “A Cidade e as Serras” de Eça de Queirós, em que o peixe do jantar ficou entalado no meio do elevador da cozinha para a sala de jantar, não podendo assim ser degustado.

O vídeo usado para esta aula, baseou-se num *spot* publicitário que chegou a passar na televisão no Brasil. A publicidade acabou por levar a algumas críticas, sendo por isso retirada, mas disponível na Internet para todos quantos gostaram da publicidade. Na verdade, não se trata de um caso único. Cada vez mais os meios de comunicação divulgam mensagens onde se promove a violência, a falta de respeito pelo outro e onde também onde há uma banalização do sexo, bem evidente no *spot* analisado em aula.

Deste modo, a família e toda a comunidade educativa acaba por ter um trabalho acrescido: educar as crianças, adolescentes e jovens a serem críticos e seletivos quanto aos programas que têm à sua disposição e quanto às suas escolhas. É importante ainda que haja uma educação que promova a dignidade da pessoa humana.

Em relação ao vídeo analisado, a avó encarna uma personagem-tipo que se encontra em voga. Fala de sexo como se fosse uma ação que envolvesse apenas o físico. Aproveitando o objeto do *spot* publicitário, fala-se de sexo com a mesma trivialidade com que se escolhe umas sandálias ou um par de sapatos, que se pode experimentar vários, antes de se comprar ou que se pode comprar vários sem problema, porque não envolve nada mais do que o físico.

Na verdade, é importante fazer ver aos adolescentes em geral, aos alunos em particular, que tudo o que toca o corpo toca a pessoa na sua totalidade. Como afirma Roberta Vinerba:

“Se eu não fizer coincidir o corpo comigo mesma, caio na armadilha de separá-lo de mim e de tratá-lo como um instrumento, mais ou menos nobre, mais ou menos mimado, mas um instrumento que não tem dignidade de participar, no bem e no mal, da minha própria sorte.”<sup>34</sup>

---

<sup>34</sup> VINERBA, Roberta, *Se isto é amor...ABC da afectividade e da sexualidade*, p. 70.

E acrescenta:

“...a comunicação, qualquer comunicação entre pessoas, ocorre precisamente, entre corpos vivos e que, cada acto, está envolvido a unidade de corpo e alma. E esta realidade poderá porventura não dizer respeito à esfera mais delicada, mais sagrada, do ser humano, a esfera ligada, de modo muito particular, à nascente da vida, como é o acto social? É evidente que não.”<sup>35</sup>

A aula em causa terá servido para cumprir o meu objetivo de mostrar a importância de não se banalizar o sexo e o quanto isso pode ser desastroso se o mesmo não for consequência de um conhecimento mútuo, “um caminho paciente, sem pressas.”<sup>36</sup>

---

<sup>35</sup>*Ibidem*, p. 75.

<sup>36</sup> *Ibidem*, p. 119.




Nível: 8ºano

Unidade Letiva: O Amor Humano

Ano Letivo: 2017/18

Lição: 7 (aula 5 da UL)

Data: 07-11-2017

METAS	Objetivos	Conteúdos	Estratégias de ensino-aprendizagem	Materiais		Avaliação formativa
O-Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	5. Desenvolver uma atitude responsável perante a sexualidade.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ser responsável, antecipando consequências dos próprios atos.</li> </ul>	<p>Acolhimento aos alunos, registo do sumário da aula.</p> <p><b>Diálogo</b> - violência no namoro</p> <p><b>Jogo de mímica</b> -pseudo-cenas de violência</p> <p><b>Diálogo</b> - debate sobre as pseudo-cenas de violência - chuva de ideias sobre a violência no namoro - partilha das respostas</p> <p><b>Criação dos mandamentos do namoro</b> - debate de ideias/lemas</p>	<p>Quadro Caneta Caderno</p> <p>Cartões com frases</p> <p>Quadro Caneta Caderno <i>Datashow</i> Computador</p>	<p>3m</p> <p>5m</p> <p>20m</p> <p>10m</p> <p>7m</p>	<p>Observação direta -comportamento</p> <p>-comportamento -interesse -participação</p> <p>Observação direta -comportamento - interesse -participação</p>

**Sumário:** Mímica de pseudo-cenas de violência no namoro.

**Proposta de síntese:** Amar é cuidar, é querer bem e não “apoderar-se” do corpo ou da vontade do outro.

**Anexo 7: Jogo de mímica com pseudo-cenas de violência do namoro**

A professora dará algumas frases para os alunos em grupos de dois ou três representarem em mímica. Os restantes colegas deverão tentar adivinhar do que se trata. No fim do jogo, as frases do jogo servirão como ponto de partida para o debate sobre a violência no namoro.

**Frases a serem representadas:**

- Insultar a/o namorada/o.
- Proibir de usar certas peças de vestuário.
- Verificar as mensagens e chamadas no telemóvel.
- Impedir de estar com (certos) amigos.
- Proibir de sair para se divertir sozinho ou sem o namorada/o.

**Anexo 8: Os mandamentos do namoro**

Os alunos criarão os seus mandamentos do namoro que servirão como síntese da aula num marcador.

No dia 7 de novembro de 2017 pelas 12:40, iniciou-se a lecionação da quinta aula da U.L.1: O Amor Humano.

A aula decorreu como planeada. Iniciei a aula, como é habitual, ditando o sumário e com a colaboração de uma aluna que o escreveu no quadro.

Esta aula incidiu sobre a violência no namoro. Trata-se de uma aula que foi planeada em função de alguns comentários feitos na primeira aula da unidade letiva. Compreendi que alguns alunos já teriam vivenciado essas experiências ou conheciam pessoas que tinham sido alvo disso. Foi ainda perceptível que havia dúvidas sobre a partir de que ponto se pode considerar que se trata de violência no namoro.

Comecei a aula incentivando os alunos a definirem e descreverem o que era a violência no namoro. Como esperava, algumas das primeiras reações foram sobre a violência física. Apesar disso, algumas alunas conseguiram dar outro tipo de exemplos que não passava pela violência física, como a do controle das chamadas e mensagens dos telemóveis. Fui dirigindo o diálogo para que os alunos percebessem que quem ama, confia e quem ama não faz mal. Além disso, também, mostrei que a violência no namoro era muito mais do que a violência mais visível, a física. Salienta-se que este diálogo teve sempre como ponto de partida as respostas dos alunos. Aproveitei ao máximo aquilo que os discentes verbalizaram.

Numa fase seguinte, expliquei a atividade que os alunos iriam fazer a seguir. Chamaria alguns alunos aos pares ou em trio, conforme tinha delineado previamente, e mostraria a esses alunos uma frase que exemplificava um ato de violência no namoro. Os alunos, por sua vez, deveriam reproduzir por mímicas a frase em causa até que os restantes colegas descobrissem. No fim, a frase seria afixada no quadro. No fim de cada cena representada debater-se-ia o episódio retratado.

No debate, consoante as respostas foram sendo dadas pelos alunos, instiguei-os com frases provocatórias, baseadas naquilo que os discentes respondiam. Pretendia que os alunos tivessem plena noção daquilo que pode ser um abuso e uma forma de violência no namoro. Algumas das respostas dadas deixaram-me perplexa. Um dos exemplos foi uma aluna achar que no namoro havia coisas que não eram permitidas, mas que no casamento já era aceitável e até normal que acontecesse. Encontrava-se nesse âmbito, a aprovação do marido na escolha dos amigos da esposa. Outro exemplo, dado, por alguns alunos, era acharem normal que o namorado não quisesse que a namorada andasse com roupas que ele não considerasse adequadas. Provocadas por

mim, para que explicassem melhor a opinião deles, houve quem afirmasse que não se deve ir despida para a rua. Passou-se do pouco vestido para o despido. Perante os meus comentários, os alunos perceberam que algumas das atitudes que eles consideravam normais, pode não o ser efetivamente assim. Pode-se estar perante uma atitude de controlo excessivo por parte do/a namorado/a.

No fim desta atividade, os alunos foram convidados a criarem mandamentos do amor. Um dos alunos passou os mandamentos criados pelos colegas no computador e foi projetado em simultâneo no quadro. Esta atividade era essencialmente a súmula da aula. A partir do que ali estivesse escrito, criaria um marcador que seria entregue na aula seguinte. Os alunos participaram, na atividade, com motivação.

A aula correu bem, os alunos reagiram bem às atividades e mesmo os mais inibidos, com algum reforço positivo da minha parte e apoio dos colegas, representaram.

O objetivo desta aula: alertar para certas situações de violência no namoro, sobretudo a menos visível, a psicológica foi cumprida. É importante despertar os jovens para determinados abusos, para que possam estar despertos para possíveis situações limites. Isto para que não aconteça, como até foi verbalizado em aula, que se ache normal certas situações abusivas, como por exemplo, a escolha dos amigos do seu namorada/o.

O facto de se ter abordado esta temática com algum lado mais lúdico e teatral deu um ambiente menos “pesado” à aula. Os alunos estavam entusiasmados em adivinhar qual o cenário de pseudoviolaência. Era importante abordar este assunto com normalidade, mas não com dramatismo, para que os alunos estivessem efetivamente motivados, interessados e que consequentemente apreendessem algo. Determinante também foi a forma como a aula foi conduzida para que os alunos refletissem e chegassem à conclusão do exagero e até de algumas ideias erradas sobre o que se poderia considerar violência. Frases como “-Ah, no casamento já se pode escolher os amigos do cônjuge...?!” era uma forma de os alunos tomarem mais atenção às suas respostas e terem maior consciência de certas situações.

Pelo decorrer da aula e pela forma como todos os alunos participaram, mesmo os mais retraídos, mostrou que os alunos perceberam a aula.

A motivação é essencial para que haja aprendizagem. Se o professor conseguir motivar os seus alunos na realização das atividades propostas mais facilmente levará o aluno à aquisição de novos conteúdos. A motivação e o sucesso escolar estão

intimamente ligados. Quanto mais motivado o aluno está, maior a probabilidade de ter mais sucesso na aprendizagem.

O professor tem alguma responsabilidade na motivação dos seus alunos. É importante que o professor acredite nas capacidades dos discentes, para que eles também possam acreditar neles. Como salienta Richard Arends: "..., todos os alunos devem gozar do mesmo respeito e sentimento de valorização."<sup>37</sup> Isso é essencial em todos os alunos, mas sobretudo naqueles que têm pouca autoestima, seja porque já tenham tido algum insucesso escolar, seja por inadaptação à turma, seja, ainda, por outro motivo.

Sempre que um aluno está motivado, ele se concentra e presta mais atenção à aula. Dito de outra forma, a motivação é o *élan* que faz com que o aluno esteja mais atento na sala de aula e que, conseqüentemente, realize as atividades propostas com mais entusiasmo. Deste modo, o aluno aprenderá melhor.

Atividades como as usadas nesta aula são uma mais-valia para motivar os alunos. Os alunos através de jogos de representação aprendem melhor, porque a abstração de tentar adivinhar que episódio, neste caso, de pseudoviolência se tratava, proporciona uma maior concentração. O caráter lúdico do jogo faz com que o aluno esteja mais atento e faça mais uso das suas capacidades para conseguir jogar bem e, conseqüentemente, apreender novos conteúdos.

Além disso, os alunos quando passavam a ser atores tinham de ser criativos e imaginativos e usar uma ferramenta importante o improviso. O improviso é fulcral, para que, em situações reais inesperadas, os alunos saibam sair das mesmas com sucesso. Através deste tipo de jogos, como a mímica, os alunos visualizam melhor, neste caso, o que está mal, nas cenas de pseudoviolência e como se tratam de imagens, fixam melhor os ensinamentos retirados.

Em suma, usar estratégias como a representação, além de ser uma forma de motivar os alunos, é uma boa forma para se adquirir novos conteúdos.

---

<sup>37</sup> ARENDS, Richard I, *Aprender a Ensinar*, p. 78.




Nível: 8ºano

Unidade Letiva: O Amor Humano

Lição: 9 (aula 6 da UL)

Data: 14-11-2017

Ano Letivo: 2017/18

METAS	Objetivos	Conteúdos	Estratégias de ensino-aprendizagem	Materiais		Avaliação formativa
F-Conhecer a mensagem bíblica	4. Descobrir a mensagem cristã sobre o amor e a fecundidade, reconhecendo as suas implicações na prática da vida quotidiana.	<ul style="list-style-type: none"> <li>O amor como bênção de Deus: 1Jo 4, 8 1 Jo 4, 12 1 Jo 4, 16</li> </ul>	<p>Acolhimento aos alunos, registo do sumário da aula.</p> <p><b>Jogo</b> - caça ao intruso no poema “Pedra Filosofal” de António Gedeão - substituição da palavra sonho pela palavra amor (verificar anexo 9)</p> <p><b>“Experiência do amor” com bicarbonato de sódio e vinagre</b> - partilha das conclusões da experiência - relação entre a experiência e o amor - relação entre o amor humano e Deus (verificar anexo10)</p> <p><b>Audição de parte da música “We are the World” de USA for Africa</b> -explicação da finalidade da criação da música -verificação que o amor pode fazer a diferença no mundo.</p> <p><b>Entrega das sínteses das últimas duas aulas como marcador.</b></p>	<p>Quadro Caneta Caderno</p> <p>Ficha de exercício prático</p> <p>Garrafas Balões Vinagre Bicarbonato de sódio</p> <p>Datashow Computador</p> <p>Marcador de livros</p>	<p>3m</p> <p>10m</p> <p>23 m</p> <p>4m</p> <p>5m</p>	<p>Observação direta -comportamento</p> <p>-comportamento -interesse -participação -criatividade</p> <p>Observação direta -comportamento - interesse -participação</p>

**Sumário:** O amor como bênção de Deus: 1 Jo 4, 8; 1 Jo 4, 12; 1Jo 4, 16.

Demonstração do amor de Deus no Homem, através de uma experiência química.

**Proposta de síntese: Só o amor pode fazer a diferença no mundo.**

**Anexo 9: Poema “Pedra Filosofal” de António Gedeão**

A professora dará o poema para que os alunos descubram a palavra intruso (sonho) e que a substituam por amor. No fim, ler-se-á o poema com a devida substituição. Deste modo, os alunos terão a noção que o amor faz mudar o mundo.

**Anexo 10: Experiência do amor**

Os alunos serão agrupados em três grupos. Todos eles utilizarão uma garrafa com vinagre e bicarbonato, alterando a quantidade deste último que fará alterar a dimensão do balão que se colocará na garrafa. A finalidade é que percebam que todas as pessoas têm o dom de amar, dom divino e que quanto mais há bicarbonato, que representa o amor e a capacidade de amar, maior é a sua manifestação (tamanho do balão).

**Anexo 11: Vídeo com a música “We are the World” de USA for Africa.**

Como conclusão da unidade, os alunos ouvirão parte desta música. A finalidade é que percebam que o amor é o bem maior da humanidade e que só pelo amor se pode ter um mundo melhor.

No dia 14 de novembro de 2017 pelas 12:40, iniciou-se a leção da sexta e última aula da U.L.1: O Amor Humano.

No início, quando cheguei à sala de aula, os alunos estavam tristes por terem recebido um teste da aula anterior, no fim da mesma. Havia mesmo uma aluna a chorar que achava que tinha tido negativa. Felizmente, tratou-se de um engano e ainda bem que, entretanto, a turma reagiu positivamente, porque poderia ter sido mais difícil captar a atenção dos alunos.

A aula iniciou-se com o sumário no quadro por um aluno. Seguidamente, consegui prender a atenção dos alunos ao dizer que tinha uma atividade de caça ao intruso, e prossegui dizendo que iria entregar um poema e que teriam de, após a leitura, verem qual a palavra que se poderia retirar e ser substituída por outra. Esta atividade deveria ser feita de forma a que o poema mantivesse o sentido e que tivesse mais em sintonia com a temática abordada nas últimas aulas. Tratava-se de um poema de António Gedeão intitulado “A Pedra Filosofal”. A palavra considerada intrusa era “sonho” e a palavra pela qual poderia ser substituída seria “amor”.

Os alunos foram lendo alternadamente o poema em voz alta. Numa fase seguinte, os alunos conseguiram, embora com alguma dificuldade, perceber que a palavra “intrusa” era sonho. Posteriormente, os alunos conseguiram facilmente perceber que poderiam substituir pela palavra amor. No fim, o poema voltou a ser lido com a devida alteração, ou seja a substituição da palavra sonho por amor, à exceção da expressão “eles nem sabem nem sonham”. Aliás, é de salientar que ainda se estava a meio da leitura do poema que já uma aluna tinha verificado que essa frase não poderia ser modificada. Foi dito à aluna que no momento que lá se chegasse iria explicar. Todos os alunos perceberam a explicação e pelas reações manifestadas acharam graça que se pudesse mudar o sentido do poema, mudando apenas uma palavra. Verificaram ainda que o poema resumia bem o que tinha sido dado nas aulas da unidade “O Amor Humano”, pois até a palavra “fermento” uma das metáforas, dadas por mim, para explicar o amor, se encontrava no poema com esse sentido.

É de salientar que no meio desta atividade um conjunto de alunos, de outra turma, bateu à porta e pediu se podiam entrar para dar a conhecer uma nova atividade desportiva que estavam a dinamizar na escola. Acolhi-os e deixei-os dizer o que pretendiam. No fim, após eles saírem, retomei a atividade da leitura do poema já com as devidas alterações.

Seguidamente, distribuí os alunos em três grupos já discriminados por mim. Salienta-se que tentei que os grupos tivessem um certo equilíbrio na sua estruturação. Assim, além de colocar um rapaz por grupo, visto só haver três, tentei colocar elementos mais introvertidos com outros mais extrovertidos e elementos mais faladores com outros menos conversadores.

Os alunos receberam bem as indicações e foram formando os grupos sem grande agitação. Estando os grupos propostos, dei as indicações e instruções sobre a atividade que iriam fazer. Salientei que seria importante que ouvissem bem as regras para que a experiência que iriam fazer corresse bem. Exemplifiquei, em parte, como queria que os alunos colocassem o bicarbonato de sódio na garrafa que lhes seria distribuída. Disse ainda que só quando dissesse é que poderiam colocar o bicarbonato colocado nos balões para dentro da garrafa já pré-preparada com vinagre. Dadas as indicações, distribuí os materiais pelos três grupos. Uma aluna salientou que eu até tinha tido o cuidado de trazer balões em forma de coração. Os alunos prepararam a experiência com afincos e sem turbulência. Todos participaram na atividade de grupo. Na altura indicada, os alunos puderam misturar o bicarbonato de sódio com o vinagre e verificar o resultado. Os balões consoante a mistura tivesse mais bicarbonato mais cresciam. Assim, houve, propositadamente, um balão que quase não encheu, outro que ficou um pouco cheio e outro que encheu mais do que os restantes.

Alguns alunos conheciam a experiência, até já a tinham realizado em Ciências Físico ou Químicas e assim puderam explicar cientificamente a experiência. Quando solicitei que vissem o que é que essa experiência tinha a ver com o amor, os alunos tiveram, inicialmente, um pouco mais de dificuldade em compreender. No entanto, com a minha ajuda perceberam a metáfora da experiência e a sua relação com o amor de Deus e o amor humano. Os discentes acharam interessante a metáfora utilizada.

Os alunos estavam tão felizes com as suas experiências e com o que ela significava que questionaram se poderiam fotografar. Assim, os alunos juntaram as três garrafas e fizeram fotografias.

Terminada esta atividade, solicitei aos alunos que retomassem os seus lugares para que pudessem visualizar um videoclip. Expliquei que a música que iriam ouvir tinha sido criada com a finalidade de acabar com a fome em África, embora, infelizmente, esse objetivo não tivesse sido atingido na totalidade, o facto de se agir em conjunto, por amor, para tentar resolver um problema era já muito bom. Coloquei o Vídeo com a música “*We are the World*” de *USA for Africa*, adaptada, ou seja, encurtei o tempo da música.

Assim que se ouviu os primeiros acordes da música, uma aluna referiu que não gostava. Respondi-lhe que o importante era a mensagem e para ela estar atenta. A aluna acabou por dizer que eu é que sabia.

A música estava legendada e isso possibilitou que todos pudessem perceber a mensagem do vídeo. Os alunos mostraram interesse pela música. Alguns iam cantarolando o refrão, outros estavam com um ar pensativo e compenetrado. A mensagem da música tinha-

lhes tocado. No fim, questioneei qual a mensagem que se poderia retirar com a música. Os alunos compreenderam que só agindo com amor se pode mudar o mundo.

Já após o toque é que me lembrei que não tinha entregado os marcadores com a súmula das duas últimas aulas. Só alguns alunos receberam o marcador.

A aula correu bem e conseguiu-se cumprir a planificação, embora não tivesse conseguido entregar todos os marcadores. Lamentei esse facto, sobretudo após tanto trabalho na sua elaboração.

Os alunos aderiram bem a todas as atividades, ao ponto de ser um gosto ver como se entregaram na atividade da experiência. O poema foi uma boa forma de sintetizar o que tinha sido dado e fazer a ponte com os novos conteúdos. A leitura em voz alta, pelos alunos, do poema foi usada também como estratégia para serenar os alunos. Quanto à música foi escolhida para que os alunos verificassem que se pode sempre tentar fazer a diferença, no mundo, através do amor e tendo um caso concreto e real dava mais impacto. Daí também a relevância de ser uma música com legenda. A experiência correu muito bem, os alunos fizeram uma boa análise da experiência e da sua analogia. O facto dos alunos terem tido a ideia de fotografar, evidencia o quanto a experiência lhes tocou. Nesse sentido, verifica-se que esta atividade resultou muito bem. Trata-se de uma atividade que fica na memória e é uma boa maneira de dizer o amor.

A propósito desta aula, abordarei a importância de se explicar através de experiências químicas, “coisas” abstratas como o amor ou Deus.

Numa aula onde a temática a ser abordada é abstrata, aulas de ordem mais teórica não criem o mesmo impacto a nível nos alunos que se encontram numa atitude passiva, mas além disso, dificulta a perceção dos conteúdos. Como falar do amor humano e da sua relação com o amor divino sem se poder visualizar alguma coisa?

Além disso, aulas de ordem mais práticas motivam mais os discentes. Alunos motivados aprendem com mais facilidade. Aulas com experiências ajudam a que se perceba melhor e que fique na memória. O professor cooperante referiu na sua apreciação que os alunos iriam ficar com esta experiência na memória. Por um lado, acrescento eu, por ser uma aula diferente, mas por outro porque a prática, através do exemplo, ajuda a que a teoria, ou seja, os conteúdos programáticos sejam compreendidos e memorizados.

Aquando da utilização de atividades como experiências de ordem mais prática, há duas teorias. Uns consideram que, primeiro, se deve dar a teoria e depois exemplificar, outros afirmam o contrário, primeiro a prática e depois a teorização. Do meu ponto de vista, a escolha dependerá muito do que se pretende que os alunos adquiram como competências e dependerá também do conteúdo a ser estudado.

No caso da minha aula, achei que a explicação só poderia fazer sentido após a experimentação. A experiência iria levantar questões e motivar os alunos a refletirem e a relacionarem-na com alguns dos conteúdos lecionados. Como refere Anatole Abragam: “O objetivo da experimentação em sala de aula é de desencadear um questionamento nos alunos, de despertar a sua curiosidade e de mostrar-lhes que “a teoria e a experiência estão intimamente ligados.”<sup>38</sup>

Além disso, falar de Deus e do Seu amor é algo que, também, se faz pela experiência do encontro, esse encontro que leva ao Seu conhecimento e isso só se faz pela experiência do viver, como refere Alexandre Palma: “Esse encontro qualificado com Ele a que chamamos *experiência de Deus* não se dá na abstração, mas na mediação. Mediação pelo quê? Por tudo aquilo que objetivamente se experimenta na vida.”<sup>39</sup> Assim, nada mais adequado do que falar do amor, dom e presença de Deus no Homem através de uma experiência científica. Ou seja, nada como abordar a temática do amor e a sua ligação com Deus através de um vivenciar, em contexto de sala de aula. Falar do amor, através de uma atividade enquanto metáfora, pode ajudar os alunos a compreenderem aquilo que eles podem experienciar ao longo das suas vidas.

### 3.3. Conclusões da UL1 – O Amor Humano

Esta unidade letiva nem sempre foi lecionada da forma como inicialmente estava planeada apesar de, no geral, ter sofrido poucas alterações. Mas, isso é também o que se pretende de uma planificação, que esta possa ser alterada sempre que seja necessário, de forma a ter em conta o público-alvo. Exemplo disso foi a aula sobre a violência no namoro e a aula em que relacionei o amor de Deus com o amor humano.

Saliento que os objetivos a que me propus durante a planificação desta unidade letiva foram conseguidos. Sendo uma temática que entusiasma os alunos, à partida facilita que o desenrolar das aulas corra bem e que os conteúdos sejam apreendidos com alguma facilidade. Mas isso, por si só, não é suficiente. Para isso foi importante conhecer melhor a turma, estabelecer uma relação com eles e criar estratégias que, além de serem eficazes na apreensão de conteúdos, fossem apelativas.

---

<sup>38</sup> ABRAGAM, Anatole, “Théorie ou expérience : un débat archaïque”, in HAMBURGER, Jean, *La philosophie des sciences aujourd'hui*, Gauthier-Villars, Paris, 1986, p. 24.

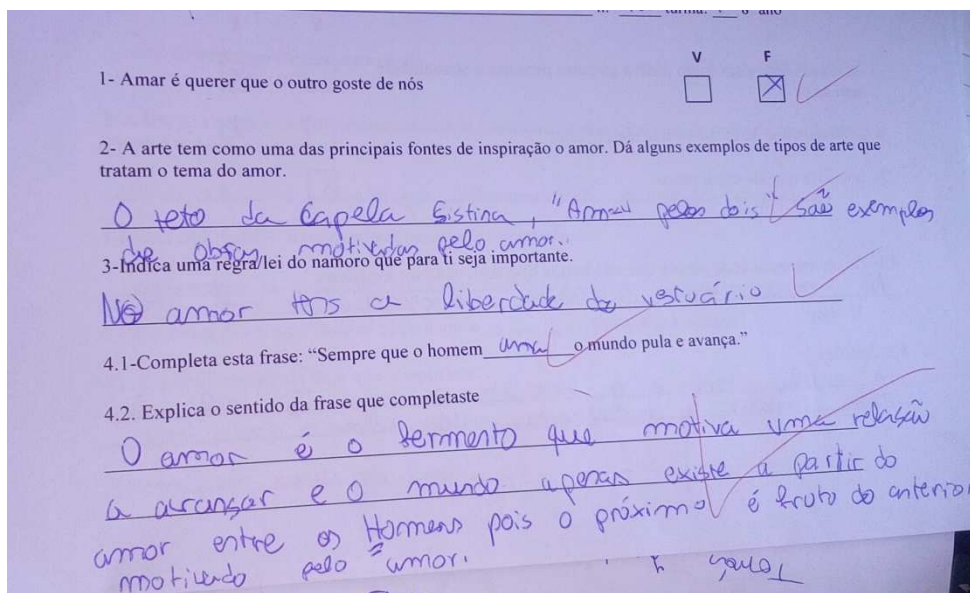
<sup>39</sup> PALMA, Alexandre, *A Trindade é um mistério, mas podemos falar disso*, p. 97.

É também importante referir que nesta turma, como em todas as turmas, há alunos mais retraídos e outros mais participativos e espontâneos. Fazer com que a aula fosse participada por todos foi um dos meus lemas. Tentei criar estratégias que fizesse com que os alunos se sentissem à-vontade para questionar e participar e fui criando dinâmicas em que todos fossem “obrigados” a participar. É disso exemplo os trabalhos de grupo, nomeadamente a mímica, pequenos jogos (dominó) em que todos participaram, passando também por momentos de leitura.

Também me preocupei em criar atividades em que a prática, o exemplo ajudassem os alunos a compreender os conteúdos, exemplificado pela experiência do pão, o dominó dos provérbios, as representações mímicas ou ainda a experiência química para explicar o amor.

Considero que as aulas de EMRC devem ajudar as crianças e jovens a desenvolver-se como pessoas com emoções, com cultura e valores cristãos. Para isso, sempre que possível, usei a interdisciplinaridade, para que vissem que EMRC não é uma aula separada da realidade escolar. Além disso, muitas vezes, fui buscar ou aproveitei casos reais e concretos para que os alunos pudessem refletir sobre situações éticas e morais e verificar que, EMRC tem tudo a ver com o viver. Também fiz questão de destacar, nas aulas, que só o amor pode fazer a diferença neste mundo.

Os alunos, na sua grande maioria, apreenderam os conteúdos lecionados. A forma como eles iam interagindo, em sala de aula, demonstra isso. Facto consolidado pelos testes em que os alunos conseguiram evidenciar que tinham adquiridos conhecimentos. Cabe-nos esperar que ponham em prática ou que continuem a pôr em prática muito do que ali se debateu e refletiu. Deixo como exemplo, do que escrevi, dois testes de alunos, após este texto.



	V	F
	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>

1- Amar é querer que o outro goste de nós ✓

2- A arte tem como uma das principais fontes de inspiração o amor. Dá alguns exemplos de tipos de arte que tratam o tema do amor.

Arte suprema, azuleiros, monumentos, poemas e canções.

3- Indica uma regra/lei do namoro que para ti seja importante.

Respeitar e confiar um no outro ✓

4.1- Completa esta frase: "Sempre que o homem ama o mundo pula e avança."

4.2. Explica o sentido da frase que completaste.

Sem amor o mundo não é a mesma coisa.

Amor com amor se paga.

Quanto às minhas aprendizagens, pude, mais uma vez, comprovar que professor precisa de ter tudo muito bem planeado e delineado para que consiga ter bons resultados. Precisa ainda de ter materiais adequados aos objetivos que se pretendem atingir. E mesmo tendo tudo isso bem delineado (planificações e materiais), o professor deve estar preparado para eventuais imprevistos. Em relação aos imprevistos que, ao longo desta unidade, fui tendo, acho que soube lidar da melhor maneira.

Além disso, verifiquei que é essencial que um professor esteja motivado, para que consiga desempenhar a sua missão da melhor forma. Só um professor que ama o que faz, pode estar disponível para superar ou contornar todos os desafios que lhes surjam de forma a conseguir atingir os seus objetivos, neste caso, ajudar no crescimento pleno de crianças e jovens. Parafraseando uma frase criada numa das atividades da Unidade Letiva: "Sempre que o homem ama, o mundo pula e avança."

No que diz respeito à Unidade Letiva 1, do oitavo ano "O Amor Humano", como já enunciei anteriormente, foca-se essencialmente no amor antropológico, dando uma visão restrita do amor. Nesse sentido, ao longo da minha planificação da unidade, tentei dar uma visão mais ampla do amor, não menosprezando os conteúdos que estão inscritos no programa. Por esse motivo, o segundo capítulo abordará os vários tipos de amor e a relação que existe entre o amor humano e amor divino para que possa evidenciar o quanto seria pertinente que esta unidade tivesse uma abordagem mais ampla.

## CAPÍTULO II- O Amor

O termo “amor humano”, que dá título à Unidade Letiva em estudo, verbalizado em qualquer contexto é particularmente associado ao *éros* – amor romântico. Essa é também a concepção da própria Unidade Letiva que apenas trata deste tipo de amor.

Todavia, esta interpretação pode induzir em erro, porque pode dar a ideia que só existe esse amor ou que este tipo de amor se encontra num patamar superior em relação aos restantes tipos de amor, ou ainda, no limite, que este amor - *éros* origina todos os outros amores, quando não é assim. É pertinente que a Unidade Letiva 1 “O Amor Humano” do 8º ano relacione Deus com o homem e o amor divino com o amor humano, não só para clarificar a origem do amor, mas também para que os discentes tenham noção do dom que é o amor.

Assim, este capítulo terá o intuito de refletir esta ideia e de fundamentar a pertinência de se dar uma visão mais vasta sobre o amor nesta Unidade Letiva.

### 1. Os quatro tipos de amor

A temática do amor é sempre difícil de se tratar devido à sua complexidade e à sua abrangência. Isto também se deve à diversidade de sentidos e significados do vocábulo “amor”. Consoante o contexto, a palavra “amor” pode ter um sentido e/ou significados diferentes. Essa disparidade também se encontra presente na visão cristã, ainda que se tenha noção que existe sempre uma ligação entre o sujeito que ama e aquele que é amado.

Independentemente do tipo de amor de que se fala, uma das definições, que diz muito do que é o amor, é a que vem em 1 Cor 13, 4-8.

“O amor é paciente, o amor é prestável, não é invejoso, não é arrogante nem orgulhoso,<sup>5</sup> nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita nem guarda ressentimento. <sup>6</sup>Não se alegra com a injustiça, mas rejubila com a verdade. <sup>7</sup>Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.<sup>8</sup>O amor jamais passará.”

Esta forma de definição é eficaz no que concerne ao amor entre amigos, amor conjugal, amor entre familiares ou ainda amor a Deus. A pluralidade de sentidos e significados deve-se à forma como as várias conotações foram traduzidas com o mesmo termo: amor. A forma como se compreende e define o amor influencia o modo como ele é vivido seja conosco, com o outro ou até em relação a Deus.

A cultura grega, que tanto nos inspirou, tentou definir o amor e conceptualizou quatro categorias.

Nesse sentido, parece-me lógico debruçar-me sobre esses quatro tipos de amor, a partir da sua origem grega. *Storge* (στοργη) amor-afeição, *Philia* (φιλια) amor-amizade, *Éros* (έρως) amor-romântico e *Ágape* (αγαπη) amor - caridade.<sup>40</sup>

### 1.1. *Storge* – afeição

*Storge* é o tipo de amor associado à família. É o amor que os pais têm em relação a seus filhos e vice-versa. É esse mesmo amor que existe entre os irmãos. Trata-se de um amor abrangente e o mais instintivo, no sentido de ser aquele que acompanha desde sempre a pessoa. Por isso, é também o único tipo de amor que comportem os seres humanos e animais. Um amor que cuida, que se preocupa com o outro. É o tipo de amor que é determinante para o nascimento e crescimento de todo o ser. Esse é o amor que uma mãe tem pelo seu filho, até mesmo durante o tempo que antecede o seu nascimento e aquele que um animal tem com a sua cria. Assim, segundo Clive Staples Lewis, a afeição é o amor menos discriminatório:

“Ele (o amor – afeição) é o menos discriminatório dos amores. Há mulheres que podemos prever que terão poucos pretendentes e homens que provavelmente terão poucos amigos: nada têm a oferecer. Mas quase todos podem ser objeto de afeição; o feio, o estúpido e até o exasperante. Não é preciso que haja algo de visivelmente valioso entre aqueles a quem o afeto une: já o vi manifestar-se em relação a um imbecil, não só por seus pais, mas também por seus irmãos. Ele ignora as barreiras de idade, sexo, classe e educação.”<sup>41</sup>

Todos podem ser alvo de afeição, mesmo que nada façam por isso, por ser o mais natural dos amores. Mas isso, essencialmente, num primeiro tempo. Como todos os amores, este também precisa de ser “nutrido”. Não é por ser o mais natural dos amores que se encontra

---

<sup>40</sup> De referir que a minha análise incide, essencialmente, sobre a Carta Encíclica *Deus caritas est* de Bento XVI, as considerações feitas por Clive Staples Lewis no seu livro *Os Quatro Amores*, artigos e estudos realizados por Anders Nygren com, a obra *Éros e Agapè* e ainda diversos ensaios organizados por Alan Soble no livro *Eros, Agape and Philia, Readings in the Philosophy of Love*.

<sup>41</sup> LEWIS, Clive Staples, *Los Cuatro Amores*, Harper Collins Publishers: Rayo, New York, 2006, p. 44.

sempre garantido. Não é natural que os pais não amem os seus filhos, que um filho não ame os seus pais e que os irmãos não se amem. Mas, é importante que haja gestos que façam com que esse amor natural, que todos esperam, se mantenha. Amor gera amor. Se um filho não for alvo de gestos de amor por parte dos seus pais, dificilmente, este filho terá amor pelos seus pais. Como amar alguém que nunca mostrou esse amor, sobretudo quando deveria ser normal esse amor existir?! Todavia isso nem sequer é linear. Muitos pais amam os seus filhos e têm alguma dificuldade em expressar e demonstrar esse amor. É o que acontece, por exemplo, na história do *Rei Lear*, mencionada por Clive Staples Lewis no seu livro supracitado.<sup>42</sup> Outros, ainda, são pais dedicados, extremos, capazes dos maiores sacrifícios pelos seus filhos e, infelizmente, esse amor não é correspondido. E mesmo assim os pais nunca deixam de os amar. Este tipo de situação está muito bem retratado na obra de Honoré de Balzac com o seu livro *O Pai Goriot*. Há ainda filhos que amam os seus pais sem terem grandes motivos. Por isso, a afeição pode ser considerada o amor “menos razoável.”<sup>43</sup> Não necessita de certos atributos. Todos podem e desejam ser alvo de afeição. Pode ser dado a quem nada ou pouco fez para isso. Não será dado consoante os seus méritos. Como refere Clive Staples Lewis: “o afeto surge e fortalece-se, sem exigir qualidades brilhantes, tanto é assim que se pode ser alvo de afeto sem ser necessariamente pelos méritos de cada um.”<sup>44</sup> Trata-se de um tipo de amor benevolente, em que se ama, além dos defeitos e falhas do amado. Um pai ou uma mãe, normalmente, amarão sempre os seus filhos mesmo que estes cometam os maiores erros.

A afeição será o primeiro amor a ser sentido pelo Homem e a forma como este amor terá sido experienciado, influenciará a forma como cada pessoa terá noção de si, e o modo como se relacionará com os outros. Quem não tiver experienciado este amor da melhor forma, terá uma maior probabilidade de ter dificuldade em transmiti-lo.

A afeição será o elemento principal para que haja harmonia, alegria e esperança na família por isso, é essencial à vivência humana. Só assim se poderá corroborar que “os netos são a coroa dos mais velhos e a glória dos filhos são os seus pais” (Pr 17, 6).

## 1.2. *Philia* – amizade

*Philia* significa amizade. Trata-se de um amor em que se tem estima pelo outro. Como afirma Neera K. Badhwar: “Defino a amizade como uma relação prática e emocional de boa vontade, afeto e prazer mútuo e equitativo”<sup>45</sup> Para que haja amizade, é necessário que se tenha

---

<sup>42</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 51-53

<sup>43</sup> *Ibidem*, p. 51.

<sup>44</sup> *Ibidem*, p. 52

<sup>45</sup> BADHWAR, K. Neera, “Friends as ends in themselves”, in SOBLE, Alan, ed., *Eros, Agape and Philia, Readings in the Philosophy of Love*, Paragon House, New York, 1989, p. 170.

certas afinidades entre as partes envolvidas. Contrariamente à afeição, a amizade não é inata. Pelo contrário. Clive Staples Lewis até a considera a menos natural, porque não é vital ao ser humano.

“A Amizade, num sentido que de modo algum a deprecia, é o menos natural de todos os amores; o menos instintivo, orgânico, biológico, gregário e necessário. Ela nada tem a ver com os nossos nervos; nada que faça acelerar o pulso, que faça ruborizar ou empalidecer [...] Sem Éros nenhum de nós teria sido gerado e sem a Afeição ninguém teria sido criado; mas podemos viver e procriar sem a Amizade.”<sup>46</sup>

Apesar de não ser essencial, segundo Clive Staples Lewis, para a existência humana, a amizade é uma dádiva para quem a experiencia, porque dá outra alegria e outro sentido à vida e é fundamental para todos, nomeadamente os jovens. Como refere Alexandre O’Neill: “Amigo é a solidão derrotada!/[...] Um espaço útil, um tempo fértil,/ “Amigo” vai ser, é já uma grande festa!”<sup>47</sup> Em relação ao *éros*, a amizade é uma relação mais ampla, não se limita a duas pessoas em que o outro é o foco da relação. Na amizade, há sempre um ou vários interesses similares e pode-se ter vários amigos ou até mesmo um grupo de amigos em comum.

Como surge na Bíblia, mais precisamente em Ben Sira 6, 14-15: “<sup>14</sup>Um amigo fiel é uma poderosa proteção; quem o encontrou, descobriu um tesouro.<sup>15</sup>Nada se pode comparar a um amigo fiel, e nada se iguala ao seu valor.” Esta citação demonstra bem o valor da amizade. Mesmo não sendo essencial à vida humana, uma vida com amigos é bem mais interessante e, essencialmente, mais alegre e preenchida.

Na amizade, há uma preocupação e desejo de que o outro, o amigo, tenha alegrias e sucessos como se deseja para si-próprio. Nesse sentido, Neera K. Badhwar salienta:

“As melhores, mais completas amizades são aquelas nas quais os amigos se amam mutuamente e desejam o melhor ao outro, como fim em si mesmo, e têm prazer em estarem juntos e não só ou primordialmente para outro fim – o facto de cada um ter, e dar importância à sua própria vida e perspectiva, não obstante a vida e perspectiva do outro ser semelhante à sua.”<sup>48</sup>

---

<sup>46</sup> LEWIS, Clive Staples, *Los Cuatro Amores*, p. 70.

<sup>47</sup> O’NEILL, Alexandre, “Amigo”, in *Poesias Completas -1951/1986*, INCM, Lisboa, 1995.

<sup>48</sup>BADHWAR, K. Neera, “Friends as ends in themselves”, in SOBLE, Alan ed., *Eros, Agape and Philia, Readings in the Philosophy of Love*, p. 171.

A amizade deseja o melhor ao amigo e alegra-se com que lhe acontece de bem ou entristece-se quando lhe surge algum infortúnio, tudo isto de forma desinteressada. Na amizade desenvolvem-se as noções de partilha e de generosidade. Como Neera K. Badhwar refere:

“O amigo é visto como amigo devido ao que é na sua essência, e não por causa de características secundárias que o tornam útil ou nos dão prazer. Numa amizade instrumental, em oposição, o objeto do amor consiste principalmente ou somente nas características secundárias do outro.”<sup>49</sup>

Neste trecho há uma distinção entre a amizade verdadeira e as pseudoamizades, ou seja, amizades que não são mais do que meios para obter certos fins ou que servem para que o próprio se sinta bem, mas nunca tendo em vista o outro, o amigo.

Além da verdadeira amizade e da “amizade” por interesse, que pode, muitas vezes, levar ao engano, não é raro se confundir o companheirismo com a amizade. Assim é importante fazer a distinção entre estas duas formas de socialização.

O companheirismo é a fonte da amizade, mas nem todos os companheiros são amigos. Os companheiros têm em comum a realização de certas atividades. O que leva à amizade é descobrir que há mais afinidades entre dois ou mais elementos desse grupo de companheiros. Saber que partilham opiniões e certas perspetivas da realidade e/ou que têm mais interesses comuns aproxima os intervenientes.<sup>50</sup>

Em suma, os amigos são companheiros, mas nem todos os companheiros são amigos. Não pode existir amizade sem que haja um sentimento de admiração, de estima mútua e de entrega entre amigos. É isso que diferencia o companheirismo da amizade. A admiração e a estima, que advém das várias afinidades que existem, leva a que o companheirismo evolua para um patamar superior: a amizade.

### 1.3. *Éros* – amor-romântico

*Éros* na língua grega significa amor-romântico. Mas é também o nome de um deus grego, o deus do amor. Certamente será por esse motivo que no Novo Testamento não existe essa palavra, embora haja passagens em que se fale no amor-romântico. Faz todo o sentido

---

<sup>49</sup> *Ibidem.*

<sup>50</sup> Cf. LEWIS, Clive Staples, *Los Cuatro Amores*, pp. 76-78.

que se tivesse o cuidado de não usar termos que poderiam lembrar divindades pagãs e se preferisse usar um termo menos usado (*ágape*). Como afirma Bento XVI:

“Diga-se desde já que o Antigo Testamento grego usa só duas vezes a palavra *éros*, enquanto o Novo Testamento nunca a usa: das três palavras gregas relacionadas com o amor – *éros*, *philia* (amor de amizade) e *ágape* – os escritos neo-testamentários privilegiam a última, que, na linguagem grega, era quase posta de lado.”<sup>51</sup>

O amor-romântico é o que se designa quando alguém se encontra amando um “tu” ou ainda aquilo que os amantes nutrem um pelo outro. Neste amor, há sempre, uma fase inicial em que ainda não se pode falar em amor – romântico, mas de uma atração despertada por certas qualidades ou aparentes qualidades que o outro tem ou parece ter. Consoante se vai conhecendo mais esse “tu”, ou o atraído se sente cada vez mais interessado, por verificar que têm afinidades ou, pelo contrário, essa atração desvanece-se rapidamente. Em suma: há mais atrações do que amores-românticos. Todos os amores-românticos passam por esta fase de atração, mas nem todas as atrações levam a um amor-romântico. Quando a atração inicial passa para uma fase posterior, significa que a atração inicial se intensificou, passou por um primeiro crivo e se transformou num amor-romântico onde prevalece o deslumbramento pelo ser amado. Alan Soble afirma que no amor-romântico o sujeito amante apaixona-se por dois motivos: ou devido a fatores externos como a beleza, ou devido a fatores internos como a inteligência e/ou os valores éticos que estão em sintonia com o amante. Se se tratar deste último fator, trata-se, segundo o autor, de um amor superior e, conseqüentemente, mais provável de ser duradouro e constante. Pode ainda haver uma mistura de todos esses elementos. Ou seja, o amante pode amar o outro pela sua beleza e também pela sua inteligência e valores éticos. Sempre que o amor partir de fatores internos ou que estes também estejam presentes, pode-se esperar mais, facilmente, que haja atitudes efetivas desse amor genuíno, como a preocupação pelo bem-estar da pessoa amada de forma totalmente desinteressada.<sup>52</sup>

O amor-romântico existe quando há uma admiração, uma contemplação e um cuidado pelo outro. É um estado em que existe desejo pela pessoa amada, mas sem uma conotação sexual, pelo menos, não num primeiro momento. Como refere Clive Staples Lewis:

---

<sup>51</sup> PAPA BENTO XVI, *Deus caritas est*, 3.

<sup>52</sup> Cf. SOBLE, Alan, ed., *Eros, Agape and Philia, Readings in the Philosophy of Love*, Paragon House, New York, 1989, p. 79.

“Geralmente, o que acontece primeiro é simplesmente uma deliciosa preocupação pela amada – uma preocupação geral e inespecífica, por ela na sua totalidade. O homem nestas condições na verdade não tem tempo para pensar em sexo, pois está muito ocupado pensando numa pessoa. O facto dela ser uma mulher é muito menos importante do que ser ela mesma. Ele está cheio de desejo, embora possa não ter uma conotação sexual. Se alguém lhe pergunta o que quer, a sua verdadeira resposta costuma ser: "Continuar a pensar nela". É o amor contemplativo. E quando mais tarde desperta o desejo explicitamente sexual, não vai sentir (a não ser que teorias científicas estejam a influenciá-lo) que desde o princípio foi essa a razão de tudo.”<sup>53</sup>

A conotação sexual existirá numa fase posterior, mas sempre associado e inserido à primeira fase de deslumbramento e de amor pelo outro. Aliás, só assim este amor-erótico também poderá ser entendido como amor-romântico. Caso contrário, em vez, de se valorizar o amor-romântico, valorizar-se-á esse lado mais sexual, o que poderá levar a uma visão e vivências erradas desse erotismo. É nesse âmbito que, muitas vezes, *éros* tem uma conotação negativa, porque é associado a algo físico sem sentimento, desligado do amor. “O desejo sexual sem Éros, deseja a coisa em si; Éros deseja a amada.”<sup>54</sup> O amor-erótico não deverá ser venerado, caso contrário será uma ação vazia e sem sentido, que apenas trará escassos momentos de prazer e em que o indivíduo, enquanto ser, perderá a sua dignidade. Como salienta Bento XVI:

“O *éros* degradado a puro “sexo” torna-se mercadoria, torna-se simplesmente uma “coisa” que se pode comprar e vender, antes, o próprio homem torna-se mercadoria. Na realidade, para o homem, isto não constitui propriamente uma grande afirmação do seu corpo. Pelo contrário, agora considera o corpo e a sexualidade como a parte meramente material de si mesmo a usar e explorar com proveito.”<sup>55</sup>

Isso não significa que essa dimensão erótica não seja importante no amor-romântico. Pelo contrário, essa dimensão deve fazer parte. Além de ser uma demonstração desse amor pela pessoa amada é também a forma de dar continuidade à existência humana. Mas essa dimensão só inserida numa verdadeira relação de amor poderá trazer felicidade, porque terá toda uma estrutura que a envolve.

---

<sup>53</sup> LEWIS, Clive Staples, *Los Cuatro Amores*, p. 105.

<sup>54</sup> *Ibidem*, p. 106.

<sup>55</sup> PAPA BENTO XVI, *Deus caritas est*, 5

“a fé cristã sempre considerou o homem como um ser uni-dual, em que o espírito e matéria se compenetraram mutuamente, experimentando ambos precisamente desta forma uma nova nobreza. Sim, o *éros* quer-nos elevar “em êxtase” para o Divino, conduzir-nos para além de nós próprios, mas por isso mesmo requer um caminho de ascese, renúncias, purificações e saneamentos.”<sup>56</sup>

O percurso de “ascese” e “purificação” do amor – romântico encontra-se na procura, conhecimento e cuidado da pessoa amada. Há uma preocupação pelo outro mais do que consigo mesmo, como refere Bento XVI:

“Concretamente como se deve configurar este caminho de ascese e purificação? Como deve ser vivido o amor, para que se realize plenamente a sua promessa humana e divina? [...] Agora o amor torna-se cuidado do outro e pelo outro. Já não se busca a si próprio, não busca a imersão no inebriamento da felicidade; procura, ao invés, o bem do amado: torna-se renúncia, está disposto ao sacrifício, antes procura-o.”<sup>57</sup>

O amor – romântico tem uma dimensão mais ampla que o erotismo a ele associado. Trata-se de um amor em que o amante se centra na pessoa amada, tendo-a constantemente no pensamento e elevando-a a um patamar superior ao seu. Deste modo, trata-se de um amor com uma dimensão altruísta.

#### 1.4. *Ágape* – caridade

“*Ágape*” é o maior amor de todos, o amor divino. Trata-se do amor que Deus tem para com o Homem, bem representado na figura de Jesus, do amor que o Homem tem para com Deus e do amor que o Homem deve ter pelo seu semelhante. “O amor-ágape é uma noção colectiva.”<sup>58</sup> Ou seja de todos os amores é o mais abrangente, por ser dirigido a todo o indivíduo, sem qualquer distinção. Amar a Deus e ao próximo, incluindo os nossos inimigos é o mandamento central e revolucionário do Cristianismo. Jesus Cristo é o expoente máximo deste amor. Todo o cristão é convidado a amar, tendo-o como exemplo. A caridade é, por isso, o núcleo do Cristianismo, como salienta Anders Nygren. Trata-se de um amor doador e incondicional. <sup>59</sup>Doador por ser um amor que dá tudo sem esperar nada em troca. É um amor tão grandioso que chega a ser sacrificial. Como salienta Alan Soble: “ágape é um amor que

---

<sup>56</sup> *Ibidem*.

<sup>57</sup> *Ibidem*, 6

<sup>58</sup> NYGREN, Anders, *Érôs et Agapè*, Tome I, Les Éditions du Cerf, Paris, 2009, p. 37.

<sup>59</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 40-41.

dá, um amor que faz até mesmo o supremo sacrifício em favor do bem-amado.”<sup>60</sup> Incondicional, porque não precisa de nenhuma condição para que o amor exista. Mesmo que se erre, o amor manter-se-á. Ou seja, a caridade ama mesmo os que não são dignos, pelos seus atos, de amor e é capaz de dar a vida pelos outros, como fez Jesus Cristo. Tal como afirma Anders Nygren: “A qualidade, boa ou má, daqueles que são objeto do amor divino, não entra mais em linha de conta.”<sup>61</sup> Além de ser incondicional é também um amor constante, porque não diminui nem aumenta, ama de forma linear, sem esmorecer, independentemente do mérito do amado. Como afirma Alan Soble: “o ágape de Deus é constante porque a natureza de Deus é amar e amar constantemente [...] Deus ama constantemente e não como uma resposta por mérito;”<sup>62</sup> Ou seja, o amor - caridade ama o outro, independentemente da sua virtude. Na mesma linha de pensamento, Anders Nygren refere: “Ágape é espontâneo e sem motivo.”<sup>63</sup> Trata-se de uma dádiva de Deus.

A tónica do amor encontra-se no amante e não no ser amado. Anders Nygren, a esse propósito, declara: “Dizer que Deus ama o homem, não é fazer um julgamento sobre o *homem*, mas sobre *Deus*”.<sup>64</sup> A caridade faz parte da natureza de Deus e por ser a Sua essência, Ele ama a todos do mesmo modo, mas distintamente. Ou seja, ama cada um por si, com as suas particularidades, de forma espontânea, sem motivo, sem limites e sem qualquer tipo de restrições. “Segundo o cristianismo, o amor motivado é humano, o amor espontâneo e “não motivado”, divino.”<sup>65</sup> A caridade é amar para além das ações, boas ou más, do amado. “O amor de Deus não saberia estar limitado pela conduta do homem. A distinção entre dignos e indignos, justos e pecadores, não constitui um limite para o seu amor.”<sup>66</sup> Esta capacidade de amar só é possível, porque se trata do amor do Criador. Deus ama todas as suas criaturas e é esse amor que as valoriza. O homem só tem valor, porque Deus lhe transmite esse valor, amando-o. Como salienta Anders Nygren: “Ágape não reconhece valores, cria-os. Ama e, deste modo, confere valor. O homem amado por Deus não tem nenhum valor em si mesmo; o que lhe dá um valor é o facto de que Deus o ama. Ágape é um princípio de criação de valor.”<sup>67</sup> Nesse mesmo sentido, John A. Brentlinger afirma: “É dito que o amor de Deus pelo Homem não se baseia no valor do Homem, Deus não ama o Homem devido a um valor que os

---

<sup>60</sup> SOBLE, Alan, ed., *Eros, Agape and Philia, Readings in the Philosophy of Love*, p. xvi.

<sup>61</sup> NYGREN, Anders, *Érôs et Agapè*, Tome I, p. 73.

<sup>62</sup> SOBLE, Alan, ed., *Eros, Agape and Philia, Readings in the Philosophy of Love*, p. 43.

<sup>63</sup> NYGREN, Anders, "Agape and Eros", in SOBLE, Alan, ed., *Eros, Agape and Philia, Readings in the Philosophy of Love*, Paragon House, New York, 1989, p. 90.

<sup>64</sup> NYGREN, Anders, *Érôs et Agapè*, Tome I, p. 75.

<sup>65</sup> *Ibidem*, p. 74.

<sup>66</sup> *Ibidem*, p. 76.

<sup>67</sup> *Ibidem*, p. 77.

seres humanos possuem, o amor de Deus é concedido como uma dádiva, e os seres humanos têm valores devido a esta dádiva.”<sup>68</sup>

O homem também tem amor. Deus quando criou o homem, também o fez com essa capacidade de amar, porque é um ser feito à Sua imagem. Mas Deus ama sempre primeiro. Deus ao amar o homem faz com que este, se tiver noção da grandeza do dom que lhe foi concedido pelo Criador, ame o seu Criador, mas também o seu próximo. O homem é convidado a dar-se, como salienta Anders Nygren: “A natureza absoluta do amor a que ele (o homem) é o objeto, leva-o à obrigação de dar-se.”<sup>69</sup> A caridade tem assim, também as características de ser paciente e esperançosa. Ou seja, Deus continua à espera que o homem possa vir a amá-Lo e a amar o seu semelhante. A caridade aguarda que esse amor, que tem origem em Deus, seja correspondido.

É por isso que não há nenhum outro tipo de amor que possa superar este. Sendo o amor-caridade o mais abrangente é também o mais exigente. Este amor está fundamentado na fé, como salienta a Carta Encíclica *Deus carita est*: “*ágape* como expressão do amor fundado sobre a fé e por ela plasmado.”<sup>70</sup> Todo o cristão, além de ser fruto deste amor de Deus, terá de agir com este amor no seu dia-a-dia, a exemplo de Cristo. Para o cristão, este amor que ama incondicionalmente, é tão altruísta e exigente que só através da força do Espírito Santo é que, efetivamente, se consegue vivenciá-lo e fazê-lo presente, porque a caridade provem de Deus, como é referido em Gal 5, 22-23 “<sup>22</sup>Mas o fruto do Espírito é: caridade, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, <sup>23</sup>mansidão, temperança. Contra estas coisas não existe lei.”

### 1.5. Os quatro tipos de amor e a sua ligação

Nos quatro pontos anteriores, expus, em separado, os vários tipos de amor. O objetivo era evidenciar que existem várias formas de amor e mostrar aquilo que as define e diferencia. Todavia, isto não significa que estes amores estejam desarticulados entre si. Pelo contrário, essas formas de amor entrecruzam-se, embora, muitas vezes, não se tenha noção disso. Como refere Odile Gandon: “O ocidente não parou de colocar o amor em pedaços: desejo, ternura, compaixão, amizade, paixão, caridade [...] no espelho quebrado que estendemos ao amor, os pedaços refletem-se, desarticulados, separados.”<sup>71</sup> Daí a pertinência deste ponto. É importante

---

<sup>68</sup> BRENTLINGER, John, A, “The nature of Love”, in SOBLE, Alan, ed., *Eros, Agape and Philia, Readings in the Philosophy of Love*, Paragon House, New York, 1989, p. 137.

<sup>69</sup> NYGREN, Anders, *Érôs et Agapè*, Tome I, p. 93.

<sup>70</sup> PAPA BENTO XVI, Carta Encíclica, *Deus caritas est*, 7.

<sup>71</sup> GANDON, Odile, ed., *La charité : l'amour au risque de sa perversion*, Autrement, cop, Paris, 1993, p. 12.

que se tenha noção do elo que existe entre os vários amores. Não se trata de algo estanque. O amor, seja qual for a sua especificidade, tem a mesma essência, Deus. Essa também foi uma das minhas preocupações durante a preparação e lecionação da Unidade Letiva do 8ºano “O Amor Humano”, demonstrar, aos alunos, que toda a forma de amor está associado a um amor maior: a caridade que originou e está presente em todas as restantes formas de amor, desde que se ame de forma genuína.

Numa primeira análise, numa visão mais superficial, pode-se considerar que a ligação que existe entre os vários tipos de amor é que um amor leva a outro até estarem todos em conexão. Ou seja, por exemplo, um amor – amizade entre um casal de amigos poderá evoluir para um amor – romântico. Por sua vez, este amor poderá levar a um amor-afeto, ao ser criado uma família. Todos estes amores estarão unidos por um amor maior, a caridade, o amor que originou o ser-humano e que, enquanto criatura de Deus, possibilita que possa amar o seu semelhante e o Seu Criador.

Naturalmente que esta conceção não está errada, embora peca por ser reducionista. Por exemplo, nem todas as amizades levam a outro tipo de amor e/ou relações, ainda que a amizade possa, com o tempo, ser cada vez mais aprofundada. Além disso, será que um casal de apaixonados deixa de ser amigo?! É por existir amizade num amor-romântico que possibilita que uma relação possa perpetuar no tempo. Não será por acaso que há, em certos idiomas, termos para namorada(o) em que se encontre presente a palavra amigo. É o que acontece na língua inglesa com as palavras *girlfriend*, *boyfriend* e também na língua francesa com *petit(e)-ami(e)*. Estes termos evidenciam que há uma ligação entre a amizade e o amor-romântico.

Além da amizade, o afeto também fará parte da relação do casal. Aliás tanto a amizade como o amor romântico contêm afeto, como salienta Clive Staples Lewis:

“Tal como o gim não é só uma bebida, mas também uma base para muitas misturas, a afeição além de ser um amor em si mesmo, pode fazer parte de outros amores e colorir-los inteiramente, chegando mesmo a ser o meio em que esse amor se manifesta diariamente. Sem o afeto, os amores talvez não fossem muito bons. Ser amigo de alguém não é o mesmo que ser afetuosos com ele; mas quando o nosso amigo se torna um velho amigo, tudo o que se refere a ele, o que inicialmente nada tinha a ver com a amizade torna-se familiar e passa-se a amar com familiaridade. Quanto ao amor erótico, não posso imaginar nada de mais desagradável do

que experimentá-lo – à exceção de um breve período de tempo - sem esta roupagem caseira da afeição.”<sup>72</sup>

Mas a amizade não existe só entre amigos e entre enamorados, ela também se encontra presente na relação familiar. Na amizade é necessário que haja afinidades similares. Entre pais e filhos ou ainda entre irmãos essas afinidades também são relevantes. Só existe uma diferença: esses pontos ou gostos comuns não fazem com que se estabeleçam laços, como ocorre na amizade, apenas os fortificam. Além das ligações próprias de quem tem laços familiares próximos, ao nível, por exemplo, do ADN, há ainda outro tipo de compatibilidades. Não é raro, a família ter gostos e atividades comuns. Os mais novos aprendem a conhecer e assimilam os gostos dos irmãos mais velhos e dos pais. Naturalmente que se deve, em muito, à forma como cada um foi educado. A psicologia educacional explica bem isso. Mas a verdade é que essas afinidades fortalecem os laços familiares através de cumplicidades próprias da amizade. Além disso, a amizade, quando verdadeira, deseja o melhor ao amigo, alegra-se com os seus sucessos e entristece-se com os seus insucessos. Ora isso também acontece no seio familiar.

Mas aquilo que é mais pertinente realçar é o facto que todas as formas de amor podem conter em si o amor-caridade.

Quando retratei o amor – afeição, referi que se tratava de um amor que é o mais abrangente, porque todos podem vir a ser alvo de afeto, não necessitando de certas qualidades para se ser beneficiário deste amor. Por ser o amor mais natural, não é discriminatório. Ora estas mesmas características, ainda que a um nível superior, encontram-se na caridade. A caridade é “um amor espontâneo e sem motivo”. Encontra-se num patamar superior, porque se em ambos os amores, há a possibilidade do amado não corresponder a esse amor, mesmo que não haja motivos para isso, no caso da caridade, o Pai-amante ama sempre. A possibilidade de um pai não amar os seus filhos, é diminuta e será, sempre, entendida como anti-natura. Em princípio, os pais amam sempre os seus filhos. Assim como, normalmente, os irmãos amam-se para lá de tudo, mas, infelizmente, pode acontecer e é isso que faz com que haja a diferenciação entre os dois tipos de amor. Quando os pais amam, trata-se de um amor, em ambos os casos; no amor de Deus-Pai e no amor entre pais, filhos e irmãos; sacrificial e isso acontece, porque a afeição contém em si, quando é realmente sentida, caridade.

A caridade ama sem mérito do amado e sempre que isso acontece em outras tipologias de amor, encontra-se aí também a caridade.

---

<sup>72</sup> LEWIS, Clive Staples, *Los Cuatro Amores*, p. 46.

Salientei que na amizade tem de existir certas afinidades e qualidades que se consideram importantes para que esse amor surja. Referi ainda que se trata do amor menos natural. Todavia, muitas vezes, ainda que, talvez, não numa primeira fase da amizade, nutre-se amor por um amigo, mesmo que este tenha errado connosco ou com outrem, nalgum momento, ou que se tenha desviado dos trilhos que se consideram certos e legais. Ainda que se tenha consciência disso, permanece-se fiel à amizade. Nessa altura, reside aí a caridade. Está-se a pôr em prática um amor semelhante ao que Cristo nutre e demonstrou, ao longo da sua vida, a todos os que eram e são pecadores e “ovelhas perdidas” dos caminhos ditos corretos.

No amor – romântico, referi que o homem se apaixona por dois motivos: ou por fatores externos como a beleza, ou por fatores internos como a inteligência do outro. Afirmei ainda que poderia existir uma sùmula das duas componentes (os externos e internos) e que havia uma maior possibilidade desse amor ser duradouro e constante, quando o amor surge de fatores internos, porque, em princípio, há uma maior profundidade do amor, por não se tratar apenas de uma atração física. Além disso, a beleza física desvanece-se com o tempo, mas a beleza interior tem uma maior probabilidade de se manter. Logo se alguém ama em função desse lado interior, é normal que perdure. Deus ama todos: novos, velhos, inteligentes e menos inteligentes. Ele ama, sempre de forma constante, a criança com um aspeto mimoso e o velho com ar cansado e enrugado; o erudito e o analfabeto. Ora no amor-romântico quando é genuíno, esse amor prevalece para além dos tempos e mesmo, após a fase inicial do encantamento em que não se vislumbram os defeitos. Nessa altura, passa a caridade a coexistir no amor-romântico. Alan Soble tem afirmações que corroboram esta ideia:

“se x ama sua esposa y, o amor de x persistirá apesar dos erros, dos defeitos e até da ingratidão de y; o amor de x é posto à prova durante as discussões conjugais e se se trata de amor verdadeiro, x perdoará sempre y e continuará a estar preocupado com o bem-estar de y.”<sup>73</sup>

E o mesmo autor acrescenta:

“Tem em mente que o ágape de Deus não se baseia no valor ou mérito dos humanos. Ele ama. Poder-se-á chegar, então, à conclusão que o ágape de Deus é constante precisamente porque o valor do seu objeto não está relacionado com o fundamento do amor. Esta interferência é um contrassenso. É verdade que se o amor de Deus não se baseia no seu mérito, o amor de Deus não deixará de ser constante somente porque ou quando este mérito desaparece. Da mesma

---

<sup>73</sup> SOBLE, Alan, ed., *Eros, Agape and Philia, Readings in the Philosophy of Love*, p. 44.

forma, se o amor de x pela sua esposa y não tem fundamento (digamos é pela beleza da esposa), se a esposa perder este valor (ao envelhecer) não será a razão pela qual o amor de x acaba.”<sup>74</sup>

O exemplo dado por Alan Soble evidencia que no amor – romântico, se pode amar sem motivo e de forma permanente, como acontece na caridade. O autor foca-se no aspeto físico; mas é também válido para fatores internos. Afirmo, nalguns parágrafos precedentes, que as qualidades internas têm uma maior possibilidade de serem eternas, não significa, todavia, que não sofram alterações. A probabilidade é menor, mas existe. Se um dos cônjuges, a um dado momento da sua relação, vier a sofrer de alguma doença, fazendo com que perda algumas das suas capacidades, como o raciocínio e se torne demente, se o amor for verdadeiro, a relação manter-se-á. Ou seja, a caridade estará presente no amor-romântico/erótico. A esse propósito, Giuseppe Angelini afirma: “Por referência ao homem, a identidade entre éros e ágape deve ser entendida no sentido de que o objetivo concreto de éros é precisamente o de assumir a forma de ágape, só assim seria a forma completa de amor.”<sup>75</sup> Esta conceção de Giuseppe Angelini serve também para os outros amores, a afeição e a amizade. O horizonte concreto desses amores será a caridade.

Ao longo deste ponto, destaquei que as várias formas de amar entrelaçam-se e confluem. É por isso, natural que se use o mesmo vocábulo para as suas várias manifestações: amor. Dei ainda ênfase que a caridade pode coexistir nas várias formas de amor e que sempre que isso acontece, ou seja, sempre que se ame de forma espontânea e sem esperar nada, o amor vivenciado é mais profundo e verdadeiro.

Durante a planificação e lecionação da unidade letiva: “O Amor Humano”, tive os mesmos objetivos que me propus ao escrever este ponto, realçar que a caridade está presente em todas as formas de amar, incluindo e sobretudo, no amor-romântico, já que é este o amor que vem em destaque no programa desta unidade. Além disso, tive ainda o cuidado de realçar, aos alunos, que só vale a pena amar quando existe caridade, porque como escrevi na última síntese de aula, que, de algum modo, faz também a síntese da unidade: “Só o amor (este amor) pode fazer a diferença no mundo.”

---

<sup>74</sup> *Ibidem.*

<sup>75</sup> ANGELINI, Giuseppe, *Eros e Agape, Oltre l'alternativa*, Glossa, Milano, 2006, p. 57.

## 2. O Amor humano reflexo do amor divino

Ao longo do ponto anterior, realcei a importância do amor-caridade, e o quanto esta forma de amor se encontra presente nas várias tipologias de amor. Parece-me, nesse sentido, essencial que se faça a ligação entre o amor humano e o amor divino. O amor humano tem muito mais a ver, do que se possa pensar, com o amor de Deus. Todo o amor provém de Deus, através do amor-caridade e todo o amor tem como horizonte Deus, através da caridade. É, por isso, importante que a Unidade Letiva: “O Amor Humano” tenha isso presente. Aliás, eu mesma, quando estudei, preparei e lecionei, essa unidade, tive isso sempre como “pano de fundo”. Assim, ao longo deste ponto, refletirei como o amor de Deus e o amor humano estão relacionados.

Quando afirmo, no título deste ponto, que o amor humano é reflexo do amor divino, uso o verbo “reflexo” no sentido de voltar para trás, regressar à fonte do amor que é Deus. O termo verbal utilizado é adequado, sobretudo, porque como um espelho que reflete a imagem de forma invertida, o amor de Homem, apesar de ser feito à imagem de Deus, não se encontra ao mesmo nível. O amor de Deus será sempre um superlativo, mas o amor humano terá sempre laivos dessa essência divina e a meta é fazer com que essa dimensão divina esteja cada vez mais presente na vivência de cada discente de EMRC e, conseqüentemente, em cada pessoa.

Para abordar o amor divino é necessário falar de Deus e de sua essência. O Deus cristão é um Deus Trinitário. Sendo um Deus-Trinitário significa que entre as diversas Pessoas existe relação e isso será tratado neste ponto. Essa relação é extensiva ao ser humano. Assim, falarei, também, da relação que há entre a Trindade e o ser humano. E por último, sublinharei como amar verdadeiramente é estar em sintonia com o próximo e com Deus.<sup>76</sup>

### 2.1. Relação entre as pessoas da Trindade

Abordar o tema de um só Deus, de uma só essência divina em Três Pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo não é uma tarefa simples, ainda que seja desafiante. A Trindade é um mistério e a nossa condição humana torna limitada a Sua compreensão. A nossa mente não poderá entender, por mais que se esforce, a totalidade da essência de Deus. Para se entender a

---

<sup>76</sup> Esta parte do meu estudo baseia-se, essencialmente, nos seguintes livros: *Traité sur la Trinité, principes, modèles et termes de tout amour* de René Laurentin, *A Trindade como Historia* Bruno Forte, *La Trinité et le mystère de l'existence* de Jean Daniélou, *El Dios Uno y Trino, una teologia de la Trinidad* de Gisbert Greshake e *A Trindade é um mistério, mas podemos falar nisso* de Alexandre Palma.

Trindade, além da razão, que não pode estar dispensada, tem de haver fé. Só assim se conseguirá estar mais próximo deste mistério.

Uma das representações da Trindade que mais demonstram a complexidade do tema é o quadro da *Santíssima Trindade* de Andrei Rublev. Nele encontram-se representados três seres, anjos que se dispõem à volta de uma mesma mesa. Três seres muito semelhantes entre si, apesar de certas diferenças. Três seres que demonstram, entre eles, cumplicidade. Como afirma Alexandre Palma: “São três que agem de forma coordenada e trocam olhares de intimidade.”<sup>77</sup>

Quem for mais “distraído” ao ver a imagem pela primeira vez, sem ter lido nada sobre o quadro e indo, mentalmente, aos seus escassos conhecimentos de arte e, mais precisamente, sobre pintura, poderá considerar que o Pai seria a figura central por estar ao centro, mas também pela forma como está vestido e as cores do seu traje. O azul simboliza a divindade. O vermelho costuma representar a realeza. Ora poder-se-ia interpretar que o Pai seria o rei. Sendo assim, faria sentido estar de vermelho e no centro, como figura de destaque.

Todavia os verdadeiros especialistas afirmam que essa interpretação está errada. Mas, mesmo, entre os especialistas se todos concordam que a figura central não é a do Pai, ainda há dúvidas sobre quem será. Para uns, a figura central é a de Jesus. O vermelho representa a sua encarnação e a morte. Para outros, a figura central representa o Espírito Santo e que por estar a olhar para a figura que se encontra do seu lado direito, tida como sendo a do Pai e estando, por sua vez, esta a olhar sobretudo para a figura da frente para a o Filho, evidenciariam a intimidade e a ligação de amor da Trindade.<sup>78</sup> Os argumentos dados são válidos, mas a outra interpretação, num primeiro alcance, também não seria totalmente despropositada.

No limite, não importa muito quem é quem. Pelo contrário, essa errónea interpretação só demonstra o quanto a Trindade é complexa, pois não se sabe plenamente o que ela é. Como diria Santo Agostinho in *De Trinitate I*, 3,5 “porque em nenhuma outra questão/ (senão em relação à trindade) se erra com maior perigo/ nem se procura alguma coisa mais laboriosamente, nem se encontra alguma coisa mais frutuosa.”<sup>79</sup>

Regressando ao quadro, aquelas figuras similares entre si, têm como finalidade evidenciar a noção cristã de Deus-trinitário. A cena dos três anjos que se relacionam permanece como a forma simbólica para exprimir a unidade da natureza divina. Os três anjos, apesar da sua similitude, estão vestidos e dispostos de forma diferente para evidenciar que cada entidade da Trindade é distinta. Referir isto é algo de difícil entendimento para muitos.

---

<sup>77</sup> PALMA, Alexandre, *A Trindade é um mistério, mas podemos falar nisso*, p. 8.

<sup>78</sup> Cf. GRESHAKE, Gisbert, *El Dios Uno y Trino, Una teología de la Trinidad*, Herder, Barcelona, 2001, pp. 639-641.

<sup>79</sup> AGOSTINHO (Santo), *Trindade – De Trinitate*, Paulinas, Prior Velho, 2007.

Para outros, mais racionalistas, tal noção é inconcebível, não conseguem entender a unidade na Trindade. Montesquieu, filósofo francês e iluminista do séc. XVIII (logo racional), referia com ironia que o Papa era um mágico por conseguir fazer com que se acreditasse que três eram um.<sup>80</sup> Para os não-cristãos, nós cristãos, afinal, somos politeístas.

A Trindade é algo que, mesmo, para os cristãos, ou, pelo menos, para a maioria, é de complexo entendimento. O Cristianismo defende que se crê num Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo, sem contudo deixar de ser um e uno. Trata-se de um só Deus em três pessoas. Assim é compreensível a falta de entendimento e para os mais racionais e críticos, algo ilógico e contraditório.

Os cristãos acreditam que as três Pessoas são uma só substância e que em simultâneo são três Pessoas. “Deus é um com o Filho (Jo 10, 30) e com o Espírito Santo” (Jo 14,26). Nestas passagens bíblicas torna-se evidente que há uma relação e união das três Pessoas da Trindade.<sup>81</sup> A Trindade em si é um ser de relação. Como refere a Comissão Teológica Internacional *Comunhão e serviço: A Pessoa Humana criada à Imagem de Deus*: “O Deus cristão não é um ser solitário, mas uma comunhão entre três pessoas.”<sup>82</sup> A Trindade e a sua relação entre si foram sendo explicadas, ao longo dos tempos, através de várias analogias. Destaca-se uma das muitas analogias criadas por Santo Agostinho. O Amante, o Amado e o Amor. Esta analogia evidencia bem que tratando-se de Pessoas diferentes, elas estejam interligadas entre si e que não há uma Pessoa mais importante ou de maior relevo do que outra, pois não pode existir amor sem alguém que ama e sem um ser amado. Ricardo de São Vítor também associa a Trindade ao amor. Para ele, só faz sentido, se Deus é amor, que esse amor seja correspondido. Por isso, Deus não pode ser um ser isolado, sem relação. Caso contrário, não faria sentido. Como refere Gisbert Greshake a esse propósito:

“Ricardo compreende que, se Deus é amor supremo, este amor precisa como destinatário outro ser amado, que, por sua vez, deve corresponder a esse amor. Caso contrário, Deus permaneceria sozinho.”<sup>83</sup>

E prossegue:

---

<sup>80</sup> Cf. LAURENTIN, René, *Traité sur la Trinité, principes, modèle et terme de tout amour*, Paris, Fayard-Le serment, 2000, p. 14.

<sup>81</sup> Cf. FORTE, Bruno, *A Trindade como História*, Paulinas, São Paulo, 1987, p. 81.

<sup>82</sup> COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Comunhão e serviço: A Pessoa Humana criada à Imagem de Deus*, in [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/cti\\_documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20040723\\_communi-on-stewardship\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_20040723_communi-on-stewardship_po.html) (visto em 25-08-2017).

<sup>83</sup> GRESHAKE, Gisbert, *El Dios Uno y Trino, Una teología de la Trinidad*, p. 137.

“No entanto, nem o amor entre os dois pode ser ainda a suprema realização do amor. Para isso, aquele que ama e o ser amado, isto é, o amor da bi-unidade (*amor mutuus*), deve abrir-se mais uma vez diante de um terceiro. Apenas neste terceiro o "condilectus", o co-amante e co-amado, mostra verdadeiramente a generosidade e a grandeza do amor, que exige a transferência da felicidade comum a um terceiro e só assim se alcança a sua perfeição.<sup>84</sup>

Se se comparar a analogia criada por Santo Agostinho com a que foi feita por Ricardo de São Vítor, verifica-se que são similares. Aquilo que mais difere é que, na primeira analogia, umas das pessoas da Trindade, provavelmente, o Espírito Santo é comparado ao amor. Ou seja, o Espírito Santo é o resultado da relação entre o Pai e o Filho. Enquanto que, para São Vítor, o Espírito Santo recebe o amor, em simultâneo do Pai e do Filho e participa nessa relação, unificando-a e tornando-a numa relação perfeita.<sup>85</sup>

Mestre Eckhart também retoma a analogia do amor de Santo Agostinho e a partir dela adota a analogia do gerador: “Aquele que gera, aquele que é gerado e o amor do que gera para o gerado e do gerado para aquele que gera.”<sup>86</sup> Esta forma de ver a Trindade não difere muito da de Santo Agostinho, apenas evidencia mais a dimensão dinâmica do amor. A analogia de Santo Agostinho parece, à primeira vista, mais estática. Todavia se vem “o amante” não significa que Ele, também, não seja amado e que, por sua vez, o amado não seja, também ele, amante. Pelo contrário. Mas a analogia de Eckhart põe mais isso em evidência. Além disso, Mestre Eckhart salienta a dimensão criadora da Trindade em que o elo que une e gera é o amor.

O que é interessante de constatar é que aquilo que une a Trindade, nas várias analogias mencionadas e segundo muitos teólogos, é o amor. Todas as pessoas da Trindade vivem em e no amor. Como refere Bruno Forte: “o Espírito é Deus com eles, um com eles no plano do ser divino na história eterna do amor.”<sup>87</sup> Gisbert Greshake afirma: “O Deus cristão é “comunhão”: o seu ser realiza-se no diálogo de amor entre três pessoas.”<sup>88</sup> René Laurentin resume a trindade da seguinte forma: “Em suma, trata-se de uma unidade de amor e nada une de forma mais profunda que o amor.”<sup>89</sup>

A analogia do amor é bastante eficiente porque evidencia a existência da relação. Ninguém ama sozinho, há sempre um “tu” a quem amar, há sempre algo que une dois ou mais seres: o amor. Além disso, o amor, como destaca René Laurentin, é o que há de mais

---

<sup>84</sup> *Ibidem*, pp. 137-138.

<sup>85</sup> Cf. *Ibidem*, p. 138.

<sup>86</sup> Cf. VANNIER, Marie-Anne, *Cheminer avec Maître Eckhart, au cœur de l'anthropologie chrétienne*, Paris, Artège Éditions, 2015, p. 43.

<sup>87</sup> Cf. FORTE, Bruno, *A Trindade como História*, p. 130.

<sup>88</sup> GRESHAKE, Gisbert, *El Dios Uno y Trino, Una teología de la Trinidad*, p. 227.

<sup>89</sup> LAURENTIN, René, *Traité sur la Trinité, principes, modèle et terme de tout amour*, p. 89.

profundo e consistente. Quando se ama, há uma ligação, há unidade entre os amados/amantes, mas cada pessoa continua a ser distinta e a ter as suas próprias características. Ou seja, não há uma assimilação, há uma união. E isso é, também, o que acontece com a Trindade, como afirma Gisbert Greshake: “Aqui, cada um é “o mesmo”, único e diferente.”<sup>90</sup> Há uma unidade na pluralidade, bem representado no quadro, já citado por mim, de Rublev.

## 2.2. Relação entre o ser humano e Deus – Trindade

No ponto anterior, afirmei que há entre a Trindade relação e que ela se manifesta através do amor entre cada entidade. A comunicação e manifestação da Trindade extrapola-Os. Ou seja, não se limita a uma relação fechada, apenas, entre as três Pessoas. Na verdade, todo o ser humano é convidado a fazer parte dessa relação e a ser o quarto elemento da mesa (do quadro de Rublev). Deus-trinitário, por amor, dá a possibilidade de se poder fazer parte dessa relação, revelando-se.

A Trindade em si (imane) dá-se a conhecer na Trindade para nós (económica). Deus manifesta a sua existência e a sua essência, ou parte desta. A Trindade económica é a Trindade imane, mas a Trindade imane não será apenas a Trindade económica, pois a Trindade abarca muito mais do que aquilo que percebemos ou nos é dado a intuir. Como afirma Alexandre Palma: “ Deus é sempre um excesso.”<sup>91</sup> Mas mesmo que seja alguém, tudo o que a Trindade revela é Verdade.

A relação inicia-se por um ato de revelação ou como prefiro dizer, tal como Jean Daniélou, por ser um termo mais profundo e visual: *dévoilement*.<sup>92</sup> *Se dévoiler* significa tirar o véu, destapar. Mas tratando-se de um véu, pode-se não o tirar totalmente, pode-se destapar de forma progressiva e sabemos que a Trindade é também assim. Ela não se revela na totalidade. Digamos que, ainda, há um véu, mesmo que não esteja, totalmente, velada. Além disso, também se usa o termo *dévoiler* no sentido de desvendar um segredo, um mistério. Ora se há algo que tem o seu quê de segredo e misterioso é a Trindade, algo que nunca será totalmente desvendado, pelo menos, nesta terra.

Deus-Trindade toma a iniciativa de se *dévoiler*, essencialmente, através do Filho. O Pai pelo Filho no Espírito Santo. Jesus mais do que se revelar a si próprio, revela o Pai. Fá-lo mais do que em palavras com a sua vida. Jesus, mais do que falar sobre Deus, deixa-O transparecer, pondo-O em ato na Sua vivência. É Ele quem mais nos mostra Deus. Nunca

---

<sup>90</sup> GRESHAKE, Gisbert, *El Dios Uno y Trino, Una teología de la Trinidad*, p. 203.

<sup>91</sup> PALMA, Alexandre, *A Trindade é um mistério, mas podemos falar nisso*, p. 94.

<sup>92</sup> DANIELLOU, Jean, *La Trinité et le mystère de l'existence*, Desclée de Brouwer, Paris, 1968, p. 48.

ninguém viu Deus. Foi o Seu Filho que nos deu a conhecê-Lo. Como diz o evangelho de João (Jo 1,18). Cristo fala do Pai, fala d'Ele como Filho e fala do Espírito Santo. Há uma evidente relação que une Jesus Àquele que O enviou e ao Espírito que Ele recebe e derrama. Jesus não age sozinho, fá-lo por ordem do Pai e com a força do Espírito Santo. Jesus é aquele que, efetivamente, “dá a cara” em nome do Pai. Trata-se do único rosto divino e da Trindade que foi visto na Terra.

A Trindade, ao manifestar-se, abre portas à relação com o Homem. Trata-se de uma manifestação e de uma relação de amor, como faz alusão Gisbert Greshake: “a criação é o dom gratuito da participação na sua vida [na vida da pessoa humana], a suposição na comunicação pessoal que o caracteriza, que é sempre amor.”<sup>93</sup> Deus em si não precisaria de se manifestar. Ela seria autossuficiente. Como refere Jean Daniélou: “Deus é plenitude de luz, plenitude de existência e plenitude de vida;”<sup>94</sup> Todavia essa manifestação deve-se a uma superabundância de amor. Como um copo cheio de água que transborda, o amor de Deus-trinitário de tão grande que é, imensurável, manifestou-se. A história de Cristo com Deus e de Deus com Cristo se torna mediante o Espírito Santo, a história de Deus conosco e assim a nossa história com Deus. A revelação faz-nos apreender que não só há um Deus como que o mesmo tem um rosto. Citando Jean Daniélou :

“A revelação, quer se trate da revelação do Evangelho, ou da luz interior da graça, faz-nos descobrir que este abismo misterioso, que é o da vida divina, tem um rosto, (...) ou seja que podemos entrar em relação com Ele. Deus é aquele a quem podemos dizer « Tu » « Tu és o meu Deus ».”<sup>95</sup>

A imanência da Trindade se oferece como realidade de salvação e experiência de graça, de amor. Jesus, a pedido do seu Pai, vem salvar o ser humano pela força do Espírito Santo. O Filho é o mediador. Com Ele tudo é criado e recriado. Significa ainda que Deus se revela inserindo o ser humano n'Ele. O Homem não observa de fora, faz parte dessa Trindade. Cada pessoa humana está incluída no Deus trino pelo ato salvífico do Verbo encarnado e do Espírito divinizador.

Deus-Trindade pode-se revelar a cada um pela experiência, ou seja, pelas vivências, sejam elas pessoais, de outrem, que foram dadas a conhecer, quer verbalizando-as, quer, e sobretudo, pela forma como viver(a)m ou através, ainda, de outros mediadores como a natureza. O ser humano faz parte dessa experiência da Trindade pela experiência, o que

---

<sup>93</sup> GRESHAKE, Gisbert, *El Dios Uno y Trino, Una teología de la Trinidad*, p. 278.

<sup>94</sup> DANIÉLOU, Jean, *La Trinité et le mystère de l'existence*, p. 45.

<sup>95</sup> DANIÉLOU, Jean, *La Trinité et le mystère de l'existence*, p. 49.

significa que se é, de algum modo, divinizado.<sup>96</sup> A experiência é, provavelmente, uma das formas, do Deus-Trindade se dar a conhecer ao ser humano. Como afirma Alexandre Palma:

“Porque a experiência está nos interstícios entre a racionalidade e a irracionalidade, e entre a sensibilidade e a insensibilidade. Ela remete para algo que é comprovável e, portanto razoável, mas com a abertura própria de ser uma coisa da vida vivida e não um mero ditame da rígida e fria dedução lógica.”<sup>97</sup>

E ainda acresce:

“*Experiência* diz-se de algo que permanece em nós, se não como conhecimento ao menos como memória. Porque, no fundo, a experiência parece ser a superfície onde racionalidade e sensibilidade se tocam. Sendo isto verdade, então percorrendo-a poderemos caminhar sobre a fina linha do paradoxo que somos [...] e, eventualmente, encontrar formas de traduzir o paradoxo «teo-lógico» em que creem os cristãos (Deus uno e trino).”<sup>98</sup>

Na experiência de viver verifica-se que Deus está na criação. A natureza que envolve o ser humano permite que seja uma mediação de Deus. Como afirma Gisbert Greshake: “a criação constitui o horizonte mais abrangente para estabelecer a relação entre Deus e o homem (mundo).<sup>99</sup> René Laurentin refere: “Assim é bem a Revelação que nos convida a penetrar no mistério de Deus a partir das imagens que ele deixou d’Ele mesmo na criação.”<sup>100</sup>. «No princípio, Deus criou o céu e a terra». (Gn1,1) Esta passagem bíblica justifica a autoria da criação como sendo divina. Este ato criador é uma das formas da Trindade se manifestar, existindo, por isso, marcas divinas no mundo. Mas é, além disso, e sobretudo uma imensa prova do amor divino. O amor de Deus-Trinitário era de tal forma desmesurado que já não cabia em si que provocou uma “explosão”, o mundo.

Este mundo; tendo sido criado pela Trindade, e como tudo o que é criado; contém características ou traços dos progenitores. Diz-se que a Trindade é um mistério, que por mais que nos debrucemos a estudá-la ou a tentá-la compreender, haverá sempre algo que nos ultrapassa. Ora esta mesma definição está(ria) adequada ao mundo, ao universo. Por mais que se saiba e, cada vez mais, graças às descobertas científicas, geológicas, biológicas, astronómicas e outras, há ainda muito de incompreensível, de dúvida, de mistério. Além

---

<sup>96</sup> Cf. LAURENTIN, René, *Traité sur la Trinité, principes, modèle et terme de tout amour*, pp. 78-80.

<sup>97</sup> PALMA, Alexandre, *A Trindade é um mistério, mas podemos falar nisso*, p. 53.

<sup>98</sup> *Ibidem*.

<sup>99</sup> GRESHAKE, Gisbert, *El Dios Uno y Trino, Una teología de la Trinidad*, p. 266.

<sup>100</sup> LAURENTIN, René, *Traité sur la Trinité, principes, modèle et terme de tout amour*, p. 186.

disso, não se consegue, efetivamente, saber a dimensão deste universo, tal como a Trindade. Ela abarca certamente muito mais do que sequer é nos dado a imaginar.

Esta incompreensão, que nos mostra o quanto somos limitados, faz-nos pensar que há algo de muito bem delineado na forma como este mundo foi criado, de tal forma que este mundo só pode ser obra divina. É nesse sentido interessante verificar que Voltaire, no seu *Dictionnaire Philosophique*, tem na definição de religião a seguinte passagem: “Eu estava contemplando este maravilhoso espetáculo, estava embevecido;” “e pensei: “é preciso ser-se cego para não estar deslumbrado com este espetáculo, é preciso ser-se estúpido para não reconhecer o seu autor, é preciso ser-se louco para não o adorar.”<sup>101</sup> Esta passagem que nada tem a ver com a definição de religião, parece mais um desabafo do autor. É tanto mais interessante quando se sabe que Voltaire era bastante crítico em relação à Igreja, nomeadamente, a Igreja católica, daquela altura: século XVIII. Mas isso não invalida que ele tenha noção que Deus existe e que, só, um ser divino seria capaz de realizar obras tão belas e harmoniosas como as definidas por ele. Tudo indica que se trate de uma paisagem, algo ligado à natureza. Não se sabe ao certo o que é, mas faz sentido ser algo associado à criação para que Voltaire faça referência a Deus como sendo o autor. Ou seja, através desta passagem do filósofo verifica-se que, para ele, não há dúvida, que Deus existe e que a criação é a manifestação da sua existência. Esta passagem torna evidente para Voltaire da existência de alguém superior ao ser humano. Só uma entidade superior seria capaz de criar um mundo tão harmonioso e equilibrado e que o Homem, muitas vezes, (demasiadas vezes) tende a desequilibrar e desarmonizar, consciente ou inconscientemente. De realçar ainda que esta passagem de Voltaire faz lembrar o Sl 8 que descreve as maravilhas criadas por Deus. Esta afirmação de Voltaire, esta sua experiência, vivência de outrem, baseada na natureza pode ser confirmada por cada pessoa, se se estiver disponível para se deixar experienciar por esse facto.

“Este maravilhoso espetáculo” é sem sombra de dúvida fruto de Deus, de um Deus-Trindade. A Trindade participou em co-relação na criação. O Deus criador é também o Deus Pai, mas ele opera a sua obra por meio do Filho. Assim, a criação não é fruto de um Deus uno.

O Espírito é amor, esse amor que abre Deus para a geração do Filho e através do amor que ele tem pela sua criatura, o seu Filho, Ele cria o mundo. A geração é filial, nascida do amor do Pai e repleta de sementes de amor que é o Espírito. Isto porque toda a geração é fruto do amor. O Pai gera o Filho no amor do Espírito e que devido a esse amor ao Filho, ele está

---

<sup>101</sup>VOLTAIRE, “Réligion”, in *Dictionnaire Philosophique*, vol. 4, Garnier Frères: Libraires Éditeurs, Paris, 1879, p. 342.

atento à criação. A criação deve-se ao amor, do Pai para o seu Filho e esse amor que os une é a plenitude, é o Espírito. A Trindade, por amor, manifesta-se originando a criação.

A Trindade também está no outro, no nosso semelhante e em nós mesmos, já que fomos feitos à imagem e semelhança de Deus. <sup>26</sup> “Depois, Deus disse: «Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança.» (Gn1,26). Inserido na criação de Deus, uma das Suas criaturas de mais destaque é o Homem, como vem referenciado ainda no Sl 8. Digo de mais destaque, porque Deus criou o Homem à Sua imagem. Ora só isso evidencia duas coisas. Primeiro que o ser humano se encontra, dentro da criação, numa situação privilegiada. Segundo que o amor de Deus é imensurável. O ser humano é a prova máxima desse amor divino. Esse amor que se manifesta continuamente na relação de Deus com o Homem e vice-versa.

É pela experiência do viver que se tenta compreender a Trindade, nomeadamente através do amor. Alexandre Palma considera que Deus Trindade manifesta-se-nos ou como ele afirma “nos visita” através da experiência.<sup>102</sup> Como faz alusão Gisbert Greshake: “É a partir da experiência do amor entre os homens que Ricardo (São Vítor) obtém, pois, a compreensão da essência do amor verdadeiramente desinteressado que é preciso pressupor em Deus.”<sup>103</sup> Esta consideração que é feita sobre Ricardo São Vítor é possível ser feita a demais teólogos. De alguma forma, todos tentam explicar a Trindade através das suas experiências do viver humano, nomeadamente, através de (experiências de amor.) A Trindade manifesta-se no viver do ser-humano e este tenta compreender, através de analogias do seu viver, a própria Trindade. Como destaca Alexandre Palma: “Como referem alguns autores, a expressão «experiência de Deus» tem o duplo significado de um genitivo objetivo (a experiência que fazemos de Deus) e de um genitivo subjetivo (a experiência que Deus, em Cristo, faz de nós humanos e da nossa realidade)”<sup>104</sup> Uma experiência de Deus trinitário, como salienta, ainda, Alexandre Palma: “pela experiência (re)descubro a Trindade; pela Trindade, (re)experimento a vida e o mundo.”<sup>105</sup> . Se não se pode ter uma verdadeira noção da Trindade sem ser por revelação, há “vestígios” dessa Trindade que podem ser percebidos por nós, comuns mortais, na vida de cada um, na experiência do viver. Ou seja, através da experiência do viver pode-se experienciar Deus-Trindade.<sup>106</sup> Isto significa que o homem está dotado de capacidades para perceber e compreender esse mistério. Todavia, é importante fazer a ressalva que a percepção dessa experiência não é assim tão simples e clara. A Trindade até

---

<sup>102</sup> Cf. PALMA, Alexandre, *A Trindade é um mistério, mas podemos falar nisso*, p. 11.

<sup>103</sup> GRESHAKE, Gisbert, *El Dios Uno y Trino, Una teología de la Trinidad*, p. 139.

<sup>104</sup> PALMA, Alexandre, *A Trindade é um mistério, mas podemos falar nisso*, p. 82.

<sup>105</sup> *Ibidem*, p. 86.

<sup>106</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 96-97.

poder-se-á manifestar na vida de alguém que nem tem noção disso, ainda não conseguiu ver além do “véu”.

Deus manifesta-se sempre por amor e em amor. Aliás sendo ele amor, só assim faria sentido ele se revelar, através da sua essência. Esse será a principal forma de Deus Trindade se revelar. Sendo que perceber e transmitir por palavras o que se experienciou, sobre seja o que for e, muito mais, sobre a Trindade, ficará sempre aquém da sua essência. O que significa que essa descoberta da presença de Deus-trinitário far-se-á, sobretudo, através do viver. Como afirma Alexandre Palma: “admita-se, pois, que uma visão propriamente trinitária de Deus pode tornar-se inspiração para um novo entendimento da vida e, portanto, para um novo modo de experimentar a vida.”<sup>107</sup> Essa (nova) forma de viver far-se-á sobretudo com atos de amor. O amor é o meio para se conhecer a Trindade. É o ponto de partida e o ponto de chegada. O ser humano é convidado a tornar-se um ser “quase divino” e estar à mesa com a Trindade, em que o ingrediente principal de revelação, comunicação e criação é o amor.

Esta ida às origens do amor (o amor provém de Deus) é importante para que se possa ter uma visão mais ampla do mesmo e que se possibilite um viver com mais amor e harmonia. Como salienta Gisbert Greshake:

“Dessa forma, a ontologia trinitária deixa para trás uma consideração puramente contemplativa da estrutura trinitária do ser e formula o seu ponto-chave para a realização prática. Ela torna-se, assim, uma teoria básica para uma ética do viver solidariamente uns com os outros e para os outros.”<sup>108</sup>

Em suma, esta teorização da Trindade e da sua relação com o ser humano tem verdadeiro interesse para evidenciar o quanto considero pertinente que se possa fazer uma reestruturação da Unidade Letiva: “O Amor Humano” onde haja uma visão mais alargada do amor, como fiz quando preparei a lecionação da unidade, para dar as ferramentas a um viver mais humano, ou seja, um viver com verdadeiro amor.

### 2.3. O novo mandamento de Jesus Cristo

Nos pontos anteriores foi abordado como o amor tem origem em Deus. Foi ainda feita referência à relação que há entre a Trindade em si e o ser humano, onde foi dito que Deus é amor. A Bíblia tem vários momentos que demonstram o amor de Deus e a sua essência. É

---

<sup>107</sup> *Ibidem*, p. 88.

<sup>108</sup> GRESHAKE, Gisbert, *El Dios Uno y Trino, Una teología de la Trinidad*, p. 543.

todavia, bem mais evidenciado no Novo Testamento, sobretudo, porque esta contém em si um novo mandamento: o de amar a Deus e ao próximo como a si mesmo. Parece-me, conveniente que se possa ir a uma passagem bíblica que evidencia isso, sobretudo porque todas as concepções/análises teológicas, foram feitas a partir das Sagradas Escrituras.

O programa de EMRC tem, e bem, como já fiz alusão no primeiro capítulo, em todas as unidades um conteúdo mais focado em passagens bíblicas. É relevante para se saber, culturalmente, as fontes, daquilo que muito inspirou e continua a influenciar a sociedade. Durante a planificação da unidade “O Amor Humano” achei pertinente que se estudasse, tendo em conta a relação do amor humano com o amor divino, as passagens bíblicas 1Jo 4,16; 1Jo 4, 8; 1 Jo 4, 12

Nesse sentido, parece-me lógico que seja uma dessas passagens a ser analisada. Escolhi a passagem que contém em si a mensagem das outras duas passagens e ainda acrescenta mais informação. Farei, antes, uma breve contextualização da primeira epístola de João onde está inserida esta passagem, para que se tenha uma maior percepção da importância da citação escolhida. Farei, também, uma breve alusão a outros textos bíblicos onde a mesma temática é tratada.

Segundo os exegetas, a primeira epístola de João teria sido escrita entre os anos 90 e 110 e teria como destinatário um conjunto de igrejas, talvez da região de Éfeso<sup>109</sup>.

No que ao estilo diz respeito, a Primeira Epístola de João tem uma sintaxe gramatical bastante simples.<sup>110</sup> Um dos traços mais usados ao longo da carta e que será visto mais adiante de forma mais amiúde, é a sua ironia e jogo de palavras. Esse seu estilo ajuda a que o seu discurso seja pungente. Como salienta Joaquim Carreira das Neves: “o conteúdo desta carta, tal como no quarto evangelho aborda temas de polémica religiosa, ou seja visa afirmar a verdadeira doutrina cristã. Para isso usa uma linguagem incisiva.”<sup>111</sup> Todavia, essa linguagem é equilibrada com palavras familiares como “filhinhos”, “irmãos”, determinantes possessivos como “meu” o que acaba por apaziguar o seu discurso mais aceso.

O autor está revoltado com quem escolheu outros caminhos e que deixou, por esse motivo, o grupo a que pertenciam. Nesse sentido, o autor alerta os restantes a não fazerem o mesmo. Mas o autor também sabe que a eles têm de os “conquistar” e que isso não acontece com más palavras, daí os termos familiares.

O texto tem como objetivo alertar as comunidades cristãs a não se desviarem para outras realidades gnósticas que punham em causa dados importantes da fé em Jesus Cristo; como já

---

<sup>109</sup> Cf. KÜMMEL, Georg, *Introdução ao Novo Testamento*, Paulinas, São Paulo, 1982, p. 585.

<sup>110</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>111</sup> CARREIRA DAS NEVES, Joaquim, *Escritos de São João*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2004, p. 311.

teria acontecido, pouco tempo antes da redação da carta. Essa preocupação está patente no verso seguinte: “<sup>21</sup>Meus filhinhos, guardai-vos dos ídolos.” (1Jo 5,21). É de destacar que esses dissidentes tinham pertencido à comunidade joanica, mas que tinham sido seduzidos pelas teorias gnósticas e o autor da carta receava que outros seguissem as pisadas dos primeiros. Assim o autor só pode dizer que se fossem efetivamente seguidores de Jesus Cristo não teriam abandonado para seguir outras correntes. “Eles saíram de entre nós, mas não eram dos nossos, porque se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco...” (1Jo 2,19). Como realça Joaquim Carreira das Neves, a forma empolgada como a carta é escrita, denota ainda muita emoção e revolta, logo não poderia ser algo que tivesse acontecido há muito tempo, mas era algo atual, recente.<sup>112</sup>

Para os que seguem Jesus Cristo, mas que podem vir a ter dúvidas sobre a sua fé e escolha, basta verificarem os seus atos e os atos dos seus oponentes. “<sup>20</sup>Se alguém disser: «Eu amo a Deus», mas tiver ódio ao seu irmão, esse é um mentiroso; pois aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê.” (1 Jo 4,20). Ou seja, um cristão é coerente nas suas atitudes. Ama o seu semelhante como ama a Deus. A citação acima descrita fazia referência à forma como os gnósticos, mais precisamente, os docetistas, tratavam os que não acreditavam nas suas teorias. Se não viviam em harmonia fraterna, (comunhão) não podiam ser considerados cristãos autênticos.<sup>113</sup> Os docetistas, uma corrente do gnosticismo que tinha influência das filosofias gregas, consideravam que Jesus Cristo era só divino, não era humano, só aparentemente humano e que não teria sofrido a morte na cruz, por, nessa altura, já ali não se encontrar. Para eles era de difícil compreensão como é que alguém divino se expunha a tamanho sofrimento. Era uma visão bem diferente, diria mesmo contrária à dos deuses pagãos, nomeadamente os de origem grega. Essa filosofia era um dos maiores entraves à passagem da mensagem cristã de que Jesus Cristo era tanto divino como humano.

Esta epístola apresenta o lema de vida de um cristão, que resume todo o Novo Testamento: imitar Cristo, amando, porque Deus é amor, não devendo nem precisando por isso de outras conceções divinas. Mas fá-lo de forma inovadora, bem visível na passagem seguinte: “<sup>11</sup>Caríssimos, se Deus nos amou assim, também nós devemos amar-nos uns aos outros” (1Jo 4,11). Inovadora, porque o autor da carta afirma com veemência que para amar a Deus é preciso amarmo-nos uns aos outros e que a nossa prova de fé é amar o próximo (binómio fé-amor). Naturalmente que esta passagem tinha um propósito. Não está escrito, apenas, como doutrina, mas serve sobretudo para demover os cristãos a se deixarem seduzir

---

<sup>112</sup> Cf. CARREIRA DAS NEVES, Joaquim, *Escritos de São João*, p. 313.

<sup>113</sup> *Ibidem*, p. 319.

por outras realidades que não são a verdade, pois só quem acredita que Jesus é filho de Deus tem salvação. “Qualquer um que confessar que Jesus é o Filho de Deus, Deus está nele, e ele em Deus.” (1Jo 4,15).

Todavia a forma como a carta foi escrita evidencia uma grande capacidade argumentativa e uma grande profundidade teológica.

Indo, agora à citação escolhida: “<sup>16</sup>E nós conhecemos, e cremos no amor que Deus nos tem. Deus é amor; e quem está em amor está em Deus, e Deus nele.” (1Jo 4,16), trata-se de uma passagem pequena, mas tal como a restante carta, este trecho é mais complexo e profundo do que possa parecer numa leitura mais superficial.

É de destacar que o autor escreve na primeira pessoa do plural, num plural majestático. Trata-se de uma forma de diminuir as distâncias que existe entre o autor da carta e o destinatário e uma maneira de o cativar. Além disso, dá uma percepção que todos eles formam uma comunidade. Dá uma noção de união que é, no fundo, o que o autor pretende, que o povo de Éfeso se mantenha unido em Jesus Cristo. Também demonstra humildade por parte do emissor da carta que se coloca ao mesmo nível do destinatário. Não demonstra superioridade. No fundo, ele é mais um discípulo de Jesus Cristo, é um seguidor de Cristo entre muitos. Ou seja, além de ser uma forma de cativar o outro, é também uma forma de pôr em prática a doutrina cristã de humildade, igualdade e irmandade.

O escritor utiliza com uma grande subtileza o termo “conhecer”, num jogo de palavras interessante. O contexto histórico-religioso da altura da composição da carta encontrava-se marcado por filosofias gnósticas que estavam a ter bastante influência no povo. É dessas correntes filosóficas que surge o docetismo. Ora *gnosis* em grego além de significar conhecimento também, é uma alusão à filosofia/seita religiosa que põe em causa a humanidade de Jesus Cristo. Os gnósticos consideravam que o Homem só se pode salvar através do conhecimento. Essa era a única salvação possível. Como refere Luis Rivas: “reduziam o conhecimento a uma operação exclusivamente intelectual.”<sup>114</sup> Esta forma de pensar, nalgumas derivações gnósticas, levaria a que se afirmasse, numa fase posterior à esta época, que o Homem conheceria Deus quando se conhecesse a si mesmo. Esta forma de visão que já tinha as suas reminiscências na composição da epístola é perigosa, pois coloca o Homem numa atitude de altivez e numa posição igualitária a Deus, não precisando d’Ele para mais nada, visto eles mesmos serem Deuses (deterem o conhecimento total).

Interessante ainda salientar que o judaísmo considerava que só se poderia conhecer Deus através da Lei e do seu cumprimento. Outro modo de achar que poderiam conhecer Deus.

---

<sup>114</sup> RIVAS, Luis “Dios es amor (1Jn 4, 8. 16)”, in *Communio* 4 (2005), p. 36.

Todas estas ideias estavam, para os seguidores de Cristo, erradas e contrapunham a doutrina veiculada por Jesus Cristo.

O autor da carta ao dizer “nós conhecemos” está a dizer, um tanto indiretamente, que, ao contrário dos gnósticos, eles, os cristãos detêm o conhecimento de Deus, logo o conhecimento da humanidade. Se Jesus Cristo é divino e humano, e se somos filhos de Deus, estamos na linha do verdadeiro conhecimento. Deus revelou-se através do Seu Filho quando o fez viver e morrer por nós. Logo, “A única forma de conhecer a Deus é conhecer a revelação do seu amor.”<sup>115</sup>

A frase continua com “e cremos no amor que Deus nos tem”. Além de os cristãos conhecerem o amor de Deus, eles acreditam nesse amor. Por conhecerem esse amor, é que eles acreditam e só porque acreditam nesse amor é que O conhecem. É a experiência de viverem por amor e em amor que faz com que acreditem em Deus e O conheçam. O autor pretende valorizar aqueles que, tal como ele, acreditam em Jesus Cristo, isto em detrimento dos gnósticos. Mais uma vez, é uma forma de enfatizar que os cristãos estão num nível superior do conhecimento, que estão ligados à fonte do conhecimento e do amor, Deus. Se se analisar ainda de um modo mais abrangente, Deus é amor e sabedoria, logo conhecimento e só quem acredita em Deus pode ter acesso a esse amor e a esse conhecimento. O que o autor da carta pretende destacar é que a verdadeira gnose vem pela fé em Jesus Cristo e que tudo o resto, ou seja aquilo que os gnósticos acreditavam, que eles poderiam ser salvos através do conhecimento de si mesmo, não faz sentido. O conhecimento de Deus só se adquire na experiência do viver. Viver por amor e no amor. Continuar a fazer o que Jesus Cristo fez quando viveu, “amarmo-nos uns aos outros”.

Seguidamente, a passagem continua com uma afirmação “Deus é amor”. Esta frase não questiona nem duvida. Pelo contrário, confirma de forma enfática que Deus é amor. Ao ser escrita de forma tão sucinta e direta dá tempo para o leitor e o ouvinte captarem bem a mensagem, o que seria mais difícil se a frase fosse mais longa. Assim fica mais facilmente no ouvido e, conseqüentemente, na mente. Sobretudo porque é uma frase que é repetida duas uma vezes na carta. Ela surge também em 1Jo 4,8. Neste caso, a repetição não se encontra aqui por acaso, serve, pelo contrário, para realçar a mensagem da descrição de Deus. Esta frase encontra-se no presente e, no original, em língua grega, ainda realça mais a intemporalidade da descrição. Alexandre Palma afirma:

“Certamente em nenhum outro lugar esteve a humanidade tão próxima dessa palavra digna e capaz de Deus como quando, no Novo Testamento, a primeira carta de São João afirma:

---

<sup>115</sup> *Ibidem.*

«Deus é amor». Não é uma definição de Deus. Mas é certamente a forma mais justa e ajustada de descrever o que Ele seja.”<sup>116</sup>

Na mesma linha de pensamento, a este propósito, para Luis Rivas não se trata de definir Deus, mas sobretudo de uma descrição do que Ele é e do que faz. Ou seja, se Deus age com amor é porque Ele mesmo é amor e o amor vem de Deus. O amor revela Deus e a forma como Ele se revela é através de atos de amor.<sup>117</sup> Diria que esta frase é a parte central desta citação e faz parte das afirmações de maior destaque desta epístola, porque tudo o que a restante citação afirma está relacionada com este trecho. O mesmo acontece com a epístola. Esta proclamação acaba por fazer com que o resto do discurso epistolar esteja a ela associado. Esta frase “Deus é amor” também serve para realçar que qualquer outra descrição sobre Deus contrária a esta ideia de amor, não pode ser a descrição de Deus. Deus manifesta-se aos homens através de gestos de amor,<sup>118</sup> daí se poder descrever Deus como sendo amor.

A frase prossegue: “e quem está em amor está em Deus,..” Ora Deus é amor e quem tem amor no seu coração e nos seus atos, pois só se pode ter amor no coração se se agir com amor, está em Deus. Como salienta Luis Rivas: “o amor é a característica dominante de todos os que nascem de Deus.”<sup>119</sup> Ou seja, ninguém que não tenha amor no coração pode estar em Deus e, conseqüentemente, ter acesso ao conhecimento. Nalgumas traduções desta parte da citação em vez do verbo estar, vem o verbo permanecer, que parece estar mais próximo do original. Seja qual for o termo escolhido, o que o autor quer realçar é que este “permanece” não é uma atitude estática.<sup>120</sup> Pelo contrário, a ação do Homem é que faz com que se mantenha em Deus e com Deus. Esses atos devem ser gestos de amor para com Deus e sobretudo para com o próximo. O autor pretende, com esta frase, fazer uma alusão aos gnósticos que não têm Deus em si, porque não acreditam na divindade de Jesus Cristo, não acreditam que Deus, por amor, tivesse mandado o Seu Filho para a salvação da humanidade. Isso só pode acontecer, essa falta de aceitação destes princípios doutrinários cristãos, porque não sabem que Deus é amor e não sabem, porque não a vivem nos seus corações. A sua falta de amor revela que não pertencem a Deus, mesmo que afirmam que amam Deus e O conhecem.<sup>121</sup> As suas atitudes não estão em coerência com o seu discurso. Era isso que o autor da carta pretendia, chamar a atenção para a desarmonia existente entre o que dizem e o que fazem, aqueles que deixaram a comunidade. Como salienta Luis Rivas: “Mas ao mesmo

---

<sup>116</sup> PALMA, Alexandre, *A Trindade é um mistério, mas podemos falar nisso*, p. 130.

<sup>117</sup> Cf. RIVAS, Luis “Dios es amor (1Jn 4, 8. 16)”, p. 31.

<sup>118</sup> Cf. *Ibidem*, p. 30.

<sup>119</sup> *Ibidem*.

<sup>120</sup> Cf. *Ibidem*, p. 33.

<sup>121</sup> Cf. *Ibidem*, p. 30.

tempo era evidente que os que diziam estas “coisas”, se distinguíam por não cumprirem os mandamentos e em particular pela sua falta de amor em relação aos irmãos.”<sup>122</sup> A falta de fé dos gnósticos leva-os à incompreensão de Deus e à ausência de amor e conhecimento sobre si e Deus, nas suas vidas.

A citação termina “Deus é amor; e quem está em amor está em Deus, e Deus nele.” Ou seja, esta última parte realça que Deus se encontra presente naqueles que agem e têm amor em si. Eles estão com Deus e Deus com eles. Trata-se de realçar que estamos perante um Deus-relação e que aqueles que acreditam em Jesus Cristo estão em Deus, mas que Ele também se encontra em cada um deles. Ora se Deus está em cada um dos que acreditam n’Ele e O amam e amam o seu semelhante, significa, por exclusão de partes, que aqueles que não O amam não podem sentir a presença de Deus e a comunhão com Deus da mesma forma. Neste caso, alusão aos gnósticos. Esta frase serve para evidenciar o quanto são privilegiados aqueles que creem em Deus e O amam e que demonstram efetivamente esse amor, em detrimento dos que não acreditam na divindade e humanidade de Jesus Cristo.

Considero importante realçar, mais uma vez, a construção do texto, que foi elaborada com muita sabedoria. Perante frases com uma argumentação profunda, bem evidentes em todo a carta, na citação, mas também na última parte da passagem bíblica que escolhi, os destinatários da carta sentir-se-iam seguros de estarem no caminho certo. Haveria, ainda uma menor probabilidade de se deixarem influenciar por outras filosofias que não a veiculada por Jesus Cristo.

Num primeiro momento, fiz a análise da passagem bíblica que escolhi (1Jo 4,16) tendo em conta o contexto histórico em que a epístola foi produzida. Neste segundo momento, irei analisar como o trecho escolhido pode ser lido nos nossos dias.

A mensagem da passagem bíblica permanece atual e com uma mensagem forte. Numa altura em que (ainda) proliferam falsos ídolos é importante que se tenha noção da efemeridade e vulnerabilidade dessas mesmas ideologias e/ou seitas. Hoje, tal como no tempo da composição da carta, também, há quem afirme que conhece Deus, que O conhece efetivamente e veicula isso de uma forma empolgante e cativante que atrai adeptos. Infelizmente, a falta de cultura religiosa, que tem vindo a ser cada vez maior nestes últimos anos, leva a um maior engano por parte de quem procura uma resposta sobre Deus. Fazem parte desta continuidade de filosofias gnósticas a *New Age*. Tal como na altura da elaboração da carta, este movimento ou algumas ramificações desta corrente filosófica ou seita consideram que o Homem pode ser autossuficiente e tem a capacidade de se autoconhecer, achando que assim poderá encontrar a imortalidade. Trata-se de uma forma do Homem se

---

<sup>122</sup> *Ibidem*.

colocar no mesmo patamar de Deus e de rivalizar com Ele. Se se está ao mesmo nível de Deus, não faz sentido a Sua existência, já que o Homem passou à condição, segundo esses movimentos, de autónomo e poderoso. Este tipo de ideias ganham adeptos numa sociedade que tudo quer e, que pensa, que tudo pode. Acreditar que nada existe acima do Homem é perigoso, porque faz com que ele considere que não há limites na sua ação nem consequências dos seus atos, podendo desembocar em caminhos arriscados.

É ainda de salientar que estes tipos de movimentos, também, põem em causa a humanidade e a divindade de Jesus Cristo. Nesse sentido, a primeira parte da citação de 1Jo 4,16 (“E nós que conhecemos, e cremos no amor que Deus nos tem.”) continua a ser de uma atualidade gritante. O autor dirige-se-nos, a nós leitores e ouvintes, realçando que nós que acreditamos em Jesus Cristo e somos seus seguidores, conhecemos efetivamente Deus e sabemos o quanto ele nos ama, pois não há “maior prova de amor do que dar a vida pelos outros” e Jesus fez isto por nós.

No meio de tanta poluição espiritual com falsas promessas e diálogos ociosos, a Primeira Epístola de João leva cada cristão a ter noção do quanto essas teorias não fazem sentido e o quanto nós, que somos cristãos, somos privilegiados em conhecer Deus e poder vir a conhecê-Lo, cada vez mais, até ser plenamente na eternidade. A nossa vida, a nossa experiência de cristãos demonstra-nos como Deus é, o que coloca por terra qualquer teoria gnóstica ou dela derivada, sem sentido sobre Deus.

A citação continua com “Deus é amor;”. Esta frase-chave destaca bem que qualquer visão que se tenha ou que se seja difundida de um Deus que não é amor, que não se rege por amor, não pode ser Deus. Numa época em que tantos movimentos extremistas afirmam que fazem guerras e atentados em nome de Deus, ainda que não seja o Deus-cristão, evidencia bem o quanto somos incapazes de compreender a grandiosidade de Deus e de abarcar a totalidade do Seu amor e conseqüentemente da Sua essência. Por isso, a frase interpela-nos a que não nos esqueçamos que Deus é amor. A forma de, realmente, não nos esquecermos é agindo como Jesus Cristo, ou seja com amor. Por isso, a última parte da citação “e quem está em amor está em Deus, e Deus nele” tem todo o seu sentido para um cristão. O ser humano foi criado por Deus, por amor, voltou a (re)nascido através do seu filho, Jesus Cristo salvando-nos e esse amor permanece enquanto se agir com amor ao próximo. Só assim teremos Deus em nós, ou seja, conheceremos Deus. É nesse sentido que Bento XVI escreve na sua Encíclica *Deus caritas est*:

“A união com Cristo, é ao mesmo tempo, união com todos os outros aos quais Ele Se entrega. Eu não posso ter Cristo só para mim; posso pertencer-Lhe somente unido a todos aqueles que

se tornaram ou se tornarão Seus. A comunhão tira-me para fora de mim mesmo projectando-me para Ele e, deste modo, também a união com todos os cristãos. Tornamo-nos “um só corpo”, fundidos todos numa única existência. O amor a Deus e o amor ao próximo estão agora verdadeiramente juntos: o Deus encarnado atrai-nos todos a Si.”<sup>123</sup>

Nesse sentido, não há uma relação unilateral entre o homem e Deus. Só há efetivamente relação com Deus se os homens se relacionarem entre si com amor, esse amor que efetivamente mostra que amam o Pai. É nesse sentido que na Primeira Epístola de João é dito: “Se alguém disser que ‘ama a Deus’, mas odeia o seu irmão, é um mentiroso” (4,20). A encíclica de Bento XVI, que se baseia no trecho que escolhi analisar, realça, nos dias de hoje, a relevância do amor ao próximo como sendo uma prova do amor a Deus. Destaca ainda que o amor é uma rede de ligações entre os homens e, conseqüentemente, entre estes e Deus e que só assim se cumprirá efetivamente o mandamento novo.

A frase bíblica escolhida destaca bem o quanto o amor é sempre um processo inacabado, uma ação continuada. Iniciou-se com Deus, renovou-se com Jesus Cristo e o ser humano tem a missão de fazê-lo continuar e permanecer numa atitude que demonstra que tal como uma planta, o amor precisa continuamente de ser cuidado, regado com amor para que possa permanecer e crescer. Esse é o único caminho que está ao nosso alcance para conhecer Deus, é o caminho do amor. Como refere Juan Ambrósio: “Por duas vezes, a primeira carta de S. João explicitamente afirma que Deus é amor e de uma maneira não menos clara proclama que o amor é indispensável para conhecer a Deus.”<sup>124</sup> Esse caminho de amor não deve ser só evidenciado em relação a Deus, mas também em relação ao próximo. Amando o nosso semelhante, nós que fomos feitos à imagem de Deus, comprovamos efetivamente que O amamos. Trata-se da chave-mestra para conhecer Deus.

A procura de Deus, de tentar conhecê-Lo é um processo que se faz aos poucos, um caminho que, se soubermos caminhar com amor e soubermos que caminhamos por amor, nos leva a Ele. Essa é a mensagem principal da passagem bíblica em análise que continua bem atual. Tal como o amor e a procura de Deus são intemporais, a forma para conhecer Deus continua a ser a mesma: amar o próximo. Citando Simone Weil: “Não é porque Deus nos ama que devemos amá-Lo, mas porque Deus nos ama que devemos amarmo-nos.”<sup>125</sup>

A citação de Simone Weil afirma que só nos podemos amar, a nós mesmos, por sabermos que somos amados por Deus. A autora prossegue, no mesmo texto, afirmando que

---

<sup>123</sup> PAPA BENTO XVI, Carta Encíclica *Deus caritas est*, 14.

<sup>124</sup> AMBROSIO, Juan, “O Amor, uma gramática para dizer Deus”, in *Communio* 4 (2005), p. 401.

<sup>125</sup> WEIL, Simone, *La Pesanteur et la grâce*, Librairie Plon, Paris, 1947, p. 67.

nos devemos amar como se fôssemos um estranho.<sup>126</sup> Ou seja, vermo-nos como um outro. Acrescentaria que essa forma de nos amarmos, a nós próprios, serve para o nosso semelhante. Se nos devemos amar como se fôssemos um outro, então, também, teremos de amar, efetivamente, o outro que é nosso semelhante. Assim, a mensagem veiculada realça, ainda que de forma indireta, também, a importância do amor ao próximo e a Deus. Essa mensagem de que efetivamente estamos em comunhão com Deus quando amamos o nosso semelhante, que nos é estranho, nós que fomos feitos à “imagem e semelhança de Deus” é uma mensagem transversal ao longo do Novo Testamento.

Apresentarei mais algumas passagens, que escolhi, que evidenciam a centralidade do amor: o amor a Deus e amor ao próximo. Parece-me pertinente para, pedagogicamente, na eventualidade de uma reestruturação programática se dar a conhecer, aos discentes de EMRC, outras passagens bíblicas onde o existe este novo mandamento. É uma forma de dar-lhes, culturalmente, uma noção mais abrangente da Bíblia, mesmo se é composta por vários livros, estes não estão desarticulados. Além disso, o professor poderá escolher outras passagens onde essa mensagem é veiculada, se não quiser ficar limitado a uma única passagem ou a um único autor.

Em Mt 22,34-40; Mc 12,28-31 e em Lc 10,25-28 é relatado o mesmo episódio ainda que com algumas *nuances* diferentes. Isso é normal, tratando-se de textos sinópticos. Também por isso, escolhi o mesmo episódio. Embora haja diferenças no estilo e numa ou noutro detalhe de narração, o fundamental deste episódio é a importância de amar a Deus e ao próximo.

No Evangelho de João, que os estudiosos consideram ser da mesma autoria que a Primeira Epístola de João, (Jo13,34-35) também se pode encontrar essa mensagem de amor. Nesta passagem além da mensagem ser a mesma, a do amor ao próximo, as semelhanças na forma como o texto é escrito tendo em comparação a primeira epístola, são evidentes. De salientar o uso do verbo conhecer. Não só na epístola os cristãos conhecem Deus, porque Ele nos ama e vice-versa, como aqui também é realçado, que perante os outros esse amor ao próximo deverá ser a chave para os outros nos conhecerem.

Sendo o texto de destaque uma epístola, achei também interessante destacar outras epístolas escritas por outros autores, mas que também aí seja evidente o mandamento de amar a Deus e amar o próximo. É o caso de Rm 13,8-10. Esta epístola evidencia bem que só há um mandamento: o de amar. Ainda que, aqui, seja mais evidente o amor ao próximo, percebe-se que por detrás deste, encontra-se o amor a Deus, sobretudo porque é dito que assim se cumpre efetivamente a lei, referência ao judaísmo que achava que para estar com Deus tinha

---

<sup>126</sup> Cf. *Ibidem*.

de cumprir a lei. Essa era a única regra. Esta epístola quer valorizar a importância do amor em relação ao cumprimento da lei.

Resumindo, o que se destaca nestas passagens bíblicas e comparando-as com texto que analisei, é que em todas estas passagens se afirma que o mandamento essencial a um cristão é o de amar. Destaca-se ainda que dois dos mandamentos (amar a Deus e amar o próximo) se resumem a um único: amar. E que não pode haver amor a Deus se não se amar o nosso semelhante. Deus permanece em nós se formos fiéis ao seu mandamento (amar). O amor de Deus estende-se através de nós e faz com que estejamos em comunhão sempre que se aja com amor. Por isso, o nosso comportamento enquanto cristãos deve ser de agirmos a exemplo de Cristo. Ter-se a ideia que Deus é amor e que Ele permanece em nós, se nos amarmos uns aos outros, e que essa é uma forma de O conhecermos, continua a ser inovador e inspirador para a nossa ação enquanto pedras vivas da Igreja.

Fazendo a ponte com a disciplina de EMRC, é importante que se possa dar esta visão cristã do amor. É relevante fazer passar a mensagem, numa sociedade que, muitas vezes, prime por ser egoísta e individualista, o quanto é importante amar o outro, o nosso semelhante e que isso também é uma prova de amor-próprio. Quem não sabe amar, não se ama e dificilmente será amado. Amar o nosso semelhante traz bem-estar, que é, para quem acredita, a presença de Deus em cada um de nós.

Este capítulo demonstrou que mesmo que haja vários tipos de amor, todos têm a mesma raiz, Deus. E que o amor é um dom de Deus que deve ser vivido com o mérito que lhe é devido e que sempre que se ama o próximo, e conseqüentemente a Deus, parafraseando uma frase de uma atividade que dei nesse contexto, numa das aulas, “o mundo pula e avança.”

## CAPÍTULO III - Reorganização da UL1 do 8º ano

No relatório, afirmei que considerava que a Unidade Letiva 1 “O Amor Humano” deveria ter uma maior amplitude e uma visão mais completa do amor. Ao longo do relatório, nomeadamente, no segundo capítulo, fui dando a fundamentação teológica que alicerça a minha perspetiva.

Neste capítulo, darei uma proposta de reorganização da UL1, dando um exemplo de uma planificação de aula, baseada no acréscimo de mais alguns conteúdos programáticos e objetivos associados às metas já existentes no programa de EMRC.

Falarei, ainda, o quanto o amor é uma ferramenta essencial para se desenvolver a espiritualidade do ser humano. Esse ponto será feito com o intuito de evidenciar o quanto seria pertinente outra estruturação desta unidade, tendo em conta, também, a dimensão espiritual dos adolescentes, alunos de EMRC.

Por último, abordarei a relevância de se educar para o amor, para que esta graça divina possa ser vivida da melhor forma, com esperança e que se saiba efetivamente o que é o amor.<sup>127</sup>

### 1. Proposta de reorganização da UL1: "O Amor Humano"

Como já fiz uma breve alusão quando falei da Unidade Letiva “O Amor Humano”, considero que esta unidade poderia e deveria relacionar o amor humano com o amor divino, sobretudo porque se está a falar de uma disciplina com uma dimensão religiosa e em que o amor é o cunho do próprio cristianismo.<sup>128</sup> Trata-se do seu principal fundamento. É, por isso, importante que a identidade da disciplina esteja presente, como vem no programa da

---

<sup>127</sup> Esta parte do meu relatório baseia-se, a nível bibliográfico, sobretudo do Programa da disciplina, do livro *Se isto é amor...ABC da afectividade e da sexualidade* de Roberta Vinerba, do artigo de Juan Ambrosio: “O amor. Uma gramática para dizer Deus” e ainda do mesmo autor, o artigo: “Dimensão Religiosa e Condição Humana: Em que medida a dimensão religiosa é uma dimensão essencial ao Ser Humano”. Baseia-se, ainda no artigo: “Afectividade, corporeidade e alteridade, desafios educativos” de Cassiano Reimão e no artigo: “Acreditar no amor. O elo entre o apelo humano e o dom divino. Envolvidos no amor de Deus pelo mundo.” de Alexandre Palma. Também se fez uso dos livros: *Vós sois artesãos de futuro* do PAPA FRANCISCO, *A fé em família* de Christine Ponsard e *Educar para uma esperança ativa* de Jorge Bergoglio.

<sup>128</sup> SÈVE, André, *Quando os homens viverem de amor*, Edições Paulistas, Lisboa, 1988, p. 54.

disciplina: “Esta marca identitária não é uma insuficiência desta disciplina, mas a sua força.”<sup>129</sup>

Além disso, sou da opinião que se deveria falar das outras dimensões do amor que não apenas o do amor erótico-romântico. O afeto e a amizade são dimensões do amor importantes para o crescimento e desenvolvimento do ser humano. Além disso, na adolescência, se o afeto embora importante, passa para uma etapa de algum distanciamento; ou seja, a família já não detém o mesmo relevo; a amizade, essa, toma uma maior relevância, daí ser importante falar nela. Citando Roberta Vinerba: “O amor de amizade é um sentimento fundamental na adolescência porque, mais do que os teus próprios pais, são os amigos que te ajudam a conhecer-te e que te «transmitem» a imagem de ti que tu procuras.”<sup>130</sup> O afeto também será importante ser tratado, para que os discentes possam ter a noção da importância da família, na estrutura da pessoa humana. Depois, parece-me, ainda, relevante que se aborde as várias dimensões do amor, pois como eu mesma demonstrei, no capítulo anterior, o amor erótico-romântico contém em si o afeto e a amizade, tal como afirma Roberta Vinerba:

“O problema é que o amor erótico também tem em si os germes do afecto e da amizade: querer afastar da relação amorosa os outros, que têm conotações de amizade e de afecto, também significa negar que o éros amadureça e se enriqueça de linguagens «diferentes» para se exprimir, condenando-o a morrer de inanição.”<sup>131</sup>

Prosseguindo a ideia da citação, significa que se não se fizer referência ao afeto e à amizade, mesmo numa unidade que aborda unicamente o amor romântico, a unidade letiva estará teoricamente incompleta, visto o afeto e a amizade constarem no amor romântico.

O amor humano não se limita ao amor romântico. Pelo contrário, é só mais uma das várias dimensões do amor e falando-se dessas dimensões, nesta unidade, completá-la-íamos. Só desse modo, o título da unidade estaria plenamente adequado. Porque a manter-se a unidade letiva como está, o título não é totalmente apropriado, pois induz em erro. Por um lado, para quem vê o título e tem algum conhecimento desta área, pensará que nesta unidade se falam das várias dimensões do amor humano. Para os ainda mais sensíveis a estas questões, pensarão que também há uma referência ao amor divino, sobretudo, sendo um programa da disciplina de EMRC. Estou a dizer isso, sobretudo em relação a alguns pais e/ou encarregados de educação. Naturalmente que se lerem o programa da disciplina verificarão que as suas,

---

<sup>129</sup> SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Fundação SNEC, Moscavide, 2014, p. IV

<sup>130</sup> VINERBA, Roberta, *Se isto é amor...ABC da afectividade e da sexualidade*, p. 176.

<sup>131</sup> *Ibidem*, p. 258.

possíveis, espetativas ficam aquém. Para os que vêm o título e que não são tão conhecedores, como os alunos, por exemplo, poderão, erradamente, pensar, que o amor humano se limita ao amor erótico/romântico.

Por tudo isso é essencial que se fale das várias dimensões do amor e entre eles do amor de Deus e que se faça a devida ligação com o ser humano. Roberta Vinerba afirma:

“Dizer que o amor faz entrar os outros amores na eternidade, não significa colocá-los em contraposição; pelo contrário, coloca-nos numa continuidade magnífica entre o finito e o infinito. São assim, entretecidos, de maneira a tornar-se um só, de tal modo que, a caridade vive em ti, tu já não podes dizer que o afecto é humano, ou que o éros é humano, mas sim que é humano-divino, teu e dele, *Nosso*.[...] tanto o afecto como a amizade e o éros também são de Deus, porque nós somos de Deus.”<sup>132</sup>

Este trecho resume bem os motivos para se relacionar o amor de Deus com o amor humano. No fundo, o amor humano é uma extensão do amor divino e quanto mais a caridade fizer parte do dia-a-dia do ser humano, mais o dom do amor será dignificado e poderá ser intuído e experimentado como um Deus conosco.

Tendo noção da limitação do programa, acima exposta, quando preparei a lecionação desta Unidade Letiva, fiz por dar uma perspectiva um pouco mais alargada desta unidade. Naturalmente que não poderia fazer grandes alterações, pois o número de aulas para cada unidade letiva, tinha sido distribuído da forma mais equilibrada, tendo em conta a temática das unidades, os conteúdos das mesmas e ainda o facto de ter de dividir, a turma do 8ºano, onde foi lecionado este programa, com outra colega a fazer, também, a sua prática de ensino supervisionada.

Mas o importante era dar uma noção da relação do amor humano com o amor divino e do quanto o amor pode fazer a diferença no mundo. Nesse sentido, reservei uma aula para essa temática. Devo fazer referência que durante a lecionação da unidade, percebi que tinha feito bem em ter dado destaque entre a ligação do amor divino e amor humano. As dúvidas dos alunos, as suas inquietações sobre a temática do amor, como o egoísmo ou a violência no namoro, ao longo das aulas, deram-me a percepção da urgência, numa idade em que este assunto lhes desperta interesse, de lhes dar noções e ferramentas para poderem “escolher o trigo do joio”, ou seja, o amor daquilo que até se pode intitular como amor, mas que é longe de o ser.

---

<sup>132</sup> *Ibidem*, p. 196.




Nível: 8ºano

Unidade Letiva: O Amor Humano

Lição: 9 (aula 6 da UL)

Data: 14-11-2017

Ano Letivo: 2017/18

METAS	Objetivos	Conteúdos	Estratégias de ensino-aprendizagem	Materiais		Avaliação formativa
F-Conhecer a mensagem bíblica	4. Descobrir a mensagem cristã sobre o amor e a fecundidade, reconhecendo as suas implicações na prática da vida quotidiana.	<ul style="list-style-type: none"> <li>O amor como bênção de Deus: 1 Jo 4, 8 1 Jo 4, 12 1 Jo 4, 16</li> </ul>	<p>Acolhimento aos alunos, registo do sumário da aula.</p> <p><b>Jogo</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>caça ao intruso no poema “Pedra Filosofal” de António Gedeão</li> <li>substituição da palavra sonho pela palavra amor (verificar anexo 9)</li> </ul> <p><b>“Experiência do amor” com bicarbonato de sódio e vinagre</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>partilha das conclusões da experiência</li> <li>relação entre a experiência e o amor</li> <li>relação entre o amor humano e Deus (verificar anexo10)</li> </ul> <p><b>Audição de parte da música “ We are the World”de USA África</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>explicação da finalidade da criação da música</li> <li>verificação que o amor pode fazer a diferença no mundo.</li> </ul> <p><b>Entrega das sínteses das últimas duas aulas como marcador.</b></p>	<p>Quadro Caneta Caderno</p> <p>Ficha de exercício prático</p> <p>Garrafas Balões Vinagre Bicarbonato de sódio</p> <p><i>Datashow</i> Computador</p> <p>Marcador de livros</p>	<p>3m</p> <p>10m</p> <p>23 m</p> <p>4m</p> <p>5m</p>	<p>Observação direta -comportamento</p> <p>-comportamento -interesse -participação -criatividade</p> <p>Observação direta -comportamento - interesse -participação</p>

**Sumário:** O amor como bênção de Deus: 1 Jo 4, 8; 1 Jo 4, 12; 1Jo 4, 16.  
“Demonstração” do amor de Deus no Homem, através de uma experiência química.

**Proposta de síntese: Só o amor pode fazer a diferença no mundo.**

**Anexo 9: Poema “Pedra Filosofal” de António Gedeão**

A professora dará o poema para que os alunos descubram a palavra intruso (sonho) e que a substituam por amor. No fim, ler-se-á o poema com a devida substituição. Deste modo, os alunos terão a noção que o amor faz mudar o mundo.

**Anexo 10: Experiência do amor**

Os alunos serão agrupados em três grupos. Todos eles utilizarão uma garrafa com vinagre e bicarbonato, alterando a quantidade deste último que fará alterar a dimensão do balão que se colocará na garrafa. A finalidade é que percebam que todas as pessoas têm o dom de amar, dom divino e que quanto mais há bicarbonato, que representa o amor e a capacidade de amar, maior é a sua manifestação (tamanho do balão).

**Anexo 11: Vídeo com a música “We are the World” de USA for Africa**

Como conclusão da unidade, os alunos ouvirão parte desta música. A finalidade é que percebam que o amor é o bem maior da humanidade e que só pelo amor se pode ter um mundo melhor.

**Anexos da lição nº9**  
Elisabete Lopes



**Nível: 8ºano**

**Lição: 9** (aula 6 da UL)

Professora estagiária: Elisabete Lopes

## **Pedra Filosofal**

**Unidade Letiva: O Amor Humano**

**Ano Letivo: 2017/18**

**Data: 14-11-2017**

Eles não sabem que o sonho

é uma constante da vida

tão concreta e definida

como outra coisa qualquer,

como esta pedra cinzenta

em que me sento e descanso,

como este ribeiro manso

em serenos sobressaltos,

como estes pinheiros altos

que em verde e oiro se agitam,

como estas aves que gritam

em bebedeiras de azul.

Eles não sabem que o sonho

é vinho, é espuma, é fermento,

bichinho álaçre e sedento,

de focinho pontiagudo,

que fossa através de tudo

num perpétuo movimento.

Eles não sabem que o sonho

é tela, é cor, é pincel,

(...)

Eles não sabem, nem sonham,

que o sonho comanda a vida,

que sempre que um homem sonha

o mundo pula e avança

como bola colorida

entre as mãos de uma criança.

António Gedeão In *Movimento Perpétuo*, 1956

### **1. Lê com atenção o poema.**

1.1. Tendo em conta as últimas aulas, descobre quais a(s) palavra(s) que podes considerar um “intruso” neste poema.

1.2. Para que o poema fizesse à mesma sentido por que palavra substituirias?

## Resultado da Atividade “Experiência do amor” em contexto de sala de aula



Com esta aula, através da atividade do poema, pretendo de, algum modo, sintetizar alguns conteúdos lecionados em aulas anteriores, como já foi evidenciado na minha reflexão de aula. Todavia, também, pretendo dar novos conceitos. A primeira estrofe do poema aborda, essencialmente, elementos da natureza. Elementos criados por Deus, por amor. As outras estrofes falam do quanto o sonho faz progredir o mundo. Acho pertinente destacar o quanto o amor pode fazer a diferença neste mundo, parafraseando o poema, o quanto o amor “comanda a vida.” Trata-se de uma atividade interessante para evidenciar como o amor é uma alavanca criativa e de esperança para a vida.

Com a segunda atividade, entrei, mais propriamente, no conteúdo que proponho acrescentar. A atividade prática, explicada nos anexos, tem como finalidade perceber que o dom de amar, capacidade divina, que todo o ser humano tem em si, quando é posto ao serviço de outrem, esse amor manifesta-se, exteriormente, mais. Ou seja, que o amor gera amor e que esse amor traz felicidade e alegria. Em suma, traz bem-estar. O balão mais cheio, que demonstra mais amor, evidencia bem a expressão “estar de coração cheio”. Quando se diz isso, significa que se está realizado, contente de algo que se faz, que se está cheio de amor, e

para os cristãos cheios do Espírito Santo. A garrafa e o vinagre simbolizam o ser humano o bicarbonato de sódio o dom de amar. Todos têm essa capacidade, mas muitos não a fazem crescer e, exteriormente, quase nem se nota esse dom. É isso que simboliza os balões, daí a sua dimensão ser diferente consoante amam mais ou menos. Com esta atividade, os alunos podem perceber que o amor é altruísta e que não é egoísta. Quando se age com amor fica-se contente por fazer o bem ao outro e por amar o outro, sem esperar nada em troca, a não ser o bem do outro. A atividade pretende evidenciar isso. Os discentes poderão compreender, também, que há mais amor além do amor romântico e que a capacidade de amar, sem esperar nada é uma centelha divina que faz com que o amor humano esteja associado ao amor divino e que faça por estar mais perto de Deus, sempre que se tem amor pelo próximo. Esta atividade faz por isso, sentido para, de forma prática, explicar as citações bíblicas de destaque deste conteúdo programático. Saliento que a experiência química tem uma linguagem simbólica para falar da relação entre o amor divino e o amor humano e que este facto deve ser sublinhado na realização desta atividade. “Trata-se de uma linguagem religiosa marcada por uma condição simbólica, derivada da absoluta transcendência de Deus.”<sup>133</sup> Esta analogia só faz sentido, porque mesmo se, se de passagem, falo de Deus, “Falo de Deus, mas faço-o no contexto de uma relação”<sup>134</sup> de amor. Aqui o que está em destaque é, sobretudo, o amor e o quanto a capacidade de amar é um dom nobre, um dom maior que; para quem acredita ou pode vir a acreditar; nos faz estar mais em sintonia com o transcendente e, nesse sentido, nada melhor do que abordar o tema através da simbologia.

“Todos nós somos capazes de perceber que as experiências em que se vive com maior intensidade a condição humana só podem ser adequadamente verbalizadas a partir da linguagem simbólica [...] Como dizer o amor que temos por aquela ou aquelas pessoas que se transformam em motivo e razão de ser do nosso viver? Nestas situações, as palavras, os conceitos e as próprias imagens são curtas, por isso temos a necessidade de recorrer ao símbolo.”<sup>135</sup>

Esta atividade faz a ponte com a atividade anterior e com a seguinte e que, mais uma vez, realça a importância da relação com o outro, através do amor.

A audição da música, a última atividade, é um exemplo real, um exemplo verídico e público de uma atitude de amor, através da arte, numa tentativa de fazer mudar o mundo para melhor, neste caso, uma África sem fome. Nada melhor do que exemplos concretos para que

---

<sup>133</sup> AMBROSIO, Juan, “O amor. Uma gramática para dizer Deus”, p. 413.

<sup>134</sup> *Ibidem*,

<sup>135</sup> *Ibidem*, p. 411.

os alunos possam ver a ligação da disciplina e mais, precisamente, desta unidade letiva com o mundo que os rodeia.

De referir que estas atividades, já experienciadas em contexto de aula, foram muito bem recebidas pelos alunos, visível pela forma como foram interagindo, chegando ao ponto de me questionarem se podiam fotografar a experiência. Além disso, esta aula foi ao encontro das suas dúvidas e preocupações. Os alunos perceberam que o amor é um dom divino precioso. Perceberam o quanto o amor é uma dádiva e a ligação entre o amor divino e o amor humano. Estas ilações são importantes para que o amor seja tratado com dignidade. Os discentes compreenderam, também, que o amor, por ser um dom, não pode ser banalizado ou confundido com pseudo-amores e finalmente, ficaram com a percepção de que o amor, por tudo isto, é uma dádiva, mas também um dever que o ser humano deve saber usá-lo, para que se consiga tornar este mundo melhor. Essa será a nossa “mão-de-obra” na continuidade da criação divina.

Esta proposta de aula com novos conteúdos baseou-se, como já afirmei, numa aula que lecionei durante esta unidade. Acho importante dar uma proposta de planificação de aula que já foi testada e verificada, pois passa-se de uma conceção, apenas, teórica para uma visão, também, prática. Ou seja, tem-se uma noção mais completa de que se trata de uma planificação de aula adequada, para se atingir os objetivos propostos. O facto de ter sido bem aceite pelos alunos e de perceber que os alunos apreenderam conteúdos, que considero importantes que façam parte da unidade letiva: “O Amor Humano” são, disso, indícios.

Ao longo do relatório, afirmei que a esta unidade letiva deveria ter mais conteúdos programáticos, de forma a estar em consonância com o título dado à unidade letiva, como já salientei. Assim, irei dar a minha proposta de novos conteúdos programáticos tendo em conta os aspetos que considero que deveriam constar no programa desta unidade. Naturalmente que os conteúdos que inseri na proposta de aula também constarão, mas haverá ainda outros conteúdos que não cheguei a ter possibilidade de pôr em prática.

A minha proposta de unidade letiva baseia-se a partir da estruturação da minha planificação desta unidade, apresentada no primeiro capítulo. Alterei a ordem dos conteúdos da unidade letiva: “O Amor Humano” que consta no programa de EMRC, por achar mais pertinente, como já pude justificar no primeiro capítulo. Essa ordenação dos conteúdos está sublinhada a amarelo. Naturalmente que cada professor pode alterar a ordem dos conteúdos consoante ache mais adequado e tendo em conta o seu público-alvo: os alunos.

É ainda de sublinhar que esta minha proposta de reestruturação da unidade letiva contém mais alguns conteúdos e metas. As propostas de novos conteúdos estão destacadas a verde, assim como os objetivos e as metas que lhes correspondem. Em relação, às metas, com

esta reestruturação, todos os domínios são contemplados, ao contrário da proposta atual, ainda que a dimensão: Religião e Experiência Religiosa tenha uma presença menor em relação aos outros dois domínios.

Metas	Objetivos	Conteúdos
G. Identificar os valores evangélicos.	Conhecer a mensagem cristã sobre o amor de Deus e o amor humano.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O ser humano fruto do amor divino.</li> </ul>
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	Reconhecer que o ser humano é um ser de relação e o amor é um elemento essencial da experiência/vivência humana tem a capacidade de amar	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O amor presente na vivência humana <ul style="list-style-type: none"> <li>-Várias dimensões do amor: <ul style="list-style-type: none"> <li>-afeto;-amizade;-romântico/erótico;-caridade</li> </ul> </li> <li>-interligação das várias dimensões do amor</li> </ul> </li> <li>• Várias dimensões do amor, um só amor <ul style="list-style-type: none"> <li>-todo o amor parte de Deus e regressa a Ele</li> <li>-amar o próximo é amar a Deus.</li> </ul> </li> </ul>
Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	1. Reconhecer a sexualidade, a fecundidade e o amor humano como essenciais à realização da pessoa.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Amor e fecundidade humana: <ul style="list-style-type: none"> <li>-Fecundidade é sinal e fruto do amor, todo o amor é fecundo e criativo;</li> <li>-O amor abre a família à relação</li> <li>-A fecundidade sexual é um bem social de: <ul style="list-style-type: none"> <li>-Realização pessoal;</li> <li>-Sobrevivência da espécie</li> <li>-Participação na construção da sociedade.</li> </ul> </li> </ul> </li> </ul>
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	5. Desenvolver uma atitude responsável perante a sexualidade.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O respeito pelo corpo, os sentimentos próprios e os dos outros. <ul style="list-style-type: none"> <li>-violência no namoro/relações não é amor.</li> </ul> </li> <li>• A importância da fidelidade e da doação no amor e na sexualidade.</li> </ul>
H. Articular uma perspectiva sobre as principais propostas doutrinárias da Igreja Católica.	3. Organizar um universo de valores fundado na perspectiva cristã e na liberdade responsável de cada pessoa.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A paternidade e a maternidade responsáveis.</li> <li>• A proposta da Igreja católica sobre o controlo da natalidade, uma perspectiva ética que defende o bem da pessoa: <ul style="list-style-type: none"> <li>- O respeito pela vida humana;</li> <li>-A abertura à vida;</li> <li>-A aprendizagem do controlo do desejo sexual, para que o ato sexual não seja um egoísmo a dois;</li> <li>- A vivência da plenitude do ato sexual: união, relação pessoal e procriação;</li> <li>- O discernimento responsável do casal.</li> </ul> </li> </ul>
M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.	2. Relacionar os dados das ciências sobre o planeamento familiar com a interpretação cristã da realidade e da pessoa humana.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Noções de planeamento familiar</li> <li>• Os métodos anticoncepcionais: <ul style="list-style-type: none"> <li>-Sua eficácia;</li> <li>-Suas vantagens e desvantagens;</li> <li>-Suas limitações éticas.</li> </ul> </li> </ul>
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo	5. Desenvolver uma atitude responsável perante a sexualidade.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ser responsável, antecipando as consequências dos próprios atos.</li> <li>• O respeito pelo corpo, os sentimentos próprios e os dos outros.</li> <li>• A importância da fidelidade e da doação no amor e na sexualidade.</li> <li>• Podemos sempre adotar uma atitude mais responsável, mesmo quando anteriormente agimos sem uma boa reflexão.</li> </ul>
F. Conhecer a mensagem e culturas bíblicas.	4. Descobrir a mensagem cristã sobre o amor e a fecundidade, reconhecendo as suas implicações na prática da vida quotidiana.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O amor como presença de Deus: <ul style="list-style-type: none"> <li>1Jo 4, 8</li> <li>1 Jo 4, 12</li> <li>1 Jo 4, 16</li> </ul> </li> </ul>

## 2. O amor, um caminho para a espiritualidade

A unidade letiva “O Amor Humano”, além de ser uma temática importante de ser tratada por todas as razões já enunciadas ao longo do relatório, pode também ser uma forma de se conseguir despertar para a espiritualidade de cada indivíduo. A espiritualidade é uma forma, para os cristãos, de se poder chegar mais perto de um conhecimento de si e de Deus. Nesse sentido, é tanto mais importante dar, nesta Unidade Letiva, uma visão mais completa do amor, como fiz na minha proposta, onde faça parte a ligação do amor humano com o divino.

Neste ponto, irei, numa primeira fase, definir aquilo que é a espiritualidade. Depois, irei evidenciar de que modo o amor pode ser uma forma de perceber e desenvolver a espiritualidade de cada indivíduo, nomeadamente nos adolescentes.

O ser humano, neste mundo, precisa de referências para se conseguir organizar. Quando o ser humano nasce ele encontra-se totalmente desprotegido. Aliás, o Homem será a criatura de Deus que mais indefesa é aquando o seu nascimento. Ele encontra-se num mundo que não conhece, mas que terá de se adaptar a viver nele e adotá-lo como seu ao longo da sua vida. Como refere Juan Ambrosio:

“Ele encontra-se num mundo que não escolheu, mas no qual terá que obrigatoriamente desenvolver a sua tarefa principal de ser homem/mulher, tarefa jamais definitivamente concluída ao longo da sua existência e que consiste num contínuo passar do ‘caos’ ao ‘cosmos’, deixando de ser progressivamente um in-fans, alguém que ainda não fala e que não é capaz de expressar-se, para passar a ser progressivamente um ‘empalavrador’ de si mesmo e da realidade.”<sup>136</sup>

O Homem necessita de ser acolhido e reconhecido como tal, na comunidade que o rodeia, daí ser relevante uma relação inter-pessoal de proximidade, como afirma Luís Duch, citado por Juan Ambrósio.<sup>137</sup> Também, por isso, é determinante a aprendizagem da sua língua materna. Para Duch, a aprendizagem da sua própria língua ajuda o ser humano a construir o seu mundo, a conseguir organizá-lo.<sup>138</sup> O facto de passar a “parlante” ajuda a passagem do “caos ao cosmos”, ou seja, há a construção de um mundo com sentido e significado para o

---

<sup>136</sup> AMBROSIO, Juan, “Dimensão Religiosa e Condição Humana: Em que medida a dimensão religiosa é uma dimensão essencial ao Ser Humano”, texto não publicado para uso dos alunos da disciplina da unidade específica de EMRC, Faculdade de Teologia, 2017, p. 2.

<sup>137</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 3-4.

<sup>138</sup> *Ibidem*, p. 4.

Homem. Ora só existe desenvolvimento da linguagem em contexto social. Para isso, é indispensável que haja um bom acolhimento e recolhimento. Disso dependerá o nível de integração do Homem neste mundo. Dito de outro modo, a qualidade da pessoa humana está diretamente relacionada com a forma como foi reconhecido e conhecido como tal pela comunidade, sobretudo a mais próxima. Nesse sentido, o ser humano aprende, a ser humano, através das competências transmitidas socialmente.<sup>139</sup> Isto evidencia também a relevância da educação para a construção do ser humano.

Segundo Lluís Duch, as estruturas de acolhimento ajudam o ser humano a lidar com o que é incerto e novidade na sua existência.<sup>140</sup> Trata-se de uma ferramenta importante para a sua vivência do Homem.

As estruturas de acolhimento podem ser compreendidas a partir de várias perspetivas, desde a perspetiva sociológica, passando pela psicológica e a cultural entre outras.

Do ponto de vista sociológico, este tipo de estruturas possibilita a integração do ser humano na sociedade, ajudando na construção simbólico-social da realidade. De salientar a importância da linguagem neste processo. Na verdade, a linguagem permite que, ao se verbalizar, haja outra existência dos objetos e/ou de conceitos e outra noção dos mesmos em relação a si próprio.

Do ponto de vista psicológico, as estruturas de acolhimento possibilitam a capacidade de o indivíduo se construir como fazendo parte de uma rede de relações que o faça ter uma identidade influenciada pela tradição do grupo a que pertencem.

Da perspetiva antropológica, as estruturas permitem que a pessoa consiga se situar num tempo e seja capaz de rememorar o passado e planejar o futuro de modo a se conseguir inserir plenamente no mundo.

Do ponto de vista cultural, as estruturas ajudam, efetivamente, o indivíduo na assimilação e vivência de tradições específicas. Ao se identificar com a sua cultura, acaba, também, por conseguir identificar as tradições alheias, nomeadamente, ao nível do social, da cultura e da religião.

É a partir da visão do religioso que os indivíduos aprendem a questionar a sua existência e procurar respostas sobre o sentido para a sua vida. Além disso, a religião ajuda o indivíduo a se sentir parte de uma comunidade que vive as mesmas crenças e faz os mesmos ritos.

---

<sup>139</sup> Cf. *Ibidem*, p. 4.

<sup>140</sup> Cf. *Ibidem*, p. 5.

As estruturas de acolhimento são essenciais para a “construção” do ser humano. Dificilmente, sem estas estruturas, e visto que não tem o seu instinto desenvolvido como outros animais, o Homem conseguiria viver neste mundo. Estas estruturas ajudam a que o ser humano vença o medo do desconhecido e os paradoxos que a própria vida traz consigo.

As estruturas facilitam a existência do Homem neste mundo e fá-lo experimentar e comunicar coisas novas. Salienta-se que as estruturas de acolhimento acompanham o indivíduo ao longo de toda a sua vida, que, ao longo da mesma, continua sempre a aprender.<sup>141</sup>

Como referi, o ser humano desde sempre se questiona e procura respostas para a sua existência, a vida, a morte. A forma como o faz pode variar, mas a essência mantêm-se: qual a finalidade do Homem neste mundo? Além disso, há uma procura incessante da procura do seu “Eu” e sobretudo da sua compreensão. Nesse sentido, entra-se no conceito de espiritualidade. Este conceito, tal como as respostas sobre o que é o Homem ou sobre outras questões mais existenciais, tem várias definições. Destas definições, destacarei duas.

Numa primeira definição e com um sentido mais restrito, ou seja uma noção cristã, o termo espiritualidade consiste na relação da pessoa crente com Deus trinitário tendo como mediador Jesus Cristo e que implica o ser humano na sua totalidade, esperando a derradeira comunhão.<sup>142</sup>

Num segundo sentido, o termo espiritualidade tem uma noção mais antropológica. Trata-se da experiência do indivíduo que se baseia na capacidade de “abertura ao outro e ao Absoluto”<sup>143</sup> quer seja compreendido como algo transcendente ou não. Neste âmbito, aqui a pessoa, procura a sua plena realização e busca a sua identidade.

No fundo, é importante realçar que o Homem, seja de uma forma ou de outra, procura compreender-se a si e ao mundo que o rodeia e procura um sentido para tudo isso. Assim, a forma como a espiritualidade é vivida poderá sofrer alterações e adaptações feitas pelo indivíduo para que lhe faça mais sentido, mas não acabará. Torna-se inconcebível uma existência do Homem sem essa dinâmica de transcendência, até porque enquanto houver vida humana, haverá sempre questões sobre o verdadeiro sentido da vida, a busca desse mesmo sentido, numa tentativa de construir o cosmos.<sup>144</sup>

---

<sup>141</sup> Cf. *Ibidem*, p. 8.

<sup>142</sup> Cf. MESSIAS, Teresa, “Apontamentos da disciplina de Espiritualidade Juvenil”, texto não publicado para uso dos alunos da disciplina de Espiritualidade Juvenil, Faculdade de Teologia, 2017, p. 5.

<sup>143</sup> *Ibidem*, p. 5.

<sup>144</sup> Cf. AMBROSIO, Juan, “Dimensão Religiosa e Condição Humana: Em que medida a dimensão religiosa é uma dimensão essencial ao Ser Humano”, pp. 20-21.

No início deste ponto, afirmo que o ser humano necessita de ser acolhido na comunidade que o rodeia. Primeiramente, esse acolhimento será feito, essencialmente, pela família, mas depois também pela comunidade que o rodeia. A palavra “acolhimento” significa: “ato de acolher, refúgio, amparo, hospitalidade.”<sup>145</sup> Há, também, a noção que acolher é receber com agrado,<sup>146</sup> ou seja de braços abertos, de livre vontade. Ora isso só se consegue fazer quando há e se age com amor. O que significa que o amor tem de estar presente para haver inserção do ser humano na sociedade, para ajudar a sair do caos e formar um cosmos.

A força motora que pode fazer a diferença na vivência do ser humano, nomeadamente nas relações interpessoais é o amor. Duch afirma, como já referi, que a aprendizagem da língua materna é essencial para ajudar o ser humano a ter uma perceção do mundo que rodeia e organizar-se nesse meio. Mais uma vez, está inerente o amor, neste caso, o amor familiar. A palavra materna significa, num sentido figurado “afeto”, “carinho”<sup>147</sup> e é no seio da família que se aprende as primeiras palavras e, em princípio, também são essas palavras com ligação familiar, em que o significado está associado ao significante ou à imagem acústica, que são as primeiras a ser balbuciadas pelo bebé. Dito de outro modo, o bebé ao proferir a palavra “mãe”, que é o significado, associa esta palavra a uma imagem, a da sua própria mãe. E isso, além de ser um modo de se relacionar com o exterior, não é mais do que uma prova de afeto entre os dois. O bebé reconhece a mãe como alguém que lhe dá amor, segurança e o ajuda. Essa pequena palavra será essencial para inserir o ser humano, da melhor forma, na sociedade que o rodeia.

As várias estruturas de acolhimento, referidas por Duch, são essenciais para o desenvolvimento do ser humano e para lhe trazer segurança. Se se analisar, as várias estruturas, pode-se verificar que na sua base está o amor. Como afirma André Sève: “O mundo é certamente uma selva, mas por toda a parte onde as pessoas se amam e despertam outras para o amor, a selva torna-se o Reino.”<sup>148</sup> As estruturas servem para sair do caos ou da “selva”, para formar um cosmos ou citando André Sève “o Reino” e isso, faz-se através do amor de quem acolhe, mas também de quem recebe.

As dúvidas existenciais do ser humano sobre a vida e o sentido da mesma, não têm uma resposta única, mas o amor estará presente como um modo de responder a essas mesmas

---

<sup>145</sup> «Acolhimento», in *Dicionário Português Priberam* <https://dicionario.priberam.org/acolhimento> (visto em 26-08-2019).

<sup>146</sup>Cf. *Ibidem*. (visto em 26-08-2019).

<sup>147</sup> Cf. *Ibidem*. (visto em 27-08-2019).

<sup>148</sup> SÈVE, André, *Quando os homens viverem de amor*, edições paulistas, Lisboa, 1988, p. 10.

questões e dar sentido à existência humana. “Há um sentimento que muda tudo: o amor. O dia desperta, já não nos interrogamos acerca da vida, vivemos.”<sup>149</sup>

Como já foi referido, faz parte do ser humano a dimensão espiritual, com o intuito de dar um sentido lógico à existência humana. Ora se há um grupo etário onde a necessidade de referências para dar sentido à sua vida é mais premente é a dos adolescentes e jovens. Trata-se de um grupo que precisa de referências para poder prosseguir a sua caminhada com esperança e sabendo de onde vem e para onde vai. Além disso, é importante salientar que nestas últimas décadas, os jovens se sentem mais perdidos, sem referências. O facto de muitos jovens nem trabalharem nem estudarem, os ditos “nem...nem” evidencia, no meu ponto de vista, o quanto os jovens andam sem rumo, sem referências, sem objetivos, sem uma noção da sua missão neste mundo e, sem sequer, compreenderem a sua existência.

Para isso, muito se deve a falta de um crescimento espiritual feito sobretudo em casa com a família, por esta, na maior parte dos casos, se ter desenraizado de práticas religiosas. Todavia essas gerações, a dos pais, na maior parte dos casos, tinham e têm uma diferença em relação a das camadas mais jovens. Eles tiveram referências dadas pelos seus progenitores e pela comunidade envolvente. Esses conseguiram organizar uma linha de sentido, baseada nas tradições, percebendo o passado, o que ajuda à construção do presente e futuro. Mas estas camadas mais jovens não têm, muitas vezes, essa opção. Não têm essas linhas orientadoras de sentido. Desse modo, continuam num constante caos. Falta-lhes a memória religiosa dos seus antepassados. Yves Bonnefoy refere que: “um homem sem memória é um homem sem vida, um povo sem memória é um povo sem futuro.”<sup>150</sup> O Papa Francisco tem uma afirmação com um sentido muito similar: “Um jovem sem memória não pode ser esperança para o futuro!”<sup>151</sup> E é o acontece a muitos dos jovens de hoje. Sentem-se sem futuro, porque não têm uma memória que lhes permita se organizar e sair do caos. Jesús Manuel García vai na mesma linha de pensamento no que à identificação cristã diz respeito. Ele afirma: “A identificação cristã na sociedade de hoje encontra outra dificuldade séria: em muitas partes da Europa, o anúncio cristão enfrenta jovens que, cada vez em maior número, carecem de “memória religiosa”.<sup>152</sup> A falta dessa cultura religiosa também faz com que, além do jovem não conseguir criar o seu cosmos, não consiga compreender as diferenças culturais no que à religião diz respeito. Não consegue distinguir o que faz parte de uma religião e pertence a

---

<sup>149</sup> *Ibidem*, p. 11.

<sup>150</sup> BONNEFOY, Yves, « La poésie peut sauver le monde », *Le Monde de l'éducation*, 273, (Septembre 2009), p. 18.

<sup>151</sup> PAPA FRANCISCO, *Vós sois artesãos de futuro*, Nascente, Amadora, 2018, p. 49.

<sup>152</sup> GARCÍA, J. Manuel, “Horizontes de espiritualidad para los jóvenes en Europa”, in <http://www.pastoraljuvenil.es/horizontes-de-espiritualidad-para-los-jovenes-en-europa/> (visto em 07-12-2019).

outra, isto porque, afinal, ele não tem qualquer referência a esse nível. Raymond Lemieux afirma: “ De um modo geral, é preciso dizê-lo, a Igreja é para os jovens longínqua, estranha, vestígio de um passado mítico. Longínquas, porque, apenas, a conheceram indiretamente, através de contactos esporádicos e pontuais, numa ocasião de iniciações sacramentais, por exemplo.<sup>153</sup> Isto não significa que os jovens não se interessem pela espiritualidade. O facto de não terem raízes culturais a esse nível, faz com que além de um desconhecimento da religião, nomeadamente a cristã e da importância desta para a cultura, o jovem procure outras realidades. Há cada vez mais um *bricolage* religioso onde se faz uma miscelânea de vários ritos de diversas religiões ou outras práticas. Assim, não é raro um jovem paradoxalmente acreditar na Ressureição e na reencarnação. Isto não é só sinal de um analfabetismo religioso, evidencia sobretudo que o jovem procura um sentido para a sua vida, que procura, por entre o caos, algo que lhe possa dar respostas para a sua vida e a sua existência. Além disso, evidencia que o jovem, cada vez mais, faz esse percurso espiritual sozinho. Num processo assim, não há o apoio da comunidade crente, afinal cada um tenta criar a sua própria relação com o transcendente. Trata-se de um percurso solitário e, por isso, mesmo mais difícil de chegar a bom porto, de se poder crescer na fé dialogando com outros que experienciem as mesmas vivências e práticas religiosas. Há ainda outro perigo, a possibilidade de a dada altura se deixar seduzir por práticas religiosas duvidosas como seitas ou práticas radicais que levem ao terrorismo.

Além da falta de educação espiritual, outro dos motivos que fazem com que os adolescentes e os jovens se sintam perdidos, sem rumo é a falta de amor ou o não sentirem que são amados. A memória, como já referi, ajuda a que o indivíduo se projete para o futuro. E as memórias de infância são fundamentais para o futuro de cada ser humano. Nelas constam ou deveriam constar, entre outras, os momentos repletos de afeto e ternura entre a família. Essas serão certamente as primeiras recordações, fundamentais para prosseguir o seu caminho existencial. “Recordações” é a palavra adequada, porque significa aquilo que se guarda no coração. Cassiano Reimão refere:

“A afectividade reveste-se de uma importância nuclear para a realização humana: a conquista permanente da felicidade. Porque a própria inteligência é afectiva, a conversão/transformação do homem envolve a radicalidade afectiva do seu ser.

---

<sup>153</sup> LEMIEUX, Raymond, “ Le monde des jeunes aujourd'hui : une culture étrangère à l'Église? ”, *Théologiques*, 6, (1998), p. 87.

A verdade da existência é determinada pela sua gênese afectiva. A afectividade dá estrutura à vida, no sentido natural e cultural.”<sup>154</sup>

O poeta Colombier afirma: “O amor cria raízes”.<sup>155</sup> E sabe-se que toda a planta com raízes consistentes tem maior probabilidade de lidar com as intempéries e prolongar a sua vida. O mesmo acontece com o ser humano. Todo aquele que teve bases firmes de amor conseguirá ter mais força para lidar com as intempéries da vida, não perdendo a esperança no futuro. Quem não tem raízes consistentes ou quem nem sequer as tem, procura-as, faz por criá-las. Essa busca espiritual faz-se, muitas vezes, também, através do amor. O amor dá um sentido à vida. Como afirma o Papa Francisco:

“Sabeis, que sois amados e ouvidos por Ele de forma incondicional, tal como sois? Quando esta percepção não é evidente, o ser humano torna-se um enigma incompreensível, porque é a consciência de sermos incondicionalmente amados por Deus que dá sentido à nossa vida.”<sup>156</sup>

O amor é fundamental para o crescimento saudável de qualquer indivíduo. É através desse amor que temos contacto com o outro, e é esse amor, faz com que o Homem, à nascença, se sinta acolhido, neste mundo imenso. Numa primeiríssima fase da existência de qualquer ser humano, esse contacto com o mundo exterior é, sobretudo, feito com a mãe. Esse amor maternal é o seu mundo e o seu porto-seguro que irá permitir a descoberta e a exploração de novos mundos. Como afirma Alexandre Palma:

“O colo da mãe torna-se o lugar onde primeiro se está em casa. Isto torna-se, tão depressa quanto possível, uma certeza de vida: ali está o nosso lar. Gestos quentes que nos aquecem e impressionam mais que a luz que nos inunda a visão. Com o nascer vem essa experiência de sermos tocados; experiência nova que depressa se torna expressão corpórea de uma certeza ainda mais fundamental: nascemos amados.”<sup>157</sup>

---

<sup>154</sup> REIMÃO, Cassiano, “Afectividade, corporeidade e alteridade, desafios educativos”, in *Communio*, 4 (2005), p. 467.

<sup>155</sup> COLOMBIER, Noël, “Todo o amor cria raízes”, in SÈVE, André, *Quando os homens viverem de amor*, p. 16.

<sup>156</sup> PAPA FRANCISCO, *Vós sois artesãos de futuro*, p. 61.

<sup>157</sup> PALMA, Alexandre, “Acreditar no amor. O elo entre o apelo humano e o dom divino. Envolvidos no amor de Deus pelo mundo”, in *Itinerário temático do centenário das aparições de Fátima*, Santuário de Fátima, Fátima, 2013, p. 4.

Esse afeto, primeiro maternal e paternal que, depois se alargará ao restante núcleo familiar, dará ferramentas para que esse novo ser venha a sentir que há um sentido para a sua vida. O amor é o elemento principal que tem de estar presente nas estruturas de acolhimento. “A angústia mais destruidora nasce do medo de não sermos amados, a paz mais profunda vem da certeza de sermos amados. Uma criança só poderá tornar-se plenamente quem é, se souber que é amada incondicionalmente.”<sup>158</sup> O sentir-se amado será essencial para que a criança, futuro adolescente, tenha as ferramentas para trilhar o seu futuro. Este amor que passa, primeiramente, pela família, depois é alargado aos amigos. “Crescer no amor - no amor a Deus e no amor aos outros - implica que primeiro se aprenda a amar-se a si próprio: a família é chamada a ser essa comunidade privilegiada em que cada um sente o direito de ser quem é.”<sup>159</sup> A família é crucial para a criança e adolescente desenvolverem o seu amor-próprio e conseguirem, desse modo, crescer e viver bem. Ninguém pode amar outrem se não se amar a si próprio. “Amarás ao Senhor teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo.” (Lc 10, 26) Esse aconchego familiar, esse encontro com o outro em que há amor, é o caminho que pode levar a que se desenvolva a espiritualidade de cada pessoa.

É o amor que faz com que cada indivíduo confie no outro, primeiramente, neste caso, a quem lhe deu o ser. O Homem nasce tão desprotegido que nada mais pode fazer senão confiar em quem o rodeia. Esse é o primeiro passo. “Porque o que de mais elementar está em jogo, desde o início, é a graça de confiar *que se é amado*.”<sup>160</sup> Essa confiança que se mistura com amor, pois quem ama confia e só quem confia pode amar, levá-lo-á, posteriormente, a confiar em si, reflexo desse amor e confiança que o(s) outro(s) têm dele e refletem nele. É nesse sentido que cada pequeno progresso de uma criança deve ser bem marcado. A alegria para os pais, por exemplo, dos primeiros passos de uma criança é, também um momento propício para estimular a confiança e o amor-próprio da criança. “Só confiando se torna a vida possível. Só no amor se torna a vida confiável. Confio, porque essa luz que me ilumina o mundo está sempre lá. Confio, porque esse amor que me toca e abraça é sustento certo nas alturas e nas quedas da vida.”<sup>161</sup> Desse modo, desde os primeiros instantes neste mundo, estão reunidas as condições para que se possa desenvolver a espiritualidade. Como destaca Alexandre Palma: “Nesta dinâmica da vida a nascer, a fé já se anuncia e insinua. Com a vida, a fé já aí

---

<sup>158</sup> PONSARD, Christine, *A fé em família*, Paulinas, Prior Velho, 2007, p. 145.

<sup>159</sup> *Ibidem*, p. 164.

<sup>160</sup> CORREIA, José Frazão, *A Fé vive de afecto*, Paulinas, Prior Velho, 2013, p. 48.

<sup>161</sup> PALMA, Alexandre, “Acreditar no amor. O elo entre o apelo humano e o dom divino. Envolvidos no amor de Deus pelo mundo”, p. 4.

desponta.”<sup>162</sup> José Frazão Correia, na mesma linha de pensamento, afirma: “entre a graça e a graciosidade da vida recebida e a experiência dramática e ambivalente da finitude a enfrentar, já se desenham os contornos da fé, a originária disposição humana à confiança e a resistência tenaz contra a dúvida de que a existência não seja uma bênção.”<sup>163</sup>

É desta forma que se poderá desenvolver a espiritualidade, em que o amor será o ingrediente fundamental de todo este processo. Esse é o caminho para, qualquer ser humano, nomeadamente, a criança e o adolescente poderem desenvolver a sua espiritualidade e até chegarem, quem sabe, a um amor divino. Jean Vanier afirma:

“A identidade profunda de todo o homem e de toda a mulher (...) consiste na capacidade de viver na verdade e no amor, mais ainda, consiste na necessidade de verdade e de amor, dimensão constitutiva da vida da pessoa. Esta necessidade de verdade e de amor abre o homem a Deus bem como às outras criaturas.”<sup>164</sup>

Como destaca Vanier, o amor é um meio de poder chegar a Deus, ou seja, uma forma de desenvolver a sua espiritualidade. O caminho passa por um amor ascendente para, depois, se ter a possibilidade de perceber que Deus tem, por sua vez, um amor descendente para com cada indivíduo.

Será mais difícil, ainda que não impossível, que um adolescente perceba que é amado por Deus e desenvolver a sua espiritualidade se não se sentir acolhido na sua família e no seu meio envolvente, sabendo que a palavra “acolher” está associada ao amor.

Quem teve a sorte de crescer num meio onde há fé, é mais fácil trilhar o seu caminho de espiritualidade e poder desenvolver a sua própria fé, mas isso não significa que quem não tenha nascido num ambiente crente em Deus, não possa desenvolver a sua espiritualidade. É mais difícil, mas não é inviável isso acontecer. Será um caminho mais pessoal, pelo menos num primeiro tempo em que a família não faz parte desse núcleo de fé. Será também mais complexo, na adolescência, se, e cada vez mais é assim, os amigos não partilharem dessa mesma procura ou dessa fé, mas não é de todo incapacitante.

O que significa que tanto quem não sentiu ou não foi, efetivamente, recebido com afeto; sobretudo nos seus primeiros anos de vida; como quem não nasceu num ambiente crente, poderá chegar à espiritualidade. A forma de poder lá chegar será sempre a mesma: através do

---

<sup>162</sup> *Ibidem*.

<sup>163</sup> CORREIA, José Frazão, *A Fé vive de afecto*, p. 15.

<sup>164</sup> VANIER, Jean, *La communauté, lieu du pardon et de la fête*, in PONSARD, Christine, *A fé em família*, p. 166.

amor. Se se acreditar no amor e se se acreditar que o amor “move montanhas”, poderão chegar até à fé. Alexandre Palma a esse propósito refere:

“Quando lida nesta dinâmica, mais facilmente se percebe que a fé tem por objeto o amor. Acreditamos em quê? Acreditamos no amor. É este o conteúdo primeiro da fé cristã. Isto em nada distrai da centralidade que a Deus reconhecemos no ato crente. Pelo contrário, em Cristo conhecemos que «Deus é amor» (1Jo 4,16). No Evangelho de Jesus, acreditar em Deus toma necessariamente a feição concreta de uma fé no amor. Fé, aliás, cuja autenticidade se afere pelo testemunho confirmado do amor ao próximo: «ninguém pode amar a Deus que não vê se não amar o irmão que vê» (1Jo 4,20). Quando, pois, se procura reler o que é a fé cristã à luz do amor, imediatamente chegamos a esta conclusão: o amor é objeto da fé cristã, porque Deus é amor.”<sup>165</sup>

É relevante sublinhar que o importante é agir com amor, seja-se crente ou menos crente. Há os que se intitulam de crentes que não evidenciam esse amor e há os que se intitulam de não crentes com uma espiritualidade desenvolvida. Ainda que não professam a fé em nenhum Deus, amam o próximo, que é a maior prova de que amam a Deus, mesmo que disso não tenham noção. Esses acreditam no amor e no quanto este pode transformar o mundo. Como afirma Tomás Halík:

“Não consigo deixar de pensar que Deus não se preocupa, particularmente, pelo facto de nós acreditarmos ou não nele. Aquilo que realmente interessa, porém, é que o amemos.

Ou, mais precisamente: Ele não está preocupado com a nossa fé, no sentido em que esse termo é muitas vezes usado, no sentido em que *acreditar em Deus* é estar convencido da existência de Deus. Não me parece que a nossa salvação dependa das nossas opiniões, noções e convicções religiosas. São Tomás de Aquino afirmou, há muito tempo, que nós não sabemos o que significa «ser» no caso de Deus, porque Deus *existe* de uma forma diferente de tudo o que *existe*. Aquilo que realmente importa a Deus, e pelo qual Ele muito provavelmente nos julgará, não são as nossas opiniões, mas a natureza e o grau do nosso amor. Ele não está preocupado com a fé no sentido de «crenças», «opiniões», mas com a fé associada fundamentalmente ao amor.”<sup>166</sup>

---

<sup>165</sup> PALMA, Alexandre, “Acreditar no amor. O elo entre o apelo humano e o dom divino. Envolvidos no amor de Deus pelo mundo”, p. 5.

<sup>166</sup> HALÍK, Tomás, *Quero que Tu Sejas! Podemos Acreditar no Deus do Amor?*, Paulinas, Prior Velho, 2015, p. 48.

Esta extensa citação sublinha bem que o que é, efetivamente, importante é agir com amor, independentemente das crenças que se tenham. O acréscimo de um conteúdo programático da unidade “O Amor Humano” na disciplina de EMRC, em que se fale do dom que é o amor e de como esse amor pode ajudar o ser humano a se sentir realizado não tem, nem pode ter o intuito de evangelização, mas sim o de evidenciar que o amor é um caminho para se chegar à espiritualidade, sobretudo quando já foi destacado o quanto a dimensão espiritual é relevante para o pleno desenvolvimento do indivíduo. Mesmo que os discentes não professam nenhuma religião, poderão desenvolver a sua espiritualidade se amarem, como o texto de Halík destaca. Mais do que as palavras e as opiniões que se tenham o que é verdadeiramente importante é viver uma existência em que o amor faça parte dessa dinâmica, pois viver em amor, ajudará a que o ser humano se sinta seguro, sabendo que ama e que é amado e sabendo de onde vem e para onde vai.

Atualmente, muitos jovens já põem isso em prática. Mesmo não fazendo parte de uma religião específica, a forma como eles tendem a procurar a transcendência é ajudando o outro, o amor ao próximo, como afirma Manuel García: “Alguns jovens orientam-se nesse sentido: procuram uma forma de voluntariado ou uma profissão no campo social em que a rendição a outros se torne um elemento determinante da personalidade.”<sup>167</sup>

O amor será efetivamente o que dará um sentido à vida do ser humano e é o elo que liga as várias religiões. Todas acreditam no amor. O amor é também essa relação que nos liga a Deus, mesmo que não se professa nenhuma religião. Na visão cristã, amar a Deus é amar o próximo. Amar o próximo mais do que verbalizar é agir, mostrando que se ama efetivamente o nosso semelhante e conseqüentemente, Deus. Como refere Manuel Garcia: “Amar e ser amados constituem a essência de viver com os outros e a condição de poder ouvir e acolher o amor de Deus.”<sup>168</sup> O que significa que esse caminho de dedicação e de amor ao próximo poderá efetivamente ser esse o início do caminho para chegar a Deus e conhecê-Lo. Como afirma Hálik: “em resposta à pergunta sobre onde é que nós devemos procurar a proximidade de Deus podemos responder categoricamente, segundo o espírito do duplo mandamento de Jesus: no nosso próximo, no amor ao nosso próximo.”<sup>169</sup> Esse poderá ser o caminho para os jovens poderem vir a acreditar em Deus e será, sobretudo, uma forma dos jovens encontrarem sentido e traçarem um rumo para as suas vidas.

---

<sup>167</sup> GARCÍA, J. Manuel, “Horizontes de espiritualidad para los jóvenes en Europa”.

<sup>168</sup> *Ibidem*.

<sup>169</sup> HALÍK, Tomás, *Quero que Tu Sejas! Podemos Acreditar no Deus do Amor?*, p. 130.

Ao longo deste ponto, foi referido que o ser humano precisa de referências através de estruturas de acolhimento, nomeadamente religiosas, para formar um cosmos. O elemento principal para que o ser humano se sinta acolhido e tenha noção de onde vem e para onde vai, ou seja, para sair do caos e formar o cosmos é o amor. Esse ingrediente também é importante para que o indivíduo desenvolva a sua espiritualidade, como foi sendo demonstrado ao longo deste ponto. Por tudo isto, considero pertinente que a Unidade Letiva: “O Amor Humano” possa vir a ter conteúdos que ajudam os discentes a crescerem de forma equilibrada e plenamente.

### 3. Educar para o amor, um percurso para a esperança

Educar por si só já é uma tarefa complexa, um desafio. “A educação das crianças e dos jovens é uma realidade muito delicada no que diz respeito à sua construção, como sujeitos livres e responsáveis, à sua formação como pessoas.”<sup>170</sup> Mas é sobretudo um ato de amor. Como refere Sebastião da Gama, no seu diário, a propósito da sua profissão de professor: “...tenho muito que amar. Não entendo ser professor de outro jeito.”<sup>171</sup> Alargando esta ideia a todos os educadores, nomeadamente os pais, educar é essencialmente uma imensa prova de amor. “*Educar é um gesto de amor. A educação é uma genuína expressão de amor social.*”<sup>172</sup> Nesse sentido, poderá parecer redundante, o título deste ponto, ou pelo menos, parte deste. Se educar é amar, já se está a educar em amor, por amor e conseqüentemente, para o amor. Qual a necessidade de desenvolver um tema com este título?! A resposta reside nos adolescentes e jovens de hoje. Muitos caminham sem rumo e sobretudo sem amor e sem esperança.

Assim, neste ponto, abordarei o amor como porta aberta para encontrar a esperança. Além disso, falarei de como os educadores podem ajudar a desenvolver essa capacidade de amar nas crianças e nos adolescentes. O objetivo será demonstrar o quanto a unidade “O Amor Humano” é importante no sentido de ser uma semente para que os discentes possam desenvolver a esperança, através do amor e possam viver em amor.

Os adolescentes e jovens, de hoje, muitas vezes, vivem desanimados por a escola, muitas vezes, nada lhes dizer, por não saberem o que querem fazer do futuro, por não arranjarem trabalho, por não conseguirem viver economicamente dependentes, por não conseguirem terem forças para suplantar as dificuldades, por não terem esperança, por não

---

<sup>170</sup> BERGOGLIO, Jorge Mario, *Educar para uma esperança ativa*, Paulinas, Prior Velho, 2015, p. 151.

<sup>171</sup> GAMA, Sebastião da, *Diário*, Edições Ática, Lisboa, 1962, p. 127.

<sup>172</sup> BERGOGLIO, Jorge Mario, *Educar para uma esperança ativa*, p. 142.

acreditarem em nada. Para Bento XVI, como cita Eugenio Frutos, há uma falta de confiança na vida, esse será o principal problema da crise na educação:

“Quando uma sociedade começa a negar e a suprimir a vida, acaba por deixar de encontrar as motivações e energias necessárias para trabalhar ao serviço do verdadeiro bem do homem”(CV28). Se a sensibilidade e o respeito pela vida humana são perdidos, a sensibilidade também é perdida para o que é humano e o que não é, enquanto enfraquece, ao mesmo tempo, o senso de dignidade da pessoa e seus direitos fundamentais. Há uma falta de confiança radical na vida e depois a confiança na educação é quebrada, porque a esperança é a alma da educação e da vida.”<sup>173</sup>

Esta realidade é também abordada por André Sève que refere: “Pior ainda: quando vos apercebeis que o vosso filho ou a vossa filha, saídos da adolescência, já não tem vontade de viver.”<sup>174</sup> Ou ainda pelo Papa Francisco que a esse propósito afirma:

“Quando me dizem: «Padre, que tempos difíceis...Mas não há nada a fazer!» Como não há nada a fazer? E explico que se pode fazer muito! Mas quando um jovem me diz: «Padre, que tempos difíceis...Mas não há nada a fazer!» ...Não! Mando-o ao psiquiatra! Porque, na verdade, não se compreende! Não se compreende um jovem, um rapaz, uma rapariga que não aspiram a grandes feitos, não ariscam grandes ideais para o futuro.”<sup>175</sup>

É, efetivamente, preocupante ver pessoas sem esperança, sobretudo jovens e adolescentes. A falta de objetivos na vida, a falta de esperança, tem, a meu ver, dois motivos: a falta de espiritualidade e a falta de amor. Como afirma a exortação apostólica *Christus Vivit*:

“Nos jovens, encontramos também, gravados na alma, os golpes recebidos, os fracassos, as recordações tristes. Muitas vezes «são as feridas das derrotas da sua própria história, dos desejos frustrados, das discriminações e injustiças sofridas, de não se ter sentido amado ou reconhecido».”<sup>176</sup>

---

<sup>173</sup>FRUTOS, Eugenio Albuquerque, “La Esperanza, alma de la educación”, in <http://www.pastoraljuvenil.es/la-esperanza-alma-de-la-educacion/> (visto em 07-12-2019).

<sup>174</sup> SÈVE, André, *Quando os homens viverem de amor*, p. 11.

<sup>175</sup> PAPA FRANCISCO, *Vós sois artesãos de futuro*, p. 27.

<sup>176</sup> PAPA FRANCISCO, Exortação Apostólica *Christus Vivit*, in, [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20190325\\_christus-vivit.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html) (visto em 10-10-2019).

Quem se sente frustrado por não ter conseguido atingir algum objetivo, perde a esperança. Se ainda se acrescentar um sentimento de falta de amor e de acolhimento então é o desânimo total. Já se viu como a espiritualidade está associada ao amor. O amor, além de poder fazer com que o indivíduo venha a desenvolver a sua espiritualidade, também traz esperança. O saber-se amado e o amar traz objetivos na vida. Se se acrescer um desenvolvimento da fé, então há, em princípio, ainda, uma esperança mais vincada, por se saber amado por Deus. A esperança está associada à espiritualidade. Em princípio, quem tem fé em Deus, tem esperança. “A fé é substância da esperança”<sup>177</sup> Por outro lado, quem não acredita em Deus, tem mais dificuldade em ter esperança e acreditar na sua própria vida. É, por isso, essencial que os formadores transmitam esse amor e essa esperança.

“As instituições educativas devem dar confiança ao homem de hoje, propondo-lhe quadros de referência por que valha a pena viver. Há que instituir, na matéria da educação da afectividade e da sexualidade, um movimento de esperança que dê ao homem a alegria de viver (a felicidade como culminar da realização afectiva e intelectual do homem). O homem de hoje anda à procura de Alguém que o ajude a dar sentido à sua vida.”<sup>178</sup>

Amar e ser amado é o que faz a diferença na vida de cada indivíduo, dá um sentido à existência e dá esperança. Esperança na vida, nas suas capacidades, no seu futuro. O amor é um caminho para criar a esperança. André Sève afirma: “« Quando os homens viverem de amor.» Amor entre todos nós. Que sonho! Então saberemos porque estamos na terra, o que quer dizer viver. Deus é amor, criou-nos para o amor, não nos poderia ter criado de outro modo.”<sup>179</sup> A partir do momento em que o indivíduo percebe que tem uma missão, tem noção de onde vem e para onde há de ir, sabendo que é amado, tudo ganha outro brilho. “Viver é amar”<sup>180</sup> e o amor dá esperança. “O amor é a vocação maior e a razão da vida de todo o ser humano, considerado na sua origem, na sua evolução e na sua finalidade.”<sup>181</sup> No mesmo sentido, o Papa Francisco afirma: “O ser humano aspira a amar e a ser amado. Esta é a nossa aspiração mais profunda: amar e ser amado. É isto, definitivamente.”<sup>182</sup> Em suma, a chave; para viver com um rumo, olhando para si próprio, para o outro e para o mundo que o envolve com alegria e esperança; reside no amor.

---

<sup>177</sup> PAPA BENTO XVI, Carta Encíclica *Spe Salvi*, 10, Paulinas, Prior Velho, 2009.

<sup>178</sup> REIMÃO, Cassiano, “Afectividade, corporeidade e alteridade, desafios educativos”, p. 471.

<sup>179</sup> SÈVE, André, *Quando os homens viverem de amor*, p. 11.

<sup>180</sup> *Ibidem*, p. 48.

<sup>181</sup> REIMÃO, Cassiano, “Afectividade, corporeidade e alteridade, desafios educativos”, p. 466.

<sup>182</sup> PAPA FRANCISCO, *Vós sois artesãos de futuro*, p. 32

Nesse sentido, é importante aprender a amar. “Há que aprender a amar (“amar é dar-se”), promovendo a capacidade de sair de si para ir ao encontro do outro.”<sup>183</sup> Todo o educador deverá ensinar os educandos, sejam eles filhos ou discentes, a amarem. Cada pessoa tem dentro de si o dom de amar. Mas isso não significa que não se precise de ensinar e aprender a amar. Há que saber desenvolver esse tesouro. Educar para o amor, é uma tarefa difícil, sobretudo, nos dias de hoje, quando se vive numa sociedade onde impera o egoísmo, a falta de valores de entreajuda e a indiferença.<sup>184</sup> “Esta cultura do descartável está a fazer mal a todos, está a tirar-nos a esperança (...), esperança que é sofrida, é laboriosa, é fecunda. Dá-nos trabalho e salva-nos da cultura do descartável.”<sup>185</sup>

A complexidade do ser humano faz com que não haja regras certas para que essa missão de educar seja frutífera. Mas há um elemento que, independentemente do indivíduo, faz a diferença no seu crescimento e formação: o amor. As crianças e os adolescentes se sentirem amados, se sentirem que ao seu redor existe amor, certamente terão uma maior probabilidade de confiarem, amarem e, conseqüentemente, terem esperança na vida.

Outro factor importante para o crescimento dos educandos no amor e na esperança é o educador dedicar-lhes tempo. Quem cuida, ama e cuidar demora o seu tempo. Além disso, também é preciso dar tempo para que se possam ver os frutos do tempo que se teve a cuidar. Isto tanto é válido para a natureza em geral, como, neste caso, para o ser que se destaca por entre a natureza: o ser humano. Este será um dos fatores para a falta de ânimo dos educandos. Os dias frenéticos, em que as pessoas passaram quase a ser máquinas, deixa, pouco tempo, para a criação e fortificação de laços entre as pessoas. As crianças e os idosos serão os que mais são atingidos com isso. Mas os idosos poderão ter tido laços em tempos. As crianças se não tiverem esses laços, durante a infância e adolescência, ficarão com sequelas dessa falta de amor para toda a vida, mesmo que venham a superar essas falhas.

A melhor forma de evidenciar o que é o amor, é cada indivíduo fazer uso desse amor para com o próximo. “É amando que se aprende a amar.”<sup>186</sup> Isto não impede que não se fale sobre o amor. As palavras são importantes. A palavra leva a que se reflita e a uma tomada de consciência. Mas mais do que as palavras, a melhor forma de educar será sempre a junção das palavras com a ação. Só assim o formador terá a devida credibilidade e possibilitará que o formando siga as palavras escutadas e o exemplo. O educador deverá na sua vivência

---

<sup>183</sup> *Ibidem*.

<sup>184</sup> Cf. BERGOGLIO, Jorge Mario, *Educar para uma esperança ativa*, pp. 156-159.

<sup>185</sup> PAPA FRANCISCO, *Vós sois artesãos de futuro*, p. 34.

<sup>186</sup> PONSARD, Christine, *A fé em família*, Paulinas, Prior Velho, 2007, p. 71.

demonstrar o que apregoa.<sup>187</sup> Como afirma Christine Ponsard: “Sejamos coerentes.”<sup>188</sup> É através do exemplo que as crianças e adolescentes crescem.

“ A educação é um ato de amor, é dar vida. E o amor é exigente, pede o empenho dos melhores recursos, despertar a paixão [...] e colocar-se a caminho junto com os jovens, com paciência. [...] Os jovens precisam de uma educação de qualidade, juntamente com valores, não só enunciados, mas testemunhados.” A coerência é um fator indispensável na educação dos jovens. Coerência! Não se pode fazer crescer, não se pode educar, sem coerência: coerência, testemunho.”<sup>189</sup>

É importante que os educandos sintam que os educadores os amam, sejam eles pais, professores ou outros. Como é que poderão essas crianças e adolescentes amarem se não experienciaram esse amor, de forma direta ou indireta, através de quem os rodeia?! Acrescesse a isso, que na adolescência os pares passam a ter uma maior relevância. Nesse sentido, é importante que os educadores, a família, sobretudo aja com coerência para que os adolescentes possam continuar a vê-los como um porto-abrigo e um farol, para não se perderem ou andarem à deriva. “O que se exige, na educação e, sobretudo, na educação dos afectos, é a prática de uma pedagogia da proximidade.”<sup>190</sup>

Outro fator relevante para que o educando possa vir a adquirir esperança e saber percorrer os caminhos do viver em amor, será ter confiança. A confiança faz parte do viver. Não tem só um lado espiritual, embora seja importante e, diria mesmo fundamental, que exista. Mas, estou a referir-me à confiança em si, nos outros, na vida. Ora se não se valoriza a vida, como ter confiança? Se não se percebe o quanto a vida é bela, e para quem é crente um dom, como amar a sua existência e o mundo que a envolve?! É, por isso, essencial que os educadores possam valorizar a vida e que façam passar a mensagem disso mesmo aos educandos. É também importante criar confiança nos educandos, tendo a atenção para não formar crianças e adolescentes arrogantes e/ou a acharem-se superiores. Mas, é importante que se reforce as capacidades dos seus educandos e se fomente um espírito de entreatajuda. Além de cada educando verificar que tem limitações, ao pedir ajuda, ganhará confiança no outro. Quem for solicitado a ajudar, sentir-se-á útil e isso dar-lhe-á alegria e confiança em si. No fundo, o caminho para chegar à confiança e ao amor será confiando e amando. Além

---

<sup>187</sup> Cf. WILER, Alain, *El Educador al servicio de la fe*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1985, p. 60.

<sup>188</sup> PONSARD, Christine, *A fé em família*, Paulinas, Prior Velho, 2007, p. 112.

<sup>189</sup> BERGOGLIO, Jorge Mario, *Educar para uma esperança ativa*, p. 217.

<sup>190</sup> REIMÃO, Cassiano, “Afectividade, corporeidade e alteridade, desafios educativos”, p. 470.

disso, só tendo confiança é que se pode ter objetivos e metas de vida. Viu-se no ponto anterior que o ser humano só avança quando consegue delinear metas, para a sua vida e que isso se deve sobretudo por se sentir inserido e bem consigo, neste mundo e nesta sociedade, e que, nesse sentido, a espiritualidade detém um papel importante. Ora se nada disso existe, é natural que a confiança não esteja tão presente nos adolescentes e jovens e, que por isso, tenham deixado de lutar pelos seus sonhos e que “baixem os braços”. E é, por isso, importante que se faça por contrariar esse possível desalento. Uma das formas é dando-lhes algumas responsabilidades adequadas à idade.

“A educação da afectividade deve, assim, ser personalizada, aberta, “sem medos”, não directiva, mas apelando à responsabilidade. Esta educação deve alicerçar-se num quadro de valores que, a partir da dignidade da pessoa, dê primazia ao amor e respeite o sentido da vida, promova a fidelidade (“compromisso, liberdade, disponibilidade”, na linguagem de Gabriel Marcel), a partir de uma realizante atenção ao outro.”<sup>191</sup>

Quando se dá uma tarefa a fazer a uma criança ou a um adolescente, além de se estar a dar uma responsabilidade, está-se também a dizer que acreditamos que seja capaz de desempenhar bem a tarefa. É um estímulo que se dá e que certamente a criança ou o adolescente não quererão desfraldar as expectativas que dele têm e esforçar-se-ão. Nesse sentido, esse tipo de atitudes promove a confiança em si, o respeito por si e pelo outro, mas também promove o compromisso, no sentido de fazer o que lhe é solicitado. Permite, ainda, dar a perceber que o verdadeiro sentido da vida é ser-se disponível para ajudar o próximo, é agir com amor. Tudo isto, também, faz com que a criança e o adolescente não se tornem egoístas e ganhem autonomia. Christine Ponsard salienta: “ajudar uma criança (e eu acrescentaria também o adolescente) a crescer é, entre outras coisas, permitir-lhe que se torne autónoma ensinando-a a agir sozinha e atribuindo responsabilidades à sua medida.”<sup>192</sup> Este continuar, ao longo do tempo, fará com que a criança e o adolescente se sintam com capacidades, sintam algum brio por si próprios e que adquiram confiança em si e no outro.

Nesta caminhada, o formador deve ter sempre em mente que educar é indicar caminhos, direcções, não forçar o formando a nada. É importante que os jovens sejam capazes de agir e pensar por si próprios e que tenham a possibilidade de escolher o seu próprio caminho. Isso também é um ato de amor. Amar uma criança ou um adolescente é permitir-lhe

---

<sup>191</sup> *Ibidem.*

<sup>192</sup> PONSARD, Christine, *A fé em família*, Paulinas, Prior Velho, 2007, pp. 74-75.

que ela se «torne mais quem é» de dia para dia.”<sup>193</sup> Além disso, é uma forma de cada indivíduo poder vir a adquirir confiança em si e ter objetivos de vida e conseqüentemente esperança. Quem tem objetivos de vida, tem esperança. Como refere Jorge Bergoglio:

“Prefiramos educandos livres e responsáveis, capazes de se interrogar, decidir, acertar ou enganar-se, e continuar caminhando, e não meras réplicas dos nossos próprios acertos...ou dos nossos erros. E precisamente para isso, sejamos capazes de os fazer ganhar a confiança e a segurança que brota da experiência da própria criatividade, da própria capacidade, da própria habilidade para levar à prática, completamente e com êxito, as suas próprias orientações.”<sup>194</sup>

Todo o educador que acredita nas capacidades do seu educando e confia nele possibilita que a própria criança ou adolescente venha a acreditar em si. A esse resultado de reflexo, os psicólogos da educação dão o nome de “efeito camaleão”. Sendo que na confiança está inerente o amor. Quem ama, confia. Ter noção disso é importante para que cada adolescente possa ter confiança em si e ter esperança. Acreditar é ter esperança, se os educadores acreditam no educando, significa que se tem esperança nele e no seu futuro. E conseqüentemente a criança também terá confiança em si e esperança em si mesmo e no futuro. Sublinho, todavia, que educar dando autonomia não significa deixar fazer tudo o que o educando deseja, sem regras. Pelo contrário, educar no amor e para o amor, significa, também, dar regras, impor limites.

“Amar de forma incondicional não significa deixar fazer tudo. [...] para se tornar verdadeiramente quem é, a criança precisa de verdade e, portanto, de exigência. A criança e mais ainda, o adolescente, precisam de referências. Precisam de pais que saibam dizer «sim» e «não».”<sup>195</sup>

Qualquer educador deverá saber agir com regras e amor. O saber ouvir um «não» é importante para qualquer educando. Tal como é importante, através dos jogos, perder e saber perder, porque na vida nem sempre se consegue tudo o que se deseja. O ouvir um «não» mostrará ao educando que na vida há regras, limites e que nem sempre se consegue alcançar, ou ter aquilo que se pretende. Quem nunca tiver ouvido um “não”, depressa entrará em desalento, quando surgirem os primeiros embates da vida. Ou seja, impor regras e dar limites possibilita que a criança e o adolescente percebam que é preciso lutar para atingir certas metas

---

<sup>193</sup> *Ibidem*, p. 74.

<sup>194</sup> BERGOGLIO, Jorge Mario, *Educar para uma esperança ativa*, Paulinas, Prior Velho, 2015, p. 67.

<sup>195</sup> PONSARD, Christine, *A fé em família*, Paulinas, Prior Velho, 2007, p. 165.

e objetivos. Possibilita perceberem que ter objetivos é bom, mas que trabalhar para os ter é fundamental. Dá, também, a possibilidade de apreenderem que a vida é feita de desafios e que é preciso não desanimar, mas ter esperança em si no outro, no futuro e que, com tenacidade e coragem, às vezes, consegue-se alcançar o que se deseja. Pode, ainda, dar a entender que se determinado objetivo não se conseguiu, pode-se criar um outro, mas que o mais importante é não desistir e que para isso é importante que haja amor por si e pelo outro.

“o que faz com que um jovem não se reforme é a vontade de amar, a vontade de dar o que o homem tem de mais bonito e que Deus tem de mais bonito, porque a definição que João dá de Deus é «Deus é amor». E, quando o jovem ama, vive, cresce, cresce, não se reforma. Cresce, cresce, cresce e dá.”<sup>196</sup>

Se se educar em amor e para o amor será mais fácil fazer com que a criança tenha amor por si, pelo outro, pela vida e que venha a ter esperança necessária para o seu viver. Como salienta Eugenio Frutos, o caminho para a esperança passa também pela força, a coragem, a paciência, a generosidade, a criatividade, o entusiasmo, o otimismo, ter um sentido para a vida, a verdade, aceitar a realidade, o amor e a amizade.<sup>197</sup> Essas serão as ferramentas que o educador deverá fazer uso para despertar a esperança. “E educar para a esperança é conseguir que uma criança, um jovem, tenha horizontes!”<sup>198</sup>

Destaco, contudo, que todas estas ferramentas passam sempre pela ferramenta principal, o amor. Sem amor não há coragem, paciência, otimismo e nem se encontra um sentido para a vida. Só é generoso quem ama. O que significa que o professor ou qualquer formador terá de usar a ferramenta do amor para que consiga despertar os jovens para esse mesmo amor com vista à esperança e, quem sabe até, a um despertar da fé. Como afirma Eugenio Frutos: “A educação é uma questão de amor; amá-los e que se sintam amados. Não há outra maneira mais justa de explicar o significado da educação.”<sup>199</sup> Assim, qualquer educador, nomeadamente o professor de EMRC, deverá tentar despertar os jovens para a beleza e valor da vida e cativar os alunos através do amor, para a confiança e a esperança no futuro. Só através de gestos de amor se poderá ajudar a formar jovens com esperança e essa esperança poderá levá-los a Deus. Como afirma Jorge Bergoglio, quando ainda não era Papa:

---

<sup>196</sup>PAPA FRANCISCO, *Vós sois artesãos de futuro*, p. 41.

<sup>197</sup> Cf. FRUTOS, Eugenio Alburquerque, “La Esperanza, alma de la educación”.

<sup>198</sup> BERGOGLIO, Jorge Mario, *Educar para uma esperança ativa*, p. 204.

<sup>199</sup> FRUTOS, Eugenio Alburquerque, “La Esperanza, alma de la educación”,

“É que a fé, a esperança e a caridade constituem, por definição, atitudes fundamentais que operam um salto, um êxtase do homem para Deus.”<sup>200</sup>

A Unidade Letiva: “O Amor Humano” é, por tudo o que foi escrito neste ponto, uma unidade importante como forma dos discentes compreenderem o quanto amor é central na vida de cada pessoa humana. Se lhes for realçado o quanto o amor é relevante e o quanto o amor pode ser um farol na existência de cada um, certamente que haverá um horizonte com (mais) esperança.

#### 4. Considerações finais sobre a Reestruturação da Unidade Letiva 1 “O Amor Humano”

Este capítulo pretendeu mostrar de que forma a unidade letiva: “O Amor Humano” pode ser reestruturada de forma a dar uma visão mais ampla e completa do amor. Esta reestruturação seria uma mais-valia para a unidade, mas sobretudo para os discentes que são o foco de qualquer programa disciplinar e, mais ainda, no que diz respeito à disciplina de EMRC, porque pretende desenvolver a dimensão espiritual essencial para que a criança e o jovem possam crescer de forma estável e plena. Além disso, os alunos de EMRC teriam uma noção sobre o amor humano mais realista, no sentido de ser mais abrangente do que a que se encontra com o programa atual. Neste capítulo, foi feita, também, referência do quanto faria sentido que houvesse uma reestruturação da Unidade Letiva 1 “O Amor Humano”, porque o amor pode ser e é, muitas vezes, a forma do indivíduo desenvolver a sua espiritualidade. Por último, mas não menos importante, foi feita uma fundamentação essencialmente pedagógica de como o amor pode ser um meio para que se venha a adquirir a esperança.

---

<sup>200</sup> BERGOGLIO, Jorge Mario, *Formar, Exigência e Paixão, desafios aos educadores*, Paulinas, Prior Velho, 2015, p. 44.

## CONCLUSÃO

O amor é certamente um dos temas mais abordados na sociedade. É-o hoje, foi no passado e arriscaria sem grandes dúvidas que continuará a ser no futuro. Se há algo que continua a haver em comum, para lá dos tempos é a ânsia do amor. Nos nossos dias, fala-se muito de amor. Abundam programas, livros, músicas, debates, filmes, vídeos onde se aborda o amor ou a falta dele. Do passado, também não nos faltam criações inspiradas no amor, seja em poesia, seja em romances, em filmes ou em músicas. Não faltam frescos, pinturas, esculturas ou outros tipos de arte que retratem essa temática. É normal que assim seja. O amor é uma realidade tão nuclear da vida humana que não é de estranhar que essa centralidade esteja traduzida na arte.

O ser humano é um ser de relação e as relações baseiam-se sobretudo em relações de amor, sejam elas de afeto, amizade, amor romântico ou de caridade. O amor é algo de intemporal e, por muito que tenha havido mudanças, os afetos e as relações de amor sempre existiram, é inerente à existência humana. Nesse sentido, faz todo o sentido que haja uma unidade letiva de EMRC dedicada à esta temática. Além de ser uma questão importante ser abordada em EMRC é uma unidade letiva que costuma ser acarinhada pelos alunos, por de algum modo, lhe responderem ou poderem responder a algumas das suas curiosidades e, às vezes, até angústias associadas à própria adolescência.

Mas quando se fala de amor, o termo, na maior parte das vezes, não é verdadeiramente usado da melhor forma e com o seu real significado. De um modo geral, quando se fala de amor humano, está-se a falar de amor erótico/romântico. Esta é uma noção que peca por ser incompleta e, muitas vezes, superficial.

Enquanto professora de EMRC e sobretudo durante a minha Prática de Ensino Supervisionada pude verificar que a Unidade Letiva 1 do 8ºano, “O Amor Humano” não ajuda a clarificar ou a dar, aos adolescentes, alunos de EMRC, possíveis ferramentas para uma visão sobre o amor humano mais completa. Ou seja, a disciplina não aproveita o facto de, pelo menos, aos alunos inscritos em EMRC, dar uma visão mais ampla do amor, para que não venham a ser jovens e adultos desinformados e quem sabe até um pouco desorientados com uma visão restritiva do amor. O programa desta Unidade Letiva fica aquém das questões e dúvidas dos discentes e fica também aquém daquilo que esperaríamos que a unidade tratasse,

pelo menos, tendo em conta o próprio título e, sobretudo, sendo a disciplina que é. Ou seja, dito por outras palavras, a Unidade Letiva 1 “O Amor humano” não trata o tema a partir da perspectiva cristã. Deste modo, não há um aprofundamento sobre o amor nem há a valorização do dom que é o amor. A visão que é destacada na Unidade Letiva 1 “O Amor Humano” do programa de EMRC é a mesma que se tem, quando, quotidianamente, se fala de amor, limita-se a dar uma perspectiva do amor erótico/romântico. Humildemente, parece-me uma visão débil, sobretudo quando EMRC representa ou deveria representar uma Educação Moral e Religiosa Católica ou seja, deveria dar os conteúdos programáticos a partir de uma base cristã. Assim, faria todo o sentido que se fizesse a ponte entre o amor de Deus e o amor humano, dando a noção cristã da origem do amor. Além de dar o prisma cristão do que é o amor, estar-se-ia a dignificar e a valorizar o próprio amor. Esta visão é essencial, quando se vive num mundo do precário e dos “amores”; ou alargando, e usando as palavras do Papa Francisco na sua primeira Carta Encíclica *Lumen Fidei*: dos “sentimentos inconstantes”.

Em suma, sabendo que costuma ser uma unidade letiva que motiva e interessa os alunos, alargar-se-ia e aprofundar-se-ia esta temática dando-lhes uma visão mais real do amor.

Na continuidade do meu parecer sobre a possível reestruturação desta unidade e até para mostrar a fortaleza do que é o amor, a unidade deveria alargar e abordar outras manifestações de amor. O amor não se limita só ao amor erótico/romântico. Há outras dimensões como o afeto, a amizade e a caridade. Aliás, o primeiro amor a ser experienciado por cada indivíduo, terá sido o afeto. Em princípio, o afeto da mãe e posteriormente da restante família. Naturalmente, que é importante abordar o amor erótico/romântico, como é apresentado na unidade letiva em causa, sobretudo porque é nessa idade que os adolescentes começam a despertar para essa realidade, mas sem o desenraizar da sua fonte nem de outras manifestações de amor. Sobretudo, porque coexiste ao amor erótico/romântico outras formas de amor como a amizade e a caridade.

É importante ter em mente, que por mais que se fale em várias formas de amor, o amor é só um. Deve-se por isso falar do amor na sua totalidade. O programa deveria, também, por isso, não se limitar a falar do amor erótico/romântico, dando uma ideia fragmentada do amor e até, no limite, desvalorizando as outras manifestações de amor.

Para os cristãos, o amor é um dom de Deus e por isso, deve ser realçado essa vertente, para que se dê o devido valor e não seja confundido com outras realidades que até podem ser apelidadas de amor, mas não o são. O verdadeiro amor não é egoísta nem violento. Pelo contrário, é um amor que dá e que vive na relação de confiança. Esse ponto é, também, importante ser realçado no programa da Unidade Letiva: “O Amor Humano” para possibilitar

que os adolescentes, futuros adultos, se resguardem de possíveis namoros ou relações onde não há o amor genuíno.

Por tudo o que enunciei nos parágrafos anteriores, propus uma reestruturação da Unidade Letiva, onde constam novos conteúdos que tentam colmatar as falhas que já enumerei. Ainda a este respeito, apresento uma proposta de aula contemplando alguns dos novos conteúdos que propus na reestruturação da Unidade Letiva 1 “O Amor Humano.” Destaquei a relação que existe, para os cristãos, entre o amor de Deus e a sua relação com o ser humano e de que forma cada um de nós pode tornar este mundo melhor, se agir com mais amor. Saliento que o exemplo da planificação de aula, foi já experienciada durante a Prática de Ensino Supervisionada, ou seja, a aula foi um exemplo que não ficou apenas pela teoria, mas que foi posta em prática, sendo uma mais-valia, porque já passou pelo crivo de alunos de uma turma de EMRC do 8ºano.

Há alguns parágrafos, afirmei que o amor é uma fortaleza. Usei esta frase com o sentido de força que une as pessoas. Todavia, esta mesma frase por ter outro sentido: o de aconchego, segurança, barreira ou pelo menos, de algum resguardo contra os “perigos” da vida. Pode ainda ter a noção de coragem para derrotar os medos e não desistir, mas pelo contrário, resistir com esperança. Continuando essa linha de pensamento, achei, por isso, essencial expor, no terceiro capítulo, a seguir à proposta de reestruturação da Unidade Letiva, o quanto o amor é o elemento essencial nas estruturas de acolhimento. É muito importante, o indivíduo ser e sentir-se acolhido, sobretudo quando se sente ou pode se sentir perdido, num mundo que lhe é desconhecido, como é o caso dos recém-nascidos, mas também ao longo da vida. O elemento essencial que estrutura cada um enquanto indivíduo e que faz formar o cosmos, é o amor. Esse amor dá um sentido à vida e pode ser e é, muitas vezes, o elemento que desenvolve a espiritualidade do indivíduo.

Ainda no sentido de evidenciar como seria pertinente uma reestruturação desta Unidade Letiva, no último ponto do terceiro capítulo, abordei o quanto é fundamental que as crianças e os adolescentes sejam educados para o amor, sendo que, mais uma vez, o amor é o ingrediente principal para percorrer uma vida com esperança. Ter esperança é acreditar em si no outro, no futuro e para os crentes em Deus. Só acredita efetivamente quem ama. Quem não acredita no outro, não ama, ou, pelo menos, não ama como deveria. Esta é a tônica do cristão: ter esperança e isso só acontece, porque o cristão sabe que há amor, que é amado. Amado primeiramente por Deus, mas que esse amor se expande aos seres humanos, na experiência do viver. Essa certeza dá logo outra tonalidade à existência de cada indivíduo.

O amor continua a ser procurado pelo ser humano. Os caminhos para essa procura nem sempre são os mais diretos e corretos, por isso é essencial que a disciplina de EMRC possa ser um farol para os futuros jovens e adultos o saberem procurar, o encontrarem e o viverem da melhor forma.

## BIBLIOGRAFIA

### Fontes

*Bíblia Sagrada*, Difusora Bíblica, Lisboa, 1991.

### Outra Bibliografia

ABRAGAM, Anatole, “Théorie ou expérience: un débat archaïque”, in HAMBURGER, Jean, ed., *La philosophie des sciences aujourd'hui*, Gauthier-Villars, Paris, 1986, pp. 21-37.

AGOSTINHO (Santo), *Trindade – De Trinitate*, Paulinas, Prior Velho, 2007.

ANDRADE, Carlos Drummond de, *Corpo*, Companhia das Letras, S. Paulo, 2005.

AMBROSIO, Juan, “O amor. Uma gramática para dizer Deus”, *Communio*, 4 (2005), pp. 401-417.

\_\_\_\_\_, “Dimensão Religiosa e Condição Humana: Em que medida a dimensão religiosa é uma dimensão essencial ao Ser Humano”, texto não publicado para uso dos alunos da disciplina da Unidade Específica de EMRC, Faculdade de Teologia, 2017, pp. 1-25.

ANGELINI, Giuseppe, *Eros e Agape, Oltre l'alternativa*, Glossa, Milano, 2006.

ARENDS, Richard I., *Aprender a Ensinar*, Mc Graw Hill, Lisboa, 2008.

BADHWAR, K. Neera, “Friends as ends in themselves”, in SOBLE, Alan, ed., *Eros, Agape and Philia, Readings in the Philosophy of Love*, Paragon House, New York, 1989, pp. 165-187.

BERGOGLIO, Jorge Mario, *Educar para uma esperança ativa*, Paulinas, Prior Velho, 2015.

\_\_\_\_\_, *Formar, Exigência e Paixão, desafios aos educadores*, Paulinas, Prior Velho, 2015.

BRENTLINGER, John A, “The nature of Love”, in SOBLE, Alan, ed., *Eros, Agape and Philia, Readings in the Philosophy of Love*, Paragon House, New York, 1989, pp. 136-148.

BONNEFOY, Yves, “La poésie peut sauver le monde”, *Le Monde de l'éducation*, 273, (Septembre 2009), pp. 14-20.

CAMUS, Albert, “Lettre à son instituteur”, in <https://ici.radio-canada.ca/premiere/emissions/plus-on-est-de-fous-plus-on-lit/segments/chronique/37428/albert-camus-nobel> (visto em 08-01-2018).

CARREIRA NEVES, Joaquim das, *Escritos de São João, Escritos de São João*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2004.

*Catecismo da Igreja Católica*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2000.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Comunhão e serviço: A Pessoa Humana criada à Imagem de Deus*, in [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/cti\\_documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20040723\\_communion-stewardship\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_20040723_communion-stewardship_po.html) (visto em 25-08-2017).

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA, *Sexualidade Humana: Verdade e Significado. Orientações Educativas em Família*, Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa, 1996.

CORREIA, José Frazão, *A Fé vive de afecto*, Paulinas, Prior Velho, 2013.

DANIÉLOU, Jean, *La Trinité et le mystère de l'existence*, Desclée de Brouwer, Paris, 1968.

DAVIES, Don; MARQUES, Ramiro, Marques e SILVA, Pedro, *Os Professores e as Famílias: a colaboração possível*, Livros Horizonte, Lisboa, 1997.

*Dicionário português Priberam*, in <https://dicionario.priberam.org/> (visto em 26-08-2019).

FORTE, Bruno, *A Trindade como História*, Paulinas, São Paulo, 1987.

FRUTOS, Eugenio Albuquerque, “La Esperanza, alma de la educación”, in <http://www.pastoraljuvenil.es/la-esperanza-alma-de-la-educacion/> (visto em 07-12-2019).

GAMA, Sebastião da, *Diário*, Edições Ática, Lisboa, 1962.

GANDON, Odile, ed., *La charité : l'amour au risque de sa perversion*, Autrement, cop, Paris, 1993.

GARCÍA, J. Manuel, “Horizontes de espiritualidad para los jóvenes en Europa”, in <http://www.pastoraljuvenil.es/horizontes-de-espiritualidad-para-los-jovenes-en-europa/> (visto em 07-12-2019).

GRESHAKE, Gisbert, *El Dios Uno y Trino, Una teología de la Trinidad*, Herder, Barcelona, 2001.

HALÍK, Tomás, *Quero que Tu Sejas! Podemos Acreditar no Deus do Amor?*, Paulinas, Prior Velho, 2015.

KÜMMEL, Georg, *Introdução ao Novo Testamento*, Paulinas, São Paulo, 1982.

LAURENTIN, René, *Traité sur la Trinité, principes, modèle et terme de tout amour*, Fayard-Le serment, Paris, 2000.

LEMIEUX, Raymond, « Le monde des jeunes aujourd'hui : une culture étrangère à l'Église? »  
*Théologiques*, 6 (1998), pp. 81 – 102.

LEWIS, Clive Staples, *Los Cuatro Amores*, Harper Collins Publishers: Rayo, New York,  
2006.

MARTINS, Juliana, “Um em cada quatro jovens acredita que a violência no namoro é normal”, *Público*, (2 de junho de 2015), in  
<https://www.publico.pt/2015/06/02/sociedade/noticia/os-jovens-conhecem-a-linha-que-separa-amor-de-violencia-1697673> (visto em 10-12-2017).

MENDONÇA, José Tolentino, “Mediação cultural: um novo contexto para a transmissão religiosa?”, *Communio*, 4 (2006), pp. 435- 441.

MESSIAS, Teresa, “Apontamentos da disciplina de Espiritualidade Juvenil”, texto não publicado para uso dos alunos da disciplina de Espiritualidade Juvenil, Faculdade de Teologia, 2017, pp. 1-104.

NYGREN, Anders, *Érôs et Agapè*, Tome I, Les Éditions du Cerf, Paris, 2009.

\_\_\_\_\_, “Agape and Eros”, in SOBLE, Alan, ed., *Eros, Agape and Philia, Readings in the Philosophy of Love*, Paragon House, New York, 1989, pp. 85-95.

O'NEILL, Alexandre, “Amigo”, in *Poesias Completas -1951/1986*, INCM, Lisboa,1995.

PALMA, Alexandre, “Acreditar no amor. O elo entre o apelo humano e o dom divino. Envolvidos no amor de Deus pelo mundo”, in *Itinerário temático do centenário das aparições de Fátima*, Santuário de Fátima, Fátima, 2013, pp.4-10.

\_\_\_\_\_, *A Trindade é um mistério, mas podemos falar nisso*, Paulinas, Prior Velho, 2014.

PAPA BENTO XVI, Carta Encíclica *Deus caritas est*, Paulinas, Prior Velho, 2006.

\_\_\_\_\_, Carta Encíclica *Spe Salvi*, Paulinas, Prior Velho, 2009.

PAPA FRANCISCO, Exortação Apostólica *Christus Vivit*, in,

[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/pa-pa-francesco\\_esortazione-ap\\_20190325\\_christus-vivit.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/pa-pa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html) (visto em 10-10-2019).

\_\_\_\_\_, *Vós sois artesãos de futuro*, Nascente, Amadora, 2018.

PAPA JOAO PAULO II, Carta Encíclica *Redemptor hominis*, Cidade do Vaticano, LEV, 1979.

\_\_\_\_\_, *Exortação Apostólica Familiaris Consortio*, São Paulo, Lisboa, 1994.

PONSARD, Christine, *A fé em família*, Paulinas, Prior Velho, 2007.

PRÉGENT, Richard, *La préparation d'un cours*, Les Éditions de l'École Polytechnique de Montréal, Montréal, 1990.

REIMÃO, Cassiano, “Afectividade, corporeidade e alteridade, desafios educativos”, *Communio*, 4 (2005), pp. 459-474.

RIVAS, Luis “Dios es amor (1Jn 4, 8. 16)”, *Communio*, 4 (2005), pp. 27-38.

SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Fundação SNEC, Moscavide, 2014.

SEMEN, Petre, *La Signification du pain et du vin dans les livres de l'ancien testament*, Facultatea de Teologie Ortodoxa, Iasi, 2002.

SÈVE, André, *Quando os homens viverem de amor*, Edições Paulistas, Lisboa, 1988.

- SOBLE, Alan, ed., *Eros, Agape and Philia, Readings in the Philosophy of Love*, Paragon House, New York, 1989.
- TARDIF, Maurice, *Saberes docentes e formação profissional*, Vozes, Petrópolis, 2002.
- VANNIER, Marie-Anne, *Cheminer avec Maître Eckhart, au cœur de l'anthropologie chrétienne*, Artège Éditions, Paris, 2015.
- VAUTHIER, Évelyne, "Le jeu en classe": *Cahiers Pédagogiques*, 448, (décembre 2006), pp. 15-16.
- VIAU, Roland, *La motivation à apprendre en milieu scolaire*, Les Éditions du Renouveau Pédagogique inc. (ERPI), Saint-Laurent, 2009.
- VINERBA, Roberta, *Se isto é amor...ABC da afetividade e da sexualidade*, Paulinas, Prior Velho, 2009.
- VOLTAIRE, *Dictionnaire Philosophique*, vol.4, Garnier Frères: Libraires Éditeurs, Paris, 1879, pp. 340-357.
- WEIL, Simone, *La Pesanteur et la grâce*, Librairie Plon, Paris, 1947.
- WILER, Alain, *El Educador al servicio de la fe*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1985.